

# A SEITA DO DIABO



Projeto  
Passo Fundo  
Apoio à cultura

Odilon Caneda Alvares

Versa essa estória sobre acontecimentos ocorridos em Dois Pinheiros, pequena e pacata cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde Oscar, um jovem policial, vai trabalhar sob a chefia de Pedro, um delegado também na flor da idade. Pelos acasos da vida, ambos acabam enfrentando uma quadrilha de malfeitores de âmbito nacional, que age tranquilamente, tendo como chefia políticos locais – vereador, prefeito e um deputado federal – que, aproveitando-se de seus cargos, mantêm esta quadrilha intitulada Seita do Diabo. Dois destes nefastos criminosos, Martin (o prefeito) e Paulo Schmidt (deputado federal), iniciam sua carreira criminosa torturando e matando os próprios pais, ironicamente um padre e um pastor. Qual será a sina de nossos heróis? Serão parados estes malfeitores? Para saber, só devorando página por página desta deliciosa ficção, até o momento derradeiro em que finalmente a trama se desenlaça e o destino se mostra, justo ou não.

# A seita do diabo





Odilon Caneda Alvares

## **A seita do diabo**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

E-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 17/01/2017

A473s Alvares, Odilon Caneda

A seita do diabo [recurso eletrônico] / Odilon Caneda Alvares. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

1,2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-260-2

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## **Sumário**

A SEITA DO DIABO 7

A CARTA 36



## A SEITA DO DIABO

'Fim do inverno de 1970, chega à estação rodoviária da cidade de Sabiá do Sul, o ônibus vindo de Porto Alegre, com poucos passageiros, entre eles, um rapaz de aproximadamente vinte anos de idade. Estatura média, cor morena e olhos castanhos. Ao desembarcar do coletivo, chamou a atenção das pessoas que estavam na estação, por ser uma pessoa desconhecida na cidade, que por ser muito pequena, quase todos os moradores se conheciam, aguçando a curiosidade destas pessoas. O que foi notado pelo estranho que se dirigiu ao balcão de passagens e perguntou cordialmente para a funcionária que ali se encontrava, se na cidade tinha um hotel para passar a noite, pois já estava começando a escurecer.

Marilda assim se chamava esta pessoa, que era uma moça, de uns vinte anos de idade, estatura baixa, cabelos loiros, e um sorriso maroto nos lábios, esta, antes de responder a pergunta perguntou, se o forasteiro iria ficar na cidade por muito tempo, ou se estava só de passagem, no que foi informada que talvez demorasse algum tempo na cidade, e tornou a perguntar se havia hotel, o que foi respondido pela jovem que o hotel ficava na esquina.

Oscar pegou sua bagagem que era uma mala e uma sacola, agradeceu a informação e dirigiu-se para o hotel, onde foi recebido por um senhor de meia idade, que tratou de acomodar o hóspede, e avisar que dentro de uma hora seria servido o jantar,

Após o jantar Oscar saiu para dar uma volta, a fim de conhecer a cidade onde iria atuar como Inspetor de Polícia, e na sua profissão seria necessário conhecer bem a cidade e seus habitantes. Ao ser nomeado para trabalhar ali se informou sobre a cidade antes de sair da capital.

Em pouco tempo caminhou por algumas ruas, verificando que por onde passava era observado com curiosidade pelos moradores que andavam pela rua e muitas pessoas ainda ficavam sentadas em cadeiras em frente a suas casas, o que demonstrava tratar-se de uma cidade de pessoas pacatas e ordeiras.

Por volta das 22 horas voltou para o hotel e foi logo tomar um banho e dormir, pois no outro dia teria que se apresentar na Delegacia para começar seu primeiro dia como Policial após a formatura, na Escola de Polícia do estado do Rio Grande do Sul.

Levantaram-se por volta das 07 horas, após higiene pessoal, foi ao refeitório, tomou café, e saiu, para seu primeiro dia de trabalho, não antes de ser interrogado pelo dono do hotel sobre o que estava fazendo na cidade, e se voltaria para o almoço, pois ainda não tinha pago o pernoite. Oscar notando a

preocupação do comerciante, identificou-se e perguntou se poderia ficar morando no estabelecimento por algum tempo até que arrumasse casa para morar. Dito isto à filha do hoteleiro que estava ao seu lado até então calada, perguntou se Oscar era casado, o que foi dito que não; que local para morar poderia ser o hotel ou uma pensão, que seu soldo desse para pagar. Diante desta resposta a moça, que era uma loirinha muito bonita, de estatura média, olhos azuis e corpo bem feito, disse-lhe sem rodeios:

— Tu poderás ficar aqui no hotel que com pagamento mensal tem um bom desconto, não é papai?

— É, minha filha, mas combinamos mais tarde com o seu Oscar, sobre isso, pois ele deve estar em cima da hora e no primeiro dia de trabalho não é bom chegar atrasado.

A delegacia ficava a duas quadras do hotel, 07 horas e 55 minutos já estava em frente à casa onde funcionava a Delegacia de Polícia. Uma casa velha, porém bem cuidada de cor azul, com duas janelas brancas e uma porta entre estas janelas. A porta ainda estava fechada, Oscar ficou na frente aguardado, chegar a hora de começar seu primeiro dia de trabalho.

Às oito horas a porta foi aberta pelo lado de dentro, e apareceu um homem de mais ou menos trinta anos de idade, estatura alta, magro, cabelos loiros, olhos verdes, que ao ver uma pessoa estranha em frente à porta perguntou educadamente o que queria. Ao ser informado por Oscar que era o funcionário que havia sido nomeado para trabalhar naquela cidade, a pessoa que abriu a porta identificou-se como sendo o Delegado da cidade, e que se chamava Pedro Carneiro. Cumprimentou o recém-chegado com um forte aperto de mão, dizendo:

— Sejas bem-vindo! Pois até agora eu estava só, nesta Delegacia. Entraram e foram até o gabinete do titular da repartição, onde tiveram longa conversa, sem serem interrompidos. Era difícil acontecer de alguma pessoa entrar ali para registros de ocorrências, pois a cidade era muito calma, raramente acontecia delito e registros de veículos eram poucos.

Passaram a manhã conversando e o Delegado mostrando a Oscar as dependências da repartição, onde ambos deveriam trabalhar. Foi determinado que Oscar ficaria responsável pelas secções de investigações e trânsito, tudo sobre a supervisão do titular, que parecia não confiar muito em quem não conhecia, na hora pareceu louvável, pelo novo funcionário, que com autorização do chefe passou a colocar nestas duas secções os móveis a seu gosto, e a arrumar algumas pastas que estavam fora de lugar.

O chefe veio algumas vezes olhar e dar opiniões a respeito do que estava sendo feito, pois Oscar não tinha prática nenhuma do trabalho que iria

desempenhar ali, era um rapazola recém-formado e sem experiência, sabia o pouco que a Escola de Polícia ensinava em um curso de três meses.

Assim passou a manhã, e Oscar despediu-se cordialmente do chefe e foi para o hotel almoçar, o refeitório estava quase cheio de fregueses, mas ainda tinha uma mesa vaga, onde o forasteiro sentou-se. Logo foi atendido pela filha do proprietário, que era a garçonete do restaurante do hotel, e lhe perguntou o que gostaria de comer, Oscar educadamente perguntou a moça como se chamava e esta respondeu que era Helena, que voltou a perguntar o que iria comer, e disse que além do Buffet poderia também comer um churrasco, só que o preço era um pouco diferente. Oscar então disse que hoje seria um churrasco, para festejar o seu primeiro dia de trabalho, e o seu primeiro dia em qualquer emprego, pois até ali apenas tinha sido estudante, o que ainda continuava sendo.

Helena então perguntou se nunca tinha trabalhado antes deste dia, o que recebeu como resposta que nunca tinha tido um emprego, apenas trabalhava com os pais que eram agricultores. Com um olhar malicioso a moça saiu dizendo que já iria servi-lo.

Nesta ocasião Oscar olhou aquela moça e ficou reparando no seu andar tão elegante: seu andar e suas formas.

Helena vestia uma blusa azul, e uma saia preta, que lhe caíam muito bem, deixando ver que ela era uma bela mulher, com um bonito corpo, além de um belo rosto de olhos azuis como o céu.

Sem muita demora a moça passou a por pratos à mesa, sempre faceira no atendimento aos clientes, mas quando chegava na mesa de Oscar, este reparou que o pai da moça ficava sempre de olho, pois era o único estranho no local. A moça pareceu que estava um pouco interessada no novo hospede, que não tirava os olhos da garçonete, que lhe atendia sempre sorrindo.

Após o almoço tomou um cafezinho e foi para frente do hotel onde sentou em um banco embaixo de uma árvore florida, e ficou a pensar no seu primeiro dia de trabalho onde não atendeu viva alma na repartição.

Neste momento saíram do hotel alguns clientes, entre eles, um soldado que ali morava, e veio conversar com o forasteiro, perguntando se era ele o novo Inspetor que iria trabalhar na cidade, Oscar confirmou e levantando-se. Apertou a mão do PM, dizendo chamar-se Oscar, e perguntou o nome do Soldado, este disse chamar-se Machado, que já estava trabalhando na cidade há dois meses, e que neste período de tempo morava no hotel, pois era solteiro, e o preço da diária não era muito cara e o atendimento era bom. Oscar concordou com o atendimento, mas o preço ficaria sabendo a noite quando falaria com o dono do hotel.

Machado, era um jovem de uns vinte e dois anos mais ou menos, estatura baixa, forte, moreno claro, e olhos castanhos. Também era o seu primeiro trabalho e a primeira cidade que prestava serviço. Nesta ocasião Machado informou ainda, que tinha na cidade mais cinco PMs, e ele era o mais novo e o único solteiro, por isto morava no hotel.

Na hora de começar o trabalho, Oscar já estava em frente à Delegacia, a espera que esta fosse aberta.

A Delegacia ficava em frente ao Banco do Brasil, que era o único banco da cidade, quando chegou a DP Oscar parou de frente para o banco, e reparou que ali estava ocorrendo algo estranho, pois o vigia estava de frente para a parede como se estivesse de castigo na escola, então passou a observar o interior do banco, mas as cortinas não permitiam ver direito o que se passava em seu interior, então o novato foi até o banco, mas antes de entrar tratou de esconder sua arma um pouco ostensiva e poderia delatar-lhe a profissão.

Ao entrar no banco sentiu o cano de uma arma em suas costas, e uma pessoa, com uma máscara no rosto que ordenou ao policial que se deitasse ao chão. O banco estava sendo assaltado. Pensou em reagir, tinha conhecimento de artes marciais, e poderia vencer a situação com aquele facinora. Olhou ao redor e viu que tinham mais pelo menos três e todos com armas na mão, e uma pessoa como refém, sob a mira de uma pistola. Este refém, era o Delegado.

Deitou-se no chão, como determinado pelo ladrão e ficou observando o que ocorria para ver se teria condições de fazer alguma coisa. Viu que seria muito arriscado. Tinha umas quinze pessoas no interior do banco e um tiroteio na ocasião, certamente, algum inocente sairia ferido ou morto.

Antes de saírem do banco os bandidos algemaram o Delegado em uma pilastra do banco, deram-lhe alguns chutes na bunda e saíram do banco, avisando que se alguém tentasse sair do banco enquanto eles estivessem na frente levaria tiros.

Bandidos na rua! Oscar pegou sua arma e saiu correndo. Foi recebido a tiros pelos meliantes, e para evitar ser baleado jogou-se no chão atrás de uma camioneta, que estava estacionada em frente à porta do banco e por sua vez passou a fazer, tiro ao alvo nos ladrões. Ocasão em que o carro saiu cantando pneus.

Neste momento Oscar levantou-se e caprichou na pontaria tentando acertar o motorista, o que aconteceu, com um tiro certeiro. Acertou o ombro do motorista, fazendo com que este batesse o carro em uma, árvore.

Com o acidente os assaltantes que eram quatro, saíram do carro e fizeram fogo cerrado sobre o policial, que respondendo aos tiros dos assaltantes foi acertando um a um com tiros certos, fazendo-os parar de

atirar. Até que sobrou apenas um, e jogou sua arma fora gritando que estava entregue, e que seus companheiros estavam todos feridos.

Nesta ocasião, chegava a viatura da brigada, que alertados por morador que havia visto o que acontecia no interior do banco, e os Militares que não conheciam o novo Policial civil, passaram a atirar contra o mesmo pensando que este era um dos assaltantes. Baleando no braço esquerdo e na perna direita, só parando de atirar quando alguém gritou para eles que aquele era da Polícia e que os assaltantes eram os que estavam do outro lado da rua, quem avisou aos soldados do erro foi o PM Machado, que já conhecia Oscar.

Na viatura tinham três soldados e o comandante Sargento Garcia, comandante do posto Policial da cidade.

Após parar o tiroteio, os militares foram em direção ao carro onde estavam os malfeitores e os dominaram notando que: estavam ali três homens feridos. O que havia se entregado sem ser ferido, havia fugido aproveitando o engano da Polícia, levando uma sacola com o dinheiro do roubo. Oscar que estava sendo socorrido por Machado, avisou que o outro havia fugido e disse para Machado me deixasse ali e fosse atrás do que fugiu porque provavelmente ele levara o dinheiro do roubo, pois estava com uma sacola na mão. Oscar havia visto ele dobrando a esquina, correndo com a sacola na mão, porém Machado preferiu socorrer a correr atrás do meliante fujão.

Com o cessar do tiroteio saíram do banco os funcionários deste e alguns assustados clientes, que ajudaram a Polícia militar a socorrer os feridos. Oscar lembrou do Delegado que estava algemado no banco e perguntou a Machado se tinha chaves de algemas, com a resposta positiva deste, pediu-lhe que entrasse no banco e soltasse o Delegado que estava algemado em uma pilastra do banco, o que foi feito por Machado, porque Oscar, já estava sendo socorrido pela bela e curiosa Helena que com o barulho dos tiros correu para ver o que estava acontecendo. Encontrando o cliente do hotel ferido veio cuidar deste, que sangrava bastante no braço e na perna esquerda. Helena que tinha curso de auxiliar de enfermagem, foi procurando estancar o sangramento do ferido.

Sem demora colocaram o Policial ferido em uma viatura e levaram para o pequeno hospital da cidade onde logo foi atendido, juntamente com os malfeitores que também foram levados para aquele hospital.

Como na cidade tinha apenas um médico e três enfermeiras, o médico examinou os ferimentos do policial e ao ver que não tinha muita gravidade, pediu para Helena fazer uns curativos nos locais machucados, pois conhecia a moça e sabia que poderia deixar para ela tal trabalho. Foi ver os outros feridos que estavam com bastante gravidade.

A moça estava um pouco nervosa. Oscar falou perguntando-lhe se tinha morrido e estava no céu, sendo tratado por um anjo, e se não estivesse morto, daria um jeito de ser novamente ferido para ser cuidado por Helena, que sorriu. Disse: - Escapastes por pouco. Não viste o que o médico disse, que por pouco não atingiu a femoral, e neste caso estaria realmente morto. Enquanto eram feito os curativos, de emergência, entrou na enfermaria o Delegado, que olhou para o policial ferido e perguntou como estava. Oscar respondeu que estava em ótimas mãos, perguntando logo como estavam os outros feridos, pois não gostaria de começar matando pessoas mesmo que fossem marginais. Pedro disse que se morresse, nada se perderia. Deixariam de praticar delitos, mas que dois deles estavam com ferimentos graves, mas o doutor iria operar um e o menos grave iria ser encaminhado para a cidade vizinha onde seria operado. Olhando para Helena, agradeceu sua colaboração em ajudar o seu funcionário e foi saindo para ver se achava o fujão, que realmente tinha levado o dinheiro do banco.

Oscar ao ouvir esta informação disse ao seu chefe, que o ladrão que fugiu tinha uma tatuagem de um diabo no braço esquerdo, e que era um homem alto, magro e parecia ter cabelos longos e pretos. O delegado perguntou como sabia destes detalhes, e recebeu como resposta que esse não foi ferido porque soltou a arma e levantou os braços entregando-se, pouco antes dos militares chegarem.

Pedro aproveitou para perguntar se o ferido sabia quem o havia ferido, o que Oscar, pediu para conversar a este respeito mais tarde. A conversa seria longa e estava um pouco cansado, então o delegado fez sinal de positivo com o dedo polegar e saiu deixando Oscar aos cuidados de Helena, que estava acabando de fazer o último curativo.

Após os curativos, a moça passou a perguntar como havia acontecido o tiroteio. Oscar lhe contou com detalhes omitindo apenas os chutes no Delegado e o engano dos militares em relação a sua pessoa. Depois falaram sobre várias coisas pessoais dos dois, até que Helena perguntou se ele tinha esposa ou namorada. Ele respondeu que não tinha nem uma nem outra. Perguntou se Helena tinha algum namorado ou marido. Ele já sabia que ela não tinha. Helena em tom de brincadeira perguntou “como sabes que não tenho marido, se chegaste ontem a cidade e me viu apenas duas vezes. Oscar respondeu: -Sabes a minha profissão. Eu me considero um bom investigador, e fiz as minhas investigações a respeito, fiquei sabendo na primeira vez que te vi, perguntei ao teu pai, sem saber que eras filha dele. Mas como? perguntou Helena,

— Simples, respondeu o ferido, quando o dono do hotel veio falar comigo eu perguntei se você era esposa do Mario, o garçom que trabalha no restaurante, e ele me disse que você era solteira e filha dele.

— Então me diga: por que o interesse sobre a minha pessoa? Será que cometi algum crime e não sei?

Oscar respondeu que ao vê-la, ali tão bela e trabalhando contente com um brilho lindo nos olhos interessou-se por ela, disse ainda: -É aquela coisa que acontece no primeiro olhar entre duas pessoas. Pelo menos, comigo foi assim, e pareceu-me que contigo aconteceu o mesmo interesse. Neste momento entrou na sala o médico, e não deu tempo para a moça responder a pergunta, mas seus olhos responderam por ela, como uma confirmação.

— Dr. Júlio, entrego-lhe o paciente, tenho que ir para casa, pois o trabalho me aguarda. O médico agradeceu a moça e foi ver o ferido. Conferiu os curativos e foi dizendo:

— Tu tiveste sorte, rapaz, o tiro na perna poderia ter atingido a femoral, e neste caso acho que não estarias aqui falando comigo.

— Doutor, vaso ruim não quebra facilmente, e eu sempre tive bastante sorte a este respeito, graças a Deus. O médico em tom de deboche completou: “no amor parece que também tens bastante sorte, pelo menos foi o que me pareceu”. Fingindo não entender, Oscar perguntou: Por que doutor? E o médico completou: Tu estás parando no hotel, e certamente vai encontrá-la diariamente, trates bem dela que é uma ótima menina, muito séria e responsável, e seu pai é uma fera em se tratando da sua única filha.

— Doutor, o Sr. é um bom observador, agradeço o seu conselho, e lhe garanto que não farei nada que possa fazer surgir a fera no pai da moça. O médico ia fazer um comentário quando bateram na porta e esta se abriu, e ali estava o PM. Machado, perguntando se poderia entrar, o que lhe foi dito que sim pelo médico, que perguntou se queria falar com ele ou com o seu paciente. Machado disse que era com o paciente. O doutor retirou-se do quarto aconselhando em tom de brincadeira, para o visitante que não levasse o paciente, ele era seu prisioneiro até dar-lhe alta. Oscar olhou para o PM. e perguntou:

— Conseguiste pegar o que escapou? O que lhe foi respondido negativamente. Notando o militar meio sem jeito, o ferido perguntou o que estava acontecendo, o que Machado sem jeito disse:

— Quase te matamos e parece que tu não viste que fomos nós quem te baleamos.

Oscar olhou para Machado e em tom sincero disse:

— Foi um acidente e acho que deveria ser esquecido, espero que não tenham falado disso a ninguém, pois eu não tenho intenção de falar. Diz para os teus colegas que eu direi que não sei quem me baleou, apenas que na próxima vez, que entrarem em um tiroteio tenham mais cuidado, para evitar

enganos. Diga a eles que está tudo bem, e quando sair daqui passarei lá para tomar um chimarrão, com todos. Diante destas declarações o militar apertou a mão do ferido e agradeceu a compreensão, em nome dos seus colegas que haviam atirado, em Oscar.

Na manhã seguinte bem cedo Oscar foi acordado por Helena que lhe trazia uma bandeja farta com várias iguarias e um bule de café com leite. E brincando foi logo perguntando:

— Como é, vai se entregar para dois buraquinhos destes? Vamos sair da cama e se lavar para tomar o café, que lhe trouxe lá de casa porque o daqui é meio fraco, e você precisa se fortalecer para pegar o outro que fugiu. Os teus parceiros não o pegaram ainda. Oscar também em tom de brincadeira respondeu:

— Sim senhora! Após o café sairei à procura do quarto ladrão e só voltarei com ele algemado, está bom assim ou deverei ser mais rápido, chefe. Foi tirando as cobertas de cima para levantar-se. Ao sentar-se na cama sentiu uma forte dor na perna ferida, soltando um gemido, e a moça disse-lhe: -Calma que esta perna vai doer ainda por alguns dias e eu vou te ajudar agora a ir ao banheiro se lavar, mas depois provavelmente te darão um par de muletas para tu te locomover.

Chegando perto do ferido, Helena ofereceu-lhe o ombro para que se apoiasse a fim de ir ao banheiro.

— Agora acho que tu poderias me deixar só, e depois eu chamo-te para voltar ao quarto. A moça saiu e após alguns minutos Oscar a chamou para ajudar-lhe a voltar para o quarto, sendo novamente amparado pela garota, que o ajudou a subir na cama. Ele poderia ter ido pulando em um pé só, mas estava tão gostoso ficar perto dela que fez até um pouco de manha, para ser ajudado. Naquele dia, ela lhe pareceu ainda mais bela do que nos dois anteriores. Estava usando um perfume suave e muito gostoso, uma maquiagem quase imperceptível, e que lhe caia muito bem. Enquanto tomava café conversaram animadamente sobre várias coisas, até que ela perguntou ao ferido o que quis dizer quando disse que estava interessado nela.

— Que tipo de interesse foi este? Perguntou Helena, olhando com cara de curiosa.

Oscar olhou-a sério e disse:

— Quer mesmo saber, ou é apenas curiosidade? Acho até que tu já sabes e, quer apenas ter certeza de que entendeste bem o que eu disse ontem.

— Talvez, respondeu a moça, mas gosto de ter respostas exatas das coisas. Diante disto o ferido pegou a mão da moça e disse:

— Exatamente como queres não posso te dizer hoje, mas posso dizer que gostei muito de ti , desde o primeiro dia que a vi, e não gosto de enrolar ninguém , e posso te dizer que gosto de ti, e gostaria de poder conhecer-te melhor para poder dizer-te algo mais.

— E gostaria de perguntar agora para ti mesma, tens Marido, namorado ou noivo? Perguntou isto olhando nos belos olhos azuis da menina, e aguardou a resposta da mesma forma.

Helena por sua vez, respondeu, que não tinha ninguém, mas que também tinha gostado dele no primeiro olhar, no hotel. Oscar em tom de brincadeira disse:

— Os homens desta cidade são cegos, por não terem te visto. Graças a Deus, tu estás livre, queres namorar comigo? Também estou só, há muito tempo.

Helena com jeitinho tirou a mão das mãos do rapaz e disse:

— Posso pensar? Antes desta resposta, com olhar de triste o policial concordou.

A moça saiu do quarto lavando a bandeja do café, deixando Oscar sem resposta.

Por volta das nove horas o médico chegou acompanhado pelo Delegado, perguntando como tinha passado a noite, o que foi respondido que bem, mas com um pouco de dor nos ferimentos.

— Qual é o que incomoda mais? Perguntou o doutor.

— O da perna, respondeu o ferido.

— Muito bem já queres ir embora? Perguntou o doutor.

— Claro! Se me der alta, irei agora mesmo.

— Irás para onde?

— Para o hotel, respondeu Oscar.

— Muito bem, Helena poderá fazer os curativos, e não precisarás andar muito para fazer as refeições.

O Delegado que acompanhava o médico, disse que Oscar após se curar poderia ficar em um quarto ao lado da garagem da Delegacia, onde não precisaria pagar para morar.

— Nada do quarto assaltante Dr. Pedro? Perguntou Oscar, sendo dito que até agora nada, mas que Oscar não se preocupasse com isto, pois estava

na cidade vários policiais da região a procura do malandro, e provavelmente logo o pegariam, e dirigindo-se para o médico perguntou:

— Então este rapaz já vai ter alta. Neste caso poderei dar-lhe uma carona até o hotel, já que estou de condução, mas não poderei demorar muito pois ainda não abri a repartição.

Chegando ao hotel, com a viatura da polícia que era um fusca branco e preto, já bastante usado mas bem cuidado, o Delegado desceu e foi ajudar Oscar a sair pois tinha que pegar as muletas que estavam no banco traseiro. Ajudou o ferido a subir os cinco degraus até a porta do hotel, onde ao ver o recém-chegado, o garçom veio ajudar o hóspede a entrar e ir para o seu quarto, onde se deitou um pouco e pediu um copo de água para tomar os remédios. O rapaz saiu para trazer a água mas voltou Helena com o copo de água, e com um ar muito sério, perguntou se queria mais alguma coisa, sendo que Oscar respondeu que era só no momento, e perguntou:

— Por que está tão séria? Foi alguma coisa que eu te disse e tu não gostaste?, E ao sair a resposta foi:

— Não sei se posso levar a sério o que tu me disseste hoje pela manhã lá no hospital, e saiu rápido do quarto, não dando tempo a Oscar lhe dar a resposta.

Ao meio dia veio o garçom, trazer o almoço para o hóspede. Uma bandeja farta com muita comida e um refrigerante. Oscar olhou para o rapaz, que o servia, agradeceu e perguntou como se chamava, e este disse chamar-se Julio, e que estaria no restaurante mas se precisasse de alguma coisa era só bater no soalho com a muleta que ele viria.

— Obrigado Julio, mas daqui à uma hora podes voltar que já terei terminado o almoço. Julio saiu fechando a porta e Oscar ficou pensativo sobre a atitude da moça, que parecia não querer ver-lhe, será que fui muito apressado com o pedido de namoro com a garota. Eles se conheciam há apenas dois dias, mas ele não era de fazer rodeios, quando queria alguma coisa ia a luta, e era o que tinha feito, mas se não deu certo, daria tempo ao tempo para que a moça o conhecesse melhor. A atitude dela era normal, e deveria dizer isto a ela quando a visse novamente.

Por volta das 15 horas bateram na porta e Oscar não respondeu, ficou deitado como se estivesse dormindo. Era Helena que vinha buscar a bandeja do almoço, achando que ele estivesse dormindo a moça parou diante do hóspede e ficou a olhar para ele examinando-o com muita curiosidade. Destapou a mão esquerda que estava em baixo das cobertas e examinou-a com cuidado e depois a outra. Como Oscar não acordasse pegou a carteira funcional de Polícia que estava em cima de uma mesinha, abriu e olhou, e deu uma risadinha, como se descobrisse o que queria saber, deixou a carteira no

lugar onde estava e saiu levando a bandeja. Oscar que a observava sorratamente sem que ela notasse, achou que ela queria ter certeza de que ele era realmente solteiro, se não tinha nem noiva, pois não havia sinal de aliança nos dedos.

Por volta das vinte horas chegou a seu quarto acompanhado pelo doutor o Delegado e a moça. Entraram no quarto, e o médico perguntou:

— Como estão te tratando, estás melhor que no hospital ou não?

— Hoje não posso dizer nada, pois, passei o dia inteiro dormindo. Apenas acordei para almoçar, e nem vi quando o Mario veio buscar a bandeja.

— Muito bem! O sono é normal, os remédios que estás tomando provocam sonolência. Vamos ver estes ferimentos como estão, e vamos fazer novo curativo. Tens sentido dores?

— Só no coração doutor, e olhou para a moça sem que os outros notassem e viu que ela ficou corada.

O médico perguntou: -Por quê? Tens problemas de coração? -Não doutor, é que um dos bandidos escapou, e isto dói no coração. Todos riram, mas a moça entendeu, que a dor no coração seria por conta dela e deu uma risadinha, e perguntou ao médico:

— Doutor, vai precisar de ajuda? Quer que faça o curativo no teu paciente? O médico respondeu:

— Se tudo estiver bem daqui para frente deixo que tu cuides dele. Se ele não tiver nada contra.

— Não, responde Oscar, acho que estarei em boas mãos.

Helena tirou as bandagens dos ferimentos e o médico olhou apalpou e perguntou se estava doendo muito ou se dava para agüentar. Oscar respondeu que dava para agüentar que a dor era pouca apenas ao se mover doía mais. Dito isto, o médico disse:

— Levanta a perna para ver como estão os músculos, o que foi feito apenas com um ai, e o braço da mesma forma.

— Muito bem rapaz. Dentro de uma semana poderás voltar ao trabalho. Ao saírem, o médico e o Delegado, deixaram Helena fazendo o curativo.

Os jovens ficaram algum tempo calados até que Helena olhou nos olhos de Oscar e perguntou:

— Tu não estavas brincando, lá no hospital quando me pediu em namoro, estavas?

Oscar pegou a mão da moça e respondeu olhando nos olhos dela.

— Não costumo brincar com estas coisas, e o pedido é sério, pode até ser que não dê certo, porque nos conhecemos há pouco tempo, mas isto só o tempo dirá.

Helena que olhava para Oscar disse:

— Aceito! Mas prometa-me que se achares que não vai dar certo, me dizer logo que chegares a esta conclusão.

— Prometo se tu me prometeres a mesma coisa. Está bem?

— Também prometo, disse a moça, mas agora vou ter que ir, porque tenho trabalho para fazer, não sou como uns que bancam os valentes e levam tiros para ficar sem trabalhar. E sorrindo saiu, quase correndo. Oscar chamou-a para dizer mais alguma coisa, mas ela não escutou, ele somente ouviu o barulho dela descendo as escadas para o refeitório.

Pouco antes do jantar chegaram ao quarto do policial, o comandante da PM e outros dois soldados. Bateram na porta e entraram perguntando se poderiam entrar, lhes foi dito que sim. Eram o sargento Garcia e os soldados Silva e Silveira.

Garcia era um homem de uns 35 anos mais ou menos, alto, forte, careca e farto bigode.

Silva era um senhor de 50 anos, estatura média, e um pouco acima do peso. E Silveira era um homem de 40 anos, de cor preta, alto, e forte. Os três pararam diante do ferido e o sargento foi logo dizendo:

— Olha, houve um engano, mas o meu pessoal atirou em ti porque não sabia quem tu eras, e achamos que eras um dos assaltantes. E a ordem de atirar partiu de mim. Viemos aqui para desculpar-nos e ver se precisas de alguma coisa.

Oscar aguardou calado enquanto o sargento falava, e quando ele parou, disse:

— Falaram com o Machado?

— Sim! Respondeu Silva.

— Então já devem saber o que penso a respeito dos tiros que os bandidos me acertaram, eu sei como aconteceu mas, no inquérito, direi que acho que os tiros saíram das armas dos bandidos, como já disse ao Delegado e ao doutor. Não se preocupem. E quanto a me ajudar, poderiam me ajudar a levantar, para ir ao banheiro, que estou apertado há bastante tempo, e as muletas estão ali encostadas na parede, acho que estão querendo que eu não saia da cama. Os PMs, ajudaram o ferido a levantar-se, e após Oscar sair do banheiro, ficaram ainda conversando, por longo tempo, até que Helena entrou

com a bandeja do jantar de seu paciente. Cumprimentou os PMs, que despediram-se, e foram embora deixando os jovens sozinhos.

Oscar estava sentado em uma poltrona que tinha no quarto. A moça colocou a bandeja em cima da mesinha, e voltou-se para perguntar se o rapaz queria comer ali no sofá ou se queria sentar-se à mesa. Mas não pode terminar a frase que tinha iniciado, pois foi abraçada pelo rapaz que estava em pé em uma perna só. Ela correspondeu ao abraço, apoiando o moço. Apoiado, olhava para aqueles olhos azuis e ela para os olhos verdes dele. Ficaram assim por algum tempo até que se beijaram pela primeira vez. Foi um longo beijo, interrompido por uma batida na porta, por onde entrou o garçom Julio, trazendo um refrigerante. Vendo os dois abraçados apressou-se para amparar Oscar, pois achou que Helena estava segurando-o para ir até a mesa. Dizendo:

— Helena, deixa que eu o ajudo ir até a mesa. A moça soltou o ferido e ficou olhando ele chegar a mesa e sentar-se em uma cadeira de madeira forrada com uma almofada azul, que Helena havia trazido. Após acomodar o rapaz na cadeira Julio foi saindo, e ao sair disse:

— Se precisar de ajuda podes me chamar.

— Obrigado - respondeu Oscar - se precisar eu te chamo. Quando o garçom saiu os dois namorados riram e a moça disse:

— Se ele fosse um pouco mais esperto teria percebido o que estava acontecendo. Oscar olhou nos olhos dela e perguntou:

— Temos que fazer segredo ou os outros podem saber?

Ela respondeu que seu pai teria que ficar sabendo por ela e não por estranhos, que nada tem a ver com ocaso. Mas que gostaria de esperar um pouco para falar a ele, depois que ambos tivessem certeza do que queriam, antes de divulgarem ao público.

Oscar olhou novamente para a moça e disse:

— Vou te perguntar uma coisa que, normalmente as mulheres não gostam de responder, quantos anos tu tens?

— 19 anos de idade, e tu?

— 21 anos, fiz em 25 de janeiro deste ano, e tu quando faz aniversário?

— Dia 20 de setembro, exatamente daqui a vinte dias, vou fazer vinte aninhos.

Oscar terminou o jantar, e a moça disse:

— Preciso ir ajudar no refeitório, porque nesta hora deve estar cheio, e o Julio sozinho não dá conta de atender aos fregueses. Pegou a bandeja e ia sair quando Oscar segurou-a pelo braço e perguntou:

— Não está se esquecendo de nada, meu bem? E com um olhar de tristeza disse:

— Nem um beijinho de boa noite, pois pretendo tirar o atrasado e dormir bastante?

Helena ajudou o rapaz a levantar-se e, deu-lhe um beijo ardente o que foi prontamente correspondida, ajudou o seu paciente ir até a cama, logo após outro beijo e saiu levando a bandeja.

No dia seguinte, por volta das 07 horas, Helena entrou no quarto, sem bater. Encontrou Oscar saindo do banheiro, enrolado em uma toalha, branca, pulando em um pé só, e ao ver a moça quase caiu, sendo amparado por ela que disse:

— Fazendo arte, seu moço. Por que não esperaste que viesse alguém te ajudar? O rapaz olhou nos olhos da garota e com jeito malicioso perguntou, tu virias me dar banho? Da mesma maneira maliciosa ela respondeu:

— Não, claro que mandaria papai ou Julio, acho que tu gostarias mais. Eles são mais fortes do que eu e poderiam te ajudar mais.

— Não obrigado, barbado só milho verde e olha lá, prefiro arriscar cair sozinho. Mas já que estás aqui colocou as duas mãos uma de cada lado do rosto de moça e deu-lhe um beijo, e disse:

— Chegastes bem na hora, pois estava ficando tonto, de tanto que dói esta perna machucada, acho que é de dar pulos para ir ao banheiro, e lá tive que afirmá-la no chão para não cair. — É, comentou a moça, está sangrando um pouco, vamos fazer logo este curativo, espera que vou buscar o material, e saiu voltando em seguida, acompanhada pelo médico que estava tomando café no hotel.

— Andou fazendo arte, rapaz.

— Não, fui só tomar banho e escorreguei no banheiro, coisa de nada.

— Vamos ver este ferimento como está. E o braço tem incomodado?

— Não, doutor, este não dói nada. O médico examinou os ferimentos.

— Não foi nada, apenas um pequeno sangramento. O médico perguntou a moça se poderia fazer o curativo.

— Claro doutor, deixe comigo, que vou judiar bastante deste arteiro para que da próxima vez peça ajuda. O médico olhou os dois que estavam se olhando como se ele não estivesse ali. Ao sair disse:

— Juízo meninos, deu uma risadinha e foi embora. Oscar olhou para a sua enfermeira e comentou:

— Acho bom dizer logo a teu pai sobre nós, ou ele vai ficar sabendo pelos outros, nós estamos dando na vista. Eu por mim, já teria dito, pois da minha parte acho que temos futuro longo. Helena olhou para o rapaz e disse:

— Opa! Estou sendo pedida em casamento, não achas cedo demais para isto?

— Não foi isto que eu disse e nem pensei no assunto, tu que estás querendo precipitar as coisas. Deram uma longa risada, os dois. A conversa ia animada enquanto a enfermeira fazia os curativos no rapaz, quando entrou no quarto, o Sr. Francisco, pai da moça.

— Como está, rapaz? Em tom de brincadeira, será que vai dar para ir almoçar no refeitório?

Oscar olhou para interlocutor e respondeu:

— Se a enfermeira permitir, irei, já estou cansado de ficar nesta cama. A moça respondeu para ambos que se tivesse alguém para ajudar a descer as escadas que poderia, mas caso contrário ficaria preso ali por mais alguns dias.

Assim passou-se 10 dias e Oscar se recuperou, e mesmo com um pouco de dor na perna, apresentou-se na delegacia de polícia na hora do expediente. O Delegado abriu a porta e lá estava Oscar encostado na parede esperando, para começar seu segundo dia de trabalho.

— Que faz aqui, perguntou o chefe, ao rapaz, tu ainda não estás em condições de trabalhar, foi o que o doutor me disse. —Talvez, mas ficar naquele hotel, sem fazer nada, não dá. Se me permitir voltar ao trabalho, agora mesmo, vou fazendo o que posso.

— Tudo bem, disse o chefe, tu estás fazendo falta, e poderás fazer serviços internos sem se movimentar muito. Tudo bem! -Então estou começando novamente.

Passaram-se os dias e Oscar recuperou-se totalmente dos ferimentos. Chegou o dia do aniversário de Helena.

Dia vinte de setembro, por volta das oito horas, Oscar após tomar café, saiu e foi a uma loja que havia em frente a estação rodoviária comprar um presente para sua namorada. Entrou na loja e foi atendido por uma moça, magrinha, baixinha, meio feia mas muito simpática. Perguntou o que queria, o

que o rapaz respondeu que queria um presente para uma moça. Pediu a opinião da vendedora, esta perguntou se era para esposa ou namorada, o que recebeu como resposta que era para a namorada. A vendedora perguntou se era da cidade, o que o comprador achou que não precisava responder, e deu as características da moça que receberia o presente, e que este presente poderia ser uma jóia ou um perfume, pois conhecia a pouco tempo e ainda não sabia seus gostos. Dito isto a balconista mostrou para o rapaz alguns perfumes. Sugerindo um perfume cheiro suave de rosas, em uma embalagem muito bonita, que o rapaz mandou empacotar para presente.

À noite, na hora da festa, Oscar deixou passar um pouquinho da hora marcada para descer de seu quarto, pois a festa seria no salão do refeitório do hotel. Deixou que chegassem alguns convidados, pois iriam contar ao pai da aniversariante que estavam namorando. Vinte e uma horas, Oscar desceu para a festa, vestindo um terno, marrom, camisa branca, gravata listrada. A aniversariante ao vê-lo foi ao seu encontro sorridente, dizendo:

— Atrasado, meu bem. Deu um abraço e um longo beijo no policial, o que deixou todos surpresos, menos o pai da moça, que já sabia, pois ela havia dito para ele, que estava namorando, o rapaz. Helena em tom de brincadeira, subiu dois degraus da escada, que leva para os quartos do hotel, e disse:

— Atenção meninas, mostrando a seu lado Oscar e disse sorridente, este aqui é meu namorado, nada de arrastarem as asinhas para ele, tá legal! Oscar entrando no tom da brincadeira, por sua vez disse:

— Atenção rapazes, essa menina é minha namorada, então nada de apontar seus olhos de gaviões, para ela. Todos riram bastante. Fizeram comentários como:

— Toma cuidado, porque ainda não casou, e até lá tudo pode acontecer, disse Marilda, com um sorriso maroto. Nesta ocasião, começou a tocar um samba. Oscar convidou Helena para dançar. Os convidados ficaram olhando o casal exibir-se na sala, pois mesmo sendo a primeira vez que dançavam juntos se acertaram muito bem, como se estivessem acostumados a dançar. Oscar falou ao ouvido de Helena:

— Não me enganei contigo, pois danças muito bem, o que a moça rebateu:

— Tu sim, me enganaste pois achava que eras um mau dançarino, mas vejo que me enganei feio. Neste instante, entrou na sala um rapaz magro, alto, de cabelos pretos compridos até os ombros, com um pacote na mão. Dirigiu-se em direção ao casal. Helena quando o viu parou de dançar. Disse a Oscar:

— Quero te apresentar um amigo, que acaba de chegar.

O policial virou-se e olhou para o recém chegado. Este parou, como se tivesse levado um choque, quando viu quem estava dançando com a aniversariante, o susto foi tão grande que chamou atenção de algumas pessoas, que ali estavam. Inclusive dos namorados que dançavam. Helena brincando perguntou:

— Estás devendo alguma coisa a Polícia, ou somos tão feios que te assustamos, Clovis - Brincou Helena.

-Nem uma nem outra, disse Clovis, apenas não esperava encontrar-te com uma pessoa estranha. Não conheço este moço e fiquei com ciúmes, apenas isto. Oscar olhou bem para o recém chegado, e disse:

— Acho que vais ter que esquecer o ciúmes, pois eu estou amando esta menina, e em tom de brincadeira falou:

— Como disse a pouco aos outros rapazes aqui presentes, não gostaria de quebrar bicos de gaviões, que venham arrastar as asinhas para esta menina. Helena, também brincado disse:

— Calma rapazes, não precisam brigar, pois só tenho olhos para o gatinho que está ao meu lado. E disse para Clovis:

-Este é Oscar, meu namorado. Oscar, este é Clovis, meu primo, que mora em Dois Pinheiros. É vereador naquela cidade. Oscar estendeu a mão para cumprimentar o primo de Helena, e este correspondeu, mas com uma cara fechada, como quem não estivesse gostando, do que estava vendo. Deu o presente a moça, e pediu para conversar em particular com Helena. Disse a Oscar:

— Já volto, querido. Saiu acompanhada por Clovis em direção a cozinha.

Na cozinha Clovis, perguntou: Tu estás namorando este cara mesmo ou é brincadeira. Helena confirmou e disse: -Estou apaixonada por ele, por quê? Não gostastes dele?

— Não! Respondeu o primo secamente, não me pergunte por que mas acho que conheço este cara de algum lugar, e não gostei dele. O que ele faz na vida? Perguntou Clovis.

Helena respondeu:

— Inspetor de Polícia e chegou na cidade a pouco tempo. No dia do assalto ao banco. Sabes que houve um assalto ao banco, aqui da cidade? Perguntou Helena.

Clovis respondeu baixinho:

— Li no jornal. Veio o pai de Helena, cumprimentar Clovis, dizendo:

— Pensei que tu não virias, mas antes tarde do que nunca, deu um abraço o sobrinho, e perguntou:

— Por que não gostaste do Oscar, por acaso conhece-o. Se conhece, me diz de onde pois ele disse que é de longe daqui.

— Não conheço, e não gostei do jeito dele, parece o dono da festa.

— Não é o dono da festa mas o namorado da dona, e parece- nos que é um ótimo rapaz, pelo menos coragem tem bastante, pois sozinho enfrentou quatro assaltantes que estavam assaltando o banco.

— Então foi ele mesmo que impediu os ladrões do banco de fugirem, comentou Clovis, com ar de preocupado.

— Sim, respondeu Helena, ele teve muito sangue frio dentro e fora do banco, e prometeu que vai pegar o outro que fugiu com o dinheiro.

— Acho brabo que este pirralho ache o que fugiu, se a polícia da região toda saiu a procura dele e nem pistas do assaltante, não vai ser este novato que vai pegar um cara esperto, como parece ser o que fugiu com o dinheiro.

Helena após isto convidou Clovis para ir à sala pois tinha lá convidados e namorado a esperá-la, mas Clovis disse:

— Vai que eu vou ficar por aqui conversando que o teu pai, mais um pouco.

Retornando a sala Helena encontrou o namorado conversando animadamente, com sua melhor amiga, Marilda e foi logo abraçar o rapaz, dizendo para a amiga:

— Este é meu procura outro para ti, tá! Oscar olhou para Helena e disse:

— Não sabia que eras tão ciumenta, gatinha..

— Não sou, disse a moça, mas conheço minhas amigas, e sei do potencial de cada uma delas e esta é a mais perigosa, mas confio nela, ela não me trairia.

— Ainda bem, achei que estavas falando sério, disse Marilda sorrindo.

A festa continuou alegre com músicas suaves, e vários pares dançando, porém Clóvis não mais apareceu na sala. Oscar perguntou por ele para Helena que respondeu:

— Não sei, ele gosta de dançar, e não sei por que não está aqui, a Marilda coitada tem uma quedinha por ele, e ele sabe disso mas parece que não gosta dela..

Nesta ocasião Marilda veio perguntar a Helena por Clóvis, recebeu como resposta que a última vez que o tinha visto, estava na cozinha conversando com seu pai, e aconselhou Marilda ir à cozinha convidá-lo para dançar. O que foi feito pela amiga, que foi direto a cozinha procurar Clóvis, voltando de lá com ele pela mão, e logo começaram a dançar. O que faziam muito bem.

O tempo foi passando e as pessoas começaram a suar e tirar os casacos, Clóvis foi um destes, pois Marilda não queria parar de dançar, o corria-lhe o suor pelo rosto, como os demais casais que ali se divertiam. Dado momento Clóvis e Marilda pararam ao lado de Oscar e Helena, ocasião em que Clóvis perguntou a Oscar, em tom de brincadeira:

— Posso dançar esta valsa com o minha priminha? Oscar respondeu:

— Só se eu puder dançar com o teu par. Trocaram de par. Dançando com Marilda, esta perguntou:

— Você conhece Clovis?

— Por que perguntou Oscar?

— Não sei, mas acho que ele te conhece, pois está sempre olhando para ti. Sei que ele gosta da Helena mas sabe que ela o vê apenas como um primo, meio maluco. Oscar passou a observar o primo da namorada e ficou com a impressão de que já o conhecia mas não podia saber de onde, perguntou a Marilda a idade de Clóvis e recebeu como resposta:

— 25 anos,

— Mora onde?

— Em Dois Pinheiros.

— Sabes onde estudou?

— Aqui em Sabiá, por que tantas perguntas?

— Porque parece que o conheço de algum lugar, mas acho que me enganei. Essa cidade, só conheci no dia em que cheguei na rodoviária.

Terminou a música e os casais voltaram a seus pares. Oscar brincado perguntou a Helena:

— Matou a saudade do priminho?

— A saudade era dele, e parece que estás preocupado comigo. Acha que tu não serves para mim.

— Por quê? Qual o motivo dele para ter esta opinião?

— Tu és policial. Como ele mesmo disse, esta raça não dá bons maridos. Oscar ficou quieto. Helena perguntou:

— Estás preocupado com a opinião do Clovis?

— Sim, pois quem não gosta de polícia, é porque tem algo a esconder, mas ele não deixa de ter um pouco de razão, policial não tem dia nem hora para trabalhar. Isto pode atrapalhar a vida de um casal, por isto para casar com um policial, a mulher deve estar certa de amá-lo muito, porque a vida a dois geralmente exige confiança e renúncias de algumas coisas, devido a exigência de ter que estar 24 horas por dia a disposição do trabalho. Marginal não tem hora para agir, e o policial deve estar pronto sempre para reprimir os delitos, por isto é bom você ir pensando desde agora a respeito deste assunto, se esta é a vida que queres para ti. Apenas uma coisa eu posso te prometer, como Oscar não disse qual seria a promessa Helena perguntou:

— Que promessa é esta que vale tanto assim? Oscar olhou-a nos olhos e responde-:

— Muito amor! Helena também olhando o namorado bem nos olhos, disse:

— Para mim é o suficiente, pois quando eu começar a trabalhar no hospital também não terei hora para atender as pessoas que não escolhem a hora para sofrerem acidente e ficarem doentes. Também só posso oferecer muito amor. Oscar zombeteiro perguntou:

— Por acaso estás me pedindo em casamento? Helena respondeu:

— Você falou primeiro, mas acho que estou. Aceito a tua ideia anterior a minha. Olharam-se nos olhos com muito amor e beijaram-se longamente sem notarem que os convidados fizeram um círculo em volta dos dois e passaram a cantar parabéns para a aniversariante.

Quase sem fôlego Oscar separou-se um pouco da moça e também começou a cantar para ela. Helena meio sem jeito por seu pai estar ali e ter visto o beijo pois era a segunda vez que seu pai via-a beijando alguém assim.

— Vamos cortar o bolo, falou o pai da moça enquanto Helena cortava o bolo e servia em pratinhos, Oscar ficou de garçom servindo bolo e refrigerantes aos convidados. Ao entregar um pratinho com bolo a Clovis, este havia tirado o casaco e estava com uma camisa verde claro, deixando parecer que tinha uma mancha no braço, o que chamou a atenção do policial, que na ocasião não pode ver o que era.

A festa foi até madrugada, antes de sair Clóvis veio despedir-se da prima e de Oscar encarando o policial como se fosse inimigo. Apertou bem a

mão, como se fosse para mostrar que tinha bastante força, e saiu. Helena que prestava atenção aos dois, perguntou a Oscar:

— Vocês não se conhecem mesmo? Parecem que não gostam um do outro.

— Oscar, acho que ele está é com ciúmes da priminha linda, creio que ele queria a prima para ele, o que achas?

— Conheço meu primo e não é por isto, é algo que não consigo entender, mas vou perguntar para ele, pois não gosto que afrontem meus amigos, convidados, e muito menos namorado. Logo os convidados todos já haviam saído e estavam no salão, os dois namorados, e o pai da moça, que foi saindo dando boa noite, e dizendo:

— Crianças, vamos dormir! Que amanhã, é dia de trabalho. Os jovens concordaram mas antes de irem para seus quartos beijaram-se longamente.

Como o dia seguinte era domingo, Oscar aproveitou para dormir por mais algum tempo, mas por volta das 9 horas bateram na porta de seu quarto. Era o soldado Machado, que veio procurar Oscar para que atendesse uma ocorrência, de acidente de trânsito, que havia ocorrido, na cidade. Oscar rapidamente aprontou-se e saiu acompanhando o PM. Na saída, Helena que já estava em pé ajudando nos afazeres do hotel, perguntou:

— Não vais tomar café, meu amor? Oscar respondeu com um beijo e dizendo:

— O dever me chama, talvez mais tarde. Saiu rapidamente acompanhando Machado. O acidente tinha ocorrido na Rua Pinheiro Machado. Perto da Delegacia de Policial. Chegando ao local encontraram um Corcel que havia batido frontalmente contra um poste de iluminação pública, com tanta violência que partiu o poste. Examinando o local notou-se que havia bastante sangue, sinal que alguém estava bastante machucado. Perguntou pelas vítimas o que foi informado por populares que estavam no hospital, o motorista do carro e um passageiro, que o acompanhava. Perguntando o nome das vítimas, apenas o motorista era conhecido dos populares, que disseram chamar-se Clovis, e que estava muito embriagado. Oscar, com a colaboração de Machado, procederam ao levantamento topográfico, enquanto o fotógrafo Pereira, fazia as fotografias, para completar os trabalhos no local, a CEEE, foi chamada para os consertos da rede elétrica e o guincho para retirar o automóvel, que foi conduzido a um depósito, a fim de posteriormente ser feita a perícia. Após, Oscar dirigiu-se ao hospital para saber como estavam as vítimas. Chegando no hospital, foi informado pelo médico, Dr. Júlio, que as vítimas estavam bastante machucadas, e o passageiro seria operado pois tinha várias fraturas. O motorista tinha quebrado o braço esquerdo, e poderia aguardar para ser atendido após o atendimento de Paulo que estava em situação bastante grave.

— Doutor, disse Oscar, podes pedir para uma enfermeira tirar um pouco de sangue do motorista para exame de teor alcoólico, pois segundo testemunhas o motorista está embriagado, o que foi confirmado pelo médico.

— Realmente, Clovis tomou todas e mais um pouco, agora não vai dar porque está dormindo sob efeito de calmantes, mas na parte da tarde talvez já dê para falar com ele.

— Então, bom trabalho Dr Júlio, até mais!

Dali Oscar dirigiu-se a Delegacia, e com os dados e documentos das vítimas e nomes de testemunhas, registrou a ocorrência, e aproveitou para adiantar o trabalho do outro dia deixando o croqui do levantamento topográfico pronto. Dirigiu-se ao hotel para almoçar, chegando lá por volta das 13h30 minutos. Os hóspedes na sua maioria já tinham almoçado e Oscar aproveitou para almoçar em companhia de sua amada que o esperava, curiosa por novidades. Helena sentou-se a mesa, e logo foi perguntando:

— Como estão Clóvis e Paulo?

— Clóvis está dormindo sedado, porque sente muita dor no braço quebrado, e Paulo o caso é mais grave, tem várias fraturas e está sendo operado por Júlio. Só saberemos se sobreviverá após a cirurgia. Mas como foi o acidente perguntou preocupada, pois seu primo estava dirigindo o veículo acidentado. Oscar olhou nos olhos da moça e disse:

— Teu primo, está bastante complicado, pois estava em alta velocidade, e embriagado, vai responder inquérito por lesões e direção perigosa.

— Mas foi comprovada a embriaguez? Perguntou a garota preocupada.

— Foi retirado sangue para exames, mas as testemunhas, que o socorreram disseram que eles estavam bêbados. O médico confirmou, apenas falta o laudo. No interior do veículo tinha uma garrafa de rum quase vazia. E estas provas constam no levantamento e na ocorrência. Após, Oscar procurou mudar de assunto, mas nesse momento entra no refeitório Marilda preocupada, perguntado:

— Oscar, tu já registraste a ocorrência?

— Sim, já está registrada, respondeu o policial, mas consta que o Clóvis era o motorista e que estava bêbado, porque a curiosidade menina? Parece que estás preocupada com o Clovis. Helena entrou no assunto dizendo:

— Até parece que não sabes que ela é apaixonada pelo Clovis, e está com medo que ele seja preso.

— Se é por isto não se preocupe, porque não foi dado voz de prisão em flagrante a ele, porque é um crime culposo e ele estava dormindo, no hospital não pude falar com ele, sobre estar embriagado. Apenas foi constatado que tinha sintomas de embriaguez, o que não prova nada, mas vai ser feito exame laboratorial, o que poderá comprovar ou não.

— Mas não dá para esquecer de fazer este exame? Perguntou Marilda. Oscar olhou bem sério. Demorou um tempo e depois disse:

— Se o motorista desse carro fosse meu pai eu não deixaria de fazer todos os trâmites legais sobre o fato, portanto se és minha amiga não me peças para não cumprir com minhas obrigações. Sei, não fizestes por mal, mas não repitas isto. Marilda, tentou argumentar, mas sua amiga fez sinal com a mão que não deveria continuar com aquele assunto, e disse:

— Clóvis é meu primo, mas é uma pessoa adulta tem que responder por seus atos. Oscar tem razão a lei é feita para todos. Sinto muito por ele estar nesta situação. Marilda falou:

— O policial que te pediu para me pedir isto? A moça pensou um pouco e disse:

— Tá bem, foi o doutor Luiz, que é o advogado do Clóvis, mas não diz à ele que eu falei que foi ele quem me pediu para te pedir isto. Desculpe-me por este pedido desastrado.

— Tudo bem, respondeu o policial, mas continuamos bons amigos ainda, espero.

— Claro, respondeu Marilda, agora vou deixar vocês namorar sozinhos. Até mais tarde! E saiu. O dia transcorreu tranqüilo para Oscar e Helena, que até foram juntos ao hospital visitar Clóvis que ainda estava dormindo. Falaram com o Dr. Júlio que informou sobre os acidentados. Estavam fora de perigo, mas que o caroneiro, talvez ficasse com seqüelas graves do acidente. Passaram-se os dias e Clóvis já recuperado foi intimado para comparecer na Delegacia de Policia, a fim de ser inquirido sobre o acidente. Como já era verão veio de camisa de mangas curtas, onde deixava aparecer em seu braço uma tatuagem de um diabinho vermelho, que chamou a atenção do Delegado, que ao tomar depoimento de Clóvis, perguntou qual o significado daquela tatuagem. Oscar que estava na sala ao lado ouviu a pergunta e a resposta de Clóvis que foi a seguinte: que era de um grupo de rapazes, ao qual ele participara quando mais jovem e agora para tirar somente com cirurgia, mas que por enquanto ainda iria deixá-lo ali. Oscar ao ouvir isto entrou na sala onde funcionava o cartório e olhou a tatuagem e perguntou a Clóvis:

— Faz muito tempo que tu tens esta tatuagem?

— Uns oito anos, respondeu Clóvis, este grupo tem mais gente com tatuagem como esta. Clóvis de má vontade respondeu.

— Mas por que quer saber?

O policial respondeu que teve um colega de escola de polícia que tinha uma tatuagem daquelas, igual a dele e para entrar para a polícia teve que retirá-la. Ele me disse que era a marca de um grupo de amigos que na adolescência se consideravam os diabinhos das meninas.

— Realmente, nos éramos 11 garotos de 18 a 20 anos de idade na época. Lembra o nome do teu colega? Perguntou Clóvis.

— Sim, respondeu Oscar, é o Inácio. Um moreno claro, baixinho.

— E sabes onde ele está trabalhando? perguntou Clóvis.

— Creio que em Porto Alegre, por quê?

— Quero fazer uma visita para ele, mas diga, ele tirou mesmo a tatuagem.

— Sim, caso contrário não passaria na entrevista, respondeu o Inspetor Oscar.

— Mas se for visitar Inácio, diga que mando-lhe um abraço.

— Certo! Respondeu Clóvis.

Oscar saiu e deixou o Delegado seguir seu interrogatório. Mais tarde Clóvis ao sair da Delegacia parou na porta da sala onde Oscar estava arrumando alguns prontuários e agradeceu a informação sobre Inácio. Disse que daria seu recado a ele. Após Clóvis sair Oscar entrou no gabinete do Delegado e perguntou, ao titular da delegacia, acho que temos uma pista do assaltante de banco que fugiu com o dinheiro, opa tens alguma novidade, sim aquela tatuagem não lhe diz nada, sim agora me lembro que você me disse que o ladrão que fugiu tinha uma tatuagem de um diabinho em um dos braços, é respondeu Oscar no braço esquerdo e era um homem alto magro de cabelos pretos e longos, como o Clóvis respondeu o Delegado, isto mesmo respondeu Oscar, talvez seja por isto que ele não me suporta, eu achei que era porque ele gostava da Helena, mas o problema nosso agora é provar, e vamos ter que fazê-lo. O delegado olhou para Oscar e disse:

— Ele me deve um chute na bunda, porque não foi nenhum, dos que estão presos, que me agrediu, e rindo disse só vai parar de doer quando eu por as mãos no safado.

Passaram-se alguns dias e o Delegado chamou Oscar para comparecer em seu gabinete, e mostrou a ZH do dia jornal, do qual tinha assinatura, e disse lê esta reportagem sobre um policial que foi vítima de um

atentado em Porto Alegre, não é o amigo do Clovis. Oscar pegou o jornal e leu a reportagem concordando com o delegado, é ele mesmo, foi agredido barbaramente até a morte.

— Mas por que será? O rapaz era um poço de calma, que eu saiba, ele trabalhava em serviços burocráticos na secretaria de segurança. Posso ir ao enterro de Inácio, pois éramos bons amigos.

— Vá, disse o delegado, aproveita e leva em mãos alguns documentos que tenho urgência. Vou aproveitar a ônibus das 13 horas que sai para Porto Alegre.

Saiu da delegacia, direto ao hotel, para arrumar umas roupas em uma valise almoçar e pegar o ônibus, chegando no hotel. Helena estranhou o namorado chegar cedo e veio perguntar o que acontecera, pois Oscar nunca chegava antes do meio dia. O jovem em rápidas palavras contou para a moça o ocorrido com seu amigo e disse estar indo a capital para o enterro do amigo. Helena então perguntou:

— Voltas quando? Recebeu como resposta:

— Amanhã ou depois, por quê? Queres ir junto? Perguntou sorrindo, e recebeu como resposta:

— Sim, vou fazer inscrição para o concurso da Polícia civil, e esta inscrição somente é feita em Porto Alegre, queria te fazer uma surpresa, mas já que vai para lá hoje vou aproveitar, porque daquela cidade só conheço o nome.

— Esta bem, mas vou ter que pegar o primeiro ônibus após o almoço. Podes te aprontar logo?

— Claro, saindo para falar com seu pai. E aprontar-se. Às 13 horas, estavam no ônibus, viajando em direção a capital do estado. Em Porto Alegre, pegaram um táxi, e foram direto, ao palácio da Polícia, para entregar os documentos que Oscar levava e saber o endereço onde Inácio estava sendo velado. Com o endereço, dirigiram-se ao local, encontrando, os parentes, do morto em total desespero, e a esposa da vítima ao lado do caixão, com uma criança de colo, filha do morto. Oscar deu as condolências e informou aos parentes que era amigo e colega da vítima. A esposa ao saber o nome de Oscar, pediu para falar com ele em particular após o enterro, que tinha uma carta do marido para entregar-lhe, e saiu de perto voltando para o lado do caixão. Helena, que estava ao lado do policial, perguntou:

— Sabes de que se trata? Recebendo uma resposta negativa. Após o enterro, Oscar não mais viu a viúva, e como já estava chegando perto da noite, foram procurar um lugar para passar a noite e jantar, pois estavam com fome. No outro dia procurariam Maria Dolores, a viúva de Inácio. Foram a um

restaurante perto do estádio Olímpico, e jantaram conversando sempre sobre o atentado que sofrera Inácio. Após saíram abraçados à procura de lugar para passar a noite, no dia seguinte procurariam, Maria Dolores, e Helena, faria sua inscrição para o concurso.

Chegaram na frente de um hotel, que lhes pareceu bom, pararam em frente e olharam-se, e o jovem perguntou a moça:

— Um ou dois quartos?

— Se prometeres comportar-te pode até ser um, mas vamos dormir como maninhos, nosso dinheiro está meio escasso e um quarto com duas camas, sai mais barato.

— Tudo bem! Disse Oscar, o problema és tu não queres ser minha maninha, eu sei me controlar, e tu? Será que sabes. A moça deu uma risadinha e respondeu:

— Eu conheço este teu controle. Tudo bem, para o porteiro do hotel somos irmãos e queremos duas camas no quarto.

Entraram no saguão do hotel que tinha várias gravuras pintadas nas paredes, e como Helena gostava muito de pinturas, ficou olhando enquanto o policial, foi fazer a reserva.

— Quero um quarto com duas camas e banheiro.

O funcionário do hotel respondeu:

— Com duas camas estão todos ocupados, apenas tem um quarto com cama de casal.

— Tem banheiro junto? Perguntou Oscar.

— Sim, respondeu o funcionário do hotel.

— Muito bem, serve este mesmo, quanto custa?

O funcionário do hotel disse o preço, que não era muito e foi fazer a ficha. Após, entregou a chave e o jovem casal subiu para o quarto 171. Ao chegar na porta Helena comentou:

— Número sugestivo este, querido.

— É, disse o rapaz, era o único em que poderia dormir duas pessoas, pois com duas camas estavam todos ocupados.

Entraram e quando acenderam a luz, a moça olhou para o jovem e disse:

— Safado, o que estás pensando? O rapaz com cara de vítima, disse:

— Era o único que tinha, se tens dúvida pega o telefona e liga para a portaria, e pergunta.

— Tudo bem, ela disse, mas te comporta, porque comigo só casando.

— Declaro casados. E deu um longo beijo na moça que correspondeu ofegante, mas após disse:

— É só isto que terás, quem vai ao banho primeiro? perguntou Helena.

— Primeiro as damas, respondeu Oscar. Helena então pegou sua sacola com roupas e foi para o banheiro, antes que ela entrasse o jovem disse:

— Se não trancares a porta, irei tomar banho contigo.

— Tu não és louco, eu grito por socorro, e quando ia entrando Oscar ainda disse, eu avisei. Helena entrou no banheiro, fechou a porta e deu uma volta na chave para fechar e outra para abrir parecendo que tinha dado as duas voltas na chave da porta. Oscar esperou ouvir o barulho do chuveiro, pegou a sua sacola de roupas e foi em direção ao banheiro, abrindo a porta. Helena estava no Box, percebeu que o moço tinha entrado. Ficou toda vermelha, e ofegante, mas não disse nada, Oscar, por sua vez também estava ofegante, pois nunca tinha visto a moça sem roupas, e seria a primeira vez que iria ver. Tirou a própria roupa e abriu a porta do Box, foi para junto de Helena, olhando aquela mulher nua, ficou como paralisado.

— Nossa como tu és linda! Eu sabia que eras bonita mas não pensei que fosse tanto. A jovem não disse nada apenas ficou a olhar o rapaz, e após algum tempo disse, tu também não és de se jogar fora, abraçaram-se. os dois corpos nus e deram um longo beijo, como nunca haviam dado, e assim ficaram trocando juras de amor e caricias. Em dado momento a jovem disse:

— Viemos aqui para tomar banho ou para namorar, deixa que vou te lavar,

— Só se eu puder também te lavar.

— Tudo bem, disse o rapaz, e assim os dois lavaram-se e secaram-se. Após foram aos abraços e beijos para a cama, onde amaram-se pela primeira vez, pela segunda, pela terceira. Acordaram por volta das 8 horas e novamente foram tomar banho mas um de cada vez para não se atrasarem muito, pois tinham muitas voltas a dar. Helena fez a inscrição para o curso de escrivão de polícia, e foram em direção, da casa de Maria Dolores pegar a carta que Inácio tinha deixado para entregar a Oscar. Chegando na casa da viúva foram recebidos pela irmã de Maria Dolores que estava acompanhando a irmã, Ivone era seu nome, uma morena muito bonita, de olhos verde e lábios carnudos, corpo bem feito e seios fartos, a mesma estatura de Helena, Ivone deveria ter

uns dezoito anos de idade mais ou menos, e como já esperava o casal mandou-os entrar.

— Só um momentinho que vou chamar Dolores. Saindo para os fundos da casa. Em seguida chega Dolores com um envelope na mão.

— Bom dia, aqui está a carta que Inácio deixou para você, ele pediu que eu não falasse a ninguém a respeito disso, porque poderia ser perigoso, para mim e o nenê.

— Sabes do que se trata, perguntou Oscar.

— Não, disse a viúva, apenas o que sei é que ele recebeu um telefonema de um amigo de infância dele, querendo encontrá-lo, e Inácio ficou bastante preocupado com este telefonema. Não me falou nada, mas entrou na sala de estudos e fechou a porta, só saindo dali a quase uma hora com este envelope na mão, dizendo, guarda isto, e não mostra a ninguém, caso me aconteça alguma coisa procura , pelo inspetor Oscar Santos Schmidt, e entrega esta carta somente para ele

E, ainda me recomendou que não abrisse, pois quanto menos soubesse seria melhor. Você não sabe de quem foi este telefonema, que o deixou assim tão preocupado, não só sei que é voz de homem, pois fui eu que atendi ao telefone, o que esta pessoa queria, perguntou Oscar, disse que queria falar com o Escrivão Inácio, perguntei quem era e me disse que era apenas um amigo. Muito bem disse o policial, mas você como esta, precisa de alguma coisa que eu possa ajuda, Eu agradeço a oferta mas quem precisa de ajuda é minha irmã , foi nomeada para lecionar na escola Rui Barbosa de Sabiá do Sul, é onde vocês moram, não é! Sim respondeu Helena amigavelmente. A viúva então disse poderia fazer um favor de olharem por ela pois ainda é uma menina de 18 anos de idade recém formada no magistério, não tem onde morar lá, Helena então disse você esta falando com a pessoa certa meu pai é dono do único hotel da cidade e arrumaremos um lugar lá para ela, quando ela vai assumir seu cargo de professora. Ela deverá assumir suas funções de professora até o dia vinte. Então diga para ela quando for a Sabiá, para procurar Helena no hotel, que já estará com um quarto reservado para ela.Obrigada agradeceu Dolores, e a carta não vais ler, perguntou, vou mas quando estiver só, pois pelo que me dissetes, é bom que por enquanto apenas eu saiba do seu conteúdo, se for como Inácio disse é bom ter cuidado, provavelmente, vai esclarecer sua morte, e como ele disse a você ~quanto menos souberes será melhor para sua segurança, não comentes com ninguém a respeito desta carta ,como te pediu Inácio. Quando vai ler esta carta perguntou Helena curiosa. Daqui a um pouquinho, respondeu Oscar, e logo perguntou a Dolores se poderia ir ao banheiro, o que lhe foi mostrado, a porta do banheiro, dirigindo-se ao local indicado, levou junto a carta e disse vou aproveitar para ler a carta.

Entrou no banheiro e sentou-se no vaso e abriu o envelope da carta e passou a ler seu conteúdo.

## A CARTA

“Oscar, se estas lendo esta carta, é porque eu provavelmente já estou morto, não deixes a Dolores saber de seu conteúdo até que os culpados estejam presos, pois quem tomar conhecimento do que vais saber corre sério risco de vida. Deixei para ti esta carta porque és como um irmão para mim e a pessoa em que mais confio. Vou te contar algumas coisas escabrosas da minha adolescência, e que agora estão ameaçando a mim e minha família.

Na cidade Pau Torto, onde nasci, e me criei até os vinte anos, fiz muitos amigos, que não eram flores que se cheire. Cometemos muitas maldades, furtos, e até houve mortes, não praticadas por mim mas por companheiros, de uma seita fundada por um amigo, que era filho do padre da cidade, mas somente os participantes da seita sabiam que ele era filho do padre, e todos juraram pelas suas vidas que não, contariam a ninguém sobre este fato, sob pena de ser morto ele e seus familiares. Acho que te lembras de fato, ocorrido aqui, em Porto Alegre, no ano passado, quando sumiu uma família marido, mulher e dois filhos pequenos, sem deixar rastro. Foram assassinados pelos bandidos da tal seita do Diabo, é assim que é conhecida esta quadrilha de bandidos. O chefe desta família, fazia parte desta seita assim como eu. Quando resolveu casar-se fugiu com a esposa para o Mato Grosso, para escapar dos seus antigos companheiros. Porque ao ingressar na seita do Diabo, fizemos uma jura de nunca mais sair, e quem quisesse sair teria que jurar fidelidade, ou seria morto. Caso não cumprisse a jura seus familiares também pagariam com a vida sua deslealdade. Paulo era o nome desta vítima da seita, ele era filho do prefeito da cidade, na época, e um dos fundadores da seita, ele e o filho do padre, o filho do pastor e outros vários jovens dentre eles eu fundaram a seita para protestar, contra seus pais. Paulo, porque seu pai era muito severo com seus filhos, querendo que eles sempre fossem mais comportados e os mais estudiosos. Paulo, ao quinze anos, juntamente com o filhos do padre, um tal de Martim da Silva Hás, este último porque o pai não queria reconhecê-lo, e como padre não podia. Na época Martim tinha também quinze anos. Isto foi há dez anos.

Para formar a seita eles procuraram juntar alguns amigos, com tendências a criminalidade, porém todos deveriam ter a mesma idade deles, então juntaram onze garotos, e começaram a furtar, assaltar, estuprar, e cometer assassinatos por encomenda. As primeiras vítimas foram o padre e o pastor, que foram sequestrados e torturados até a morte por seus próprios filhos. Dentre estes garotos estavam eu e Paulo. A turma toda era compostas de garotos de 15 anos, de famílias bem constituídas. Atualmente tem ainda vivo apenas cinco pessoas, pois as outras seis pessoas já estão mortos por seus companheiros, ao discordarem ou quererem sair da seita sem o juramento de

silêncio, ou por terem falado alguma coisa a respeito. No meu caso provavelmente vou ser morto por ter entrado para a Polícia, o que é expressamente proibido, e eles descobriram isto e estão tentando que eu lhes facilite, invadir o departamento de armas e munições da Polícia, eu não concordei, acho que por isto serei morto por meus antigos companheiros. Não os denunciei as autoridades competentes porque se o fizesse minha família estaria correndo um sério risco, pois não sei até onde vai os tentáculos desta quadrilha, pois estou fora a dois anos, desde que casei com Dolores. E não posso arriscar a vida de minha mulher e filho. Por isto deixo esta carta para a pessoa em que mais confio. Espero que não fales disso a Dolores, e nem a ninguém enquanto estes bandidos estiverem soltos, digo mais, os dois chefes um é o prefeito da cidade e outro é deputado federal, ambos do partido do governo, isto é da ARENA.

Os participantes da seita que ainda estão vivos e participando, da mesma são, Martim da Silva Haas, Clovis Pereira, Paulo Carneiro Lacerda, Carlos Fontana Schmidt e Adão dos Santos Silva, na época todos residiam em Dois Pinheiros. O prefeito da cidade atual, é Martim e o deputado federal, é Carlos Fontana Schmidt, e acho que atualmente são os chefes do grupo. Oscar toma muito cuidado com eles, pois atualmente são pessoas muito poderosas na cidade e no país, pois um deles é deputado pelo partido dos militares, e estes tem muita força, não tem escrúpulos nenhum, em matar e mandar matar pessoas que ameacem suas falcatruas. São bandidos muito perigosos e como já disse hoje, são muito poderosos e conceituados, no cenário nacional.

Sei que te deixei uma herança maldita, mas alguém tem que acabar com esta seita de assassinos. Não sei como vai fazer isto, mas espero que consiga, pois dos meus amigos, és o único em quem confio totalmente. Tem mais uma coisinha, procure tomar muito cuidado, se fores pedir ajuda aos nossos colegas de profissão, porque tem alguns, que estão na folha de pagamento da seita, e não duvido que eu seja morto por algum deles .

Boa sorte, amigo! E toma muito mas muito cuidado mesmo.”

Após ler a carta Oscar ficou, parado pensando em seu conteúdo , e não viu o tempo passar, até que Helena bateu na porta chamando-o a realidade. Dobrou a carta e colocou no bolso, abriu a porta e saiu com ar de preocupado, o que foi notado por Helena, que perguntou:

— É tão grave assim o que leste nesta carta.

— É, respondeu o namorado, depois conversamos a respeito. Na sala estava ansiosa, por saber o que tinha na carta, Maria Dolores foi logo perguntando:

— Leste a carta?

— Sim, mas não me peça para dizer-te o seu conteúdo pois não quero que corras algum perigo, e espero que para a tua segurança e de teus familiares não comentes sobre esta carta com ninguém. Mudando de assunto perguntou por Ivone e quando iria assumir seu cargo de professora, o que foi respondido por Helena que disse que ela iria para Sabia dentro de alguns dias. Nesta ocasião entra na sala, Ivone com uma cuia de chimarrão, oferecendo, a Oscar que pegou e agradeceu dizendo:

— Já estava com saudade de tomar um chimarrão, e foi logo tomando o amargo.

Após algumas cuias de mate, Oscar e Helena, despediram-se das moças e saíram levando a carta que Inácio deixara de herança, para Oscar. Saíram em silêncio, pegaram um bonde e foram para o hotel. No caminho o jovem policial evitou todas as investidas da namorada, para falar sobre a carta, e ela compreendeu, que não era o local ideal para conversar sobre um assunto que parecia ser muito delicado.

Almoçaram no restaurante do hotel, e após foram dar uma volta no parque da Redenção onde longe de olhares e ouvidos indiscretos, a moça voltou a perguntar sobre a carta. O que Oscar respondeu:

— É pior do que poderia imaginar, mas não vamos tocar neste assunto agora, vamos aproveitar estes momentos; curtir a natureza namorar um pouco e a noite conversaremos a respeito disso, certo?

— Certo, concordou a moça com ar de felicidade, esta é a melhor proposta que recebi hoje. Ficaram no parque, até 19 horas, e foram jantar. Após a janta foram ao cinema, e depois voltaram para o hotel. Por volta das 23 horas, foram para o quarto. Entraram no quarto e Helena com ar de curiosa, foi, logo perguntando:

— Agora podemos falar sobre a nossa carta! Oscar olhou-a com ar de preocupado e disse: Vamos esquecer esta carta, não gostaria de envolvê-la neste assunto, e deixando o ar preocupado abraçou-a com carinho beijando-lhe os lábios com amor, no que foi prontamente correspondido, mas após o beijo a moça voltou a assunto carta, dizendo:

— Já estou envolvida neste assunto até o pescoço, e não te esqueces que dentro em breve seremos colegas de profissão - Ainda não é policial, e mesmo que fosse, este caso parece ser perigoso demais para uma menina linda arriscar o pescoço junto comigo.

— Não vai casar comigo? Perguntou Helena com cara de braba.

— Vou, respondeu o moço.

— O padre no casamento não diz que um casal deve estar junto na saúde e na doença, na pobreza e na riqueza, e eu digo que deverá ser também no perigo e lazer. Oscar olhou atônito para a moça sem saber o que responder, e por fim disse, após pensar alguns segundos:

— Muito bem após entrar para a polícia eu te direi de que se trata esta carta, mas você não gostará de saber.

— Meu amor vai demorar alguns meses até isso acontecer, e eu estou muito curiosa não vou poder esperar tanto tempo. Não confias em mim?

— Muito bem tu não poderás contar nada do que vou te contar, nem mesmo para teu pai, que é a pessoa em que mais confias, Certo?!!

— Prometo, mas me deixa ler esta carta. Não, a carta só depois que fores minha colega e se eu achar que não vai ser muito perigoso para ti, tudo bem?

— Esta certo, mas conta logo o que acha que eu posso saber agora.

— Acho que não deveria te contar nada, mas se não te contar tu não vais me deixar em paz. E passou a contar alguma coisa sobre a carta apenas omitindo alguns pontos mais perigosos como os nomes dos envolvidos e cidades onde moravam. Após contar alguns tópicos da carta, frisou, não debes contar também a Marilda, ao teu priminho Clovis e todos os outros amigos, porque estaria pondo em rico a vida deles todos e a nossa também.

— Se não confiasses em mim não deverias ter me contado nada, disse a moça com ar de braba, e Oscar respondeu:

— Se não confiasses não diria, mas estou só alertando que nem o travesseiro deve ficar sabendo, até o caso ser resolvido, meu bem.

— Certo, mas vamos tomar um banho e dormir que amanhã retornaremos para casa, disse a moça com ar de quem convidava o rapaz para tomar banho juntos novamente. O que fizeram como na noite anterior, e foram namorar na cama, até a madrugada.

Na manhã seguinte levantaram cedo, tomaram banho, e foram ao restaurante do hotel para tomar o café, já com as malas prontas, pois teriam que pegar a ônibus para voltarem para casa, às 09 horas. Entraram no coletivo e alguns minutos após saíram da estação rodoviária já estavam dormindo, pois haviam passado as duas noites passadas quase sem dormir, pois ficaram namorando quase toda a noite.

Três horas depois de sair da capital, acordaram na estação rodoviária de Sabiá, quando o ônibus parou, saíram do ônibus com cara de sono, e encontraram a sua frente Marilda com cara de desconfiada, perguntado:

— Como foram de passeio? O que Helena respondeu:

— Se ir a velório é passeio, fomos bem. Enquanto o rapaz pegava as bagagens, Marilda foi logo perguntando.

— Fizeste a inscrição para o concurso?

— Sim, respondeu Helena, e os testes serão daqui uma semana, portanto não poderei perder tempo e vou para casa estudar porque a concorrência é grande. São vinte candidatos por vaga. Marilda ainda disse com ar malicioso:

— Mais tarde passo lá para saber como foi este passeio a dois, na capital.

— Tudo bem, mas vai ter que ser rápido pois terei que estudar muito, respondeu Helena pegando sua maleta e saindo ao lado do namorado em direção ao hotel de seu pai. No caminho Oscar que ouvira parte da conversa da Helena com Marilda, perguntou:

— Vais contar tudo a tua amiga curiosa, ou vais omitir alguns detalhes?

— É claro que vou omitir os detalhes mais picantes meu amor, estes são só nossos, respondeu a garota sorrindo e apertando o braço do moço. Entraram no hotel e foram logo recebidos pelo pai da moça que a abraçou com carinho, cumprimentou e futuro genro, e perguntou:

— Como foram de viagem? Conseguiram fazer tudo o que tinham para fazer, ou só namoraram? e com ar de quem finge preocupação, olhou para os jovens e esperou a resposta, que veio do moço.

— Sim conseguimos fazer tudo, e ainda sobrou um tempinho para namorar.

— Muito bem, mais tarde vocês me contarão como foi. Agora acho que estão com fome então tratem de aproveitar que a comida esta quentinha e vão almoçar. Durante o almoço Oscar ficou calado pensando, o que dizer a seu chefe sobre a morte de seu amigo Inácio. Não gostaria de mentir mas não sabia até onde poderia confiar nele, para não por em risco a vida de Dolores e de Helena e a sua própria, Helena ao seu lado também estava pensativa, os dois comendo em silêncio chamou a atenção do dono do hotel, que chegou perto e perguntou:

— É fome ou estão brigados?

— Por que? perguntou a moça, vocês dois calados deste jeito, não é normal.

— É fome, respondeu o rapaz.

— E um pouco de preocupação, respondeu a moça, pois tenho seis dias para estudar para as provas do concurso, e não vai ser fácil conseguir uma boa nota, pelo que vi da matéria vai ser bastante difícil.

— Só isso! respondeu o pai da moça com ar preocupado, está bem disse sorrindo vou fazer de conta que acredito, e foi fazer o seu trabalho, que naquela hora o movimento no restaurante do hotel era grande. Os jovens olharam-se e o rapaz disse:

— Acho que estamos dando bandeira.

— É, disse a moça, mas depois eu resolvo isto com o meu pai.

14 horas e Oscar entra na Delegacia, onde o seu chefe já estava atendendo uma pessoa, que registrava uma arma, e conversavam amigavelmente. Cumprimentou-os e entrou na sala, dizendo:

— Consegui tudo o que pedimos e alguma coisa eu trouxe, e as coisas maiores vem pela transportadora.

— Muito bem! Como foi de viagem? e o caso daquele teu amigo?

— A viagem foi ótima e o caso do amigo, bastante delicado, a família está inconsolável, o que é normal numa situação destas. Conversaram sobre coisas sem muita importância e quando a pessoa que fazia o registro foi embora o delegado foi logo perguntando.

— Como foi que morreu o colega. Oscar olhou o chefe e disse:

— Deve ter sido torturado, deve não, foi. Acho que queriam que ele contasse alguma coisa, pois foi espancado, queimado, o corpo estava com várias fraturas, e queimaduras, e segundo o laudo, ocorreram enquanto ele estava vivo.

— Tem alguma pista dos criminosos?

— Parece que não, mas o pessoal esta trabalhando no caso e deixaram encarregado da investigação o Comissário Rocha, o Sr. o conhece?

— Sim, disse o delegado, é um dos melhores investigadores deste estado. O caso está em boas mãos. E a namorada, fez a inscrição para a polícia? perguntou o delegado.

— Como o Sr. Sabe que ela foi fazer inscrição? Perguntou o jovem.

— Ora o que não se sabe a respeito das pessoas desta cidade, principalmente quando vamos até rodoviária falar com a Marilda.

— Está explicado. Aquela sabe de tudo, e, não tem papas na língua. É, ela inscreveu-se para o cargo de Inspetor, tentei convencê-la de inscrever-se para escrivão, mas ela não quis.

— Será que passa?

— Ela é bastante inteligente, e disse que vai estudar dia e noite até o dia da prova, pegou polígrafos de todas as matérias para estudar, acho que passa e nesse caso vamos precisar da sua ajuda para que possamos trabalhar juntos.

— Pedem contar comigo, acho que ela irá nos ajudar muito aqui na delegacia, se ela for aprovada no concurso eu irei pessoalmente pedir para que venha para cá, não sei se sabes mas o chefe de Polícia é meu primo e somos muito amigos. Ela só não virá para cá se não quiser, pois aqui temos ainda cinco vagas. Interromperam a conversa para atender a uma pessoa que chegou para licenciar um veículo. Oscar foi atender o usuário, e o delegado foi para o seu gabinete. Encerrado o expediente, Oscar saiu da delegacia e foi pensativo sentar-se na praça para por as idéias em ordem, estava se sentindo um pouco incomodado, por não ter contado sobre a carta ao seu chefe, mas não sabia até onde poderia confiar em um policial que serviu de refém para assaltantes de banco a pouco tempo. Por outro lado sentia que ele era uma pessoa honesta e confiável. Ficou sentado em um banco da bela pracinha da cidade, até que a noite chegou, e alguém sentou ao seu lado perguntando?

— Como foi na capital, olhou para o lado e viu Clovis.

— Como sabes que fui a capital?

— Ora, respondeu Clovis, nesta cidade o que é que não se sabe, teu sogro me disse que tu tinhas ido a um enterro, e Helena foi fazer inscrição para a polícia. Por que era segredo?

— Se fosse segredo nem meu sogro saberia, respondeu o policial com ar sério. Como resposta a pergunta de Clovis Oscar respondeu, cordialmente:

— Fomos bem, obrigado. E você, como vai?

— Mais ou menos, estou respondendo a um processo por acidente de trânsito. Um certo amigo, não me deu moleza na ocorrência e no levantamento do local do acidente. Por isto meu advogado disse que será muito difícil absolver-me, mas vamos lutar para ver no que dá. Clovis disse estas palavras olhando, com ar de reprovação. Oscar olhou-o bem nos olhos e disse:

— Quem comete abusos no trânsito, está sujeito as normas da lei, e esta diz que esta pessoa deverá ser processada, e é apenas isto que foi feito na ocasião do teu acidente, e se eu atender qualquer acidente, com quem quer que seja agirei da mesma forma. Mas se achas que foste injustiçado, existem os canais competentes para serem trilhados. Sentindo que não havia intimidado o policial, Clovis mudou o tom da voz dizendo:

— Não quis recriminar o teu trabalho, mas como seremos primos em breve, achei que poderias ter me aliviado um pouquinho.

— Clovis, se você fosse meu irmão, eu agiria da mesma forma, nem que depois eu tivesse que contratar um advogado para defendê-lo. Para mim a lei está em primeiro lugar. Por isto sou um policial.

— Tudo bem seu policial, o mundo dá muitas voltas e numa destas pode ser que tu precisas de mim e aí eu vou usar os meus critérios para ajudá-lo.

— Até breve! Levantou-se e saiu sem esperar a resposta do policial, que também disse:

— Até breve, priminho. Ficou olhando Clovis entrando no carro e saindo, calmamente até dobrar a esquina. Após sair do campo de visão do policial, acelerou o veículo provocando um ronco forte de motor, que pelo barulho saiu cantando pneu. Após alguns instantes o rapaz leva um susto, quando alguém lhe põem a mão no ombro dizendo:

— Tudo bem, Oscar? O moço virou-se rápido olhando para quem estava no seu lado, vendo que era Marilda, comentou

— Tu me deste um susto, chegando assim de mansinho.

— O que o Clóvis queria contigo? , pode uma pobre mortal saber? Perguntou com ar de quem estava preocupada.

— Nada de mais, respondeu o jovem policial, queria apenas me agradecer pelo registro da ocorrência sobre o acidente dele. Marilda preocupada perguntou:

— Tentou te assustar?

— Se teve esta intenção acho que perdeu o tempo mas acho que não é tão burro assim, ele ainda não me conhece bem.

— Mas o que anda fazendo por aqui guria?

— Eu vi da rodoviária vocês conversando, aparentemente amigavelmente e vim ver, se falava um pouquinho com o meu xodó. A Helena já te disse que tenho uma quedinha por ele.

— É, disse o jovem policial, mas toma cuidado com ele, para não te arrepender mais tarde.

— Por que sabes alguma coisa sobre ele que eu não sei?

— Não, mas pelas atitudes dele, dirigindo embriagado causando acidentes, pondo em risco a segurança de outras pessoas, é bom tu ficas com um pé atrás. Dizendo isto o jovem levantou-se do banco e saiu dizendo:

— Vou andando que está na hora do jantar, e não posso me atrasar senão a patroa me puxa as orelhas, dizendo boa noite. A moça deu também boa noite ao rapaz e ficou sentada no banco pensativa, enquanto o jovem policial, se distanciava em direção ao hotel.

Sete dias após, Helena vai a Porto Alegre fazer a prova do concurso para a Polícia. Na volta vem com a jovem professora Ivone, que foi nomeada para lecionar em uma escola da cidade de Sabiá, na rodoviária apresenta a professorinha à Marilda que as recebe, na estação rodoviária, e as ajuda a levarem as bagagens de Ivone até o hotel do pai de Helena. No caminho faz várias perguntas, sobre a nova amiga que vem para a cidade, ficando sabendo até a idade da moça, e a escola que irá lecionar. No hotel, o pai de Helena, preenche a ficha para Ivone, Helena acomoda a moça no quarto próximo ao quarto de Oscar, e vai contar as novidades ao pai sobre a sua prova e como conheceu a nova hóspede. Disse que achava que havia ido bem nas provas que fizera e que na próxima semana sairia o resultado dos aprovados no jornal da Capital. Oscar chega ao hotel por volta das 19 horas, e encontra a namorada esperando-o na porta. Abraçam-se e beijam-se, e o rapaz pergunta:

— Como foste de provas?

— Acho que deu para o gasto, responde a moça, mas o resultado sai dentro de seis dias no jornal. Adivinha quem veio comigo da capital? O jovem pensa um pouquinho e responde:

— A Ivone, irmã de Dolores.

— Falaste com a Marilda antes de chegar aqui?

— Não, por quê?

— Então como é que sabes que a Ivone veio comigo?

— Muito simples a Dolores me ligou pedindo para cuidar dela. Helena com ar de ciúmes diz:

— Deixa que eu cuido dela, ela é muito bonitinha para tu ficares cuidando dela.

— Eu estou de olho, ainda mais que o quarto dela está ao lado do teu, mas saibas que eu estou de olhos bem abertos, e neste tom de brincadeiras entraram no salão do refeitório, e foram encontrar a Ivone que já estava sentada em uma mesa esperando-os para jantar. O moço cumprimentou a jovem professora e sentaram-se a mesma mesa e enquanto jantavam conversavam animadamente, sobre a cidade, a Escola em que a moça deveria dar aulas. Helena notara uma pontinha de preocupação no rosto do namorado, porém não quis perguntar na frente da nova amiga. Após o jantar os namorados saíram em companhia da nova amiga, para mostrar onde era a Escola onde Ivone

deveria começar a dar aulas, no próximo dia. Quando estavam a sós, os três, Oscar fez um pedido a Ivone:

— Não esqueças de não comentar com ninguém que és cunhada de Inácio, e muito menos que ele deixou uma carta antes de morrer. Helena olhou para o namorado e disse:

— Nós duas já conversamos, sobre isto no ônibus, e já estamos acertadas a este respeito.

— Eu nem sei quem era Inácio disse Ivone, com cara de preocupada, não sei para que tanto cuidado, mas como tu achas que é perigoso falar sobre o assunto saibas que se depender de mim este assunto está totalmente esquecido.

— Ótimo, disse Oscar, é para a nossa segurança e da tua irmã e de teu sobrinho. Conversando animadamente foram até a Escola, que ficava a apenas quatro quadras do hotel, e retornaram para o hotel onde Ivone foi para o seu quarto e os namorados foram para o pátio do hotel onde tinha um lindo pomar, com várias qualidade de frutas e um jardim bem cuidado, parecendo uma pracinha. Até um chafariz com peixinhos tinha, além de banco para namorar embaixo das laranjeiras.

Cinco dias após, Helena bate a porta do quarto do namorado, e entra com o jornal na mão, dizendo:

— Fui aprovada no concurso, o jovem que ainda estava dormindo acorda com a moça ao seu lado e sem ouvir o que ela dizia, olha a cena dela com o jornal na mão, e vai dizendo:

— Eu já sabia!!

— Como já sabias? Diz a moça, é que eu confio na sua inteligência, e quando tu foste fazer a inscrição eu já tinha certeza de que tu serias aprovada no teste.

— Como poderias saber se me conhecia a tão pouco tempo.

— Por um simples motivo.

— Qual?

— Tu conseguiste em apenas uns dias o que mulher nenhuma conseguiu em vários anos.

— O que é que eu consegui? Tu conseguiste fazer com que ficasse totalmente, apaixonado por ti, e puxando a jovem para cima da cama deu-lhe um forte abraço e um beijo ardente e longo. Tiveram que fazer um esforço muito grande para separarem-se, pois ali naquela hora poderiam ser surpreendidos pelo pai da moça, e eles não queriam que ele soubesse até onde

eles já tinham ido com o namoro. A jovem estava radiante, e puxou o namorado para fora da cama. Este somente de cueca saiu da cama, e em tom de deboche disse a moça.

— Olha para lá que eu estou apenas de roupas de baixo, tu podes querer me pegar e a esta hora pode dar problemas. Foi vestindo a calça enquanto os dois riam felizes. Alguém sorrateiramente olhava a cena da porta entreaberta. Helena escuta passos no corredor e bruscamente pára de sorrir e olha para a porta entreaberta, e vai, em direção da porta abrindo a não vê ninguém. Fecha a porta e vai em direção do namorado e diz alguém estava espiando na porta.

— Não vi nada diz, o rapaz.

— É, mas eu ouvi passos ligeiros no corredor, mas não vi ninguém por perto. Mas se tinha alguém por ali não viu nada de mais apenas um homem de cuecas se vestindo e sua bela namorada ajudando-o a vestir-se. A moça abraça o namorado e beija-o ardentemente e depois diz:

— Mas se sair a falar esta história por aí vai ficar ruim para mim, principalmente com o meu pai. Oscar pega a moça pelos ombros, olha nos olhos dela e pergunta: quer casar comigo, meu amor? Fica olhando enquanto a moça olha para ele e pergunta:

— Está falando sério? Não acha muito cedo? Nos conhecemos a alguns dias apenas.

— Para mim basta, disse o enamorado policial, e em resposta a jovem responde:

— Para mim também.

Os jovens beijam-se longamente e quando se separam Oscar diz:

— Vou agora pedir tua mão para o teu pai.

— Tudo bem, diz a menina, mas antes termina de te vestir.

— É, acho que ele vai achar melhor falar com um candidato a genro, vestido adequadamente. Muito bem após o café falarei com ele, vai preveni-lo ou não é preciso?

— Vou preveni-lo, diz a jovem para que ele não leve um susto. O rapaz dá mais um beijo na moça e diz a ela que vá prevenir seu pai, que logo estará lá. Oscar desce para o restaurante e encontra a namorada sentada à mesa esperando- o para tomar café,

— Senta-se, serve sua xícara e olha para a jovem. Pergunta:

— Parece que estás triste? Teu pai não vai concordar com a nossa ideia? Quando ele fala isto escuta a voz do pai da moça atrás de si, e olha para atrás e vê o sogro muito sério, perguntando:

— Que ideia é esta que vocês tiveram e que eu posso não gostar? O jovem parecendo nervoso perguntou:

— Sua filha não lhe falou nada?

— O que ela teria que me falar? Oscar olhou para ambos pai e filha, tomou coragem e disse:

— Eu quero pedir a mão de sua filha em casamento, meu Sr. E acho que ela já lhe disse isto e vocês estão querendo me deixar nervoso, o que o Sr. me diz? Ela já concordou, mas precisamos da sua bênção. Pai e filha se olharam e caíram na gargalhada, enquanto o sogro abraçava o rapaz, dizendo se a minha filha estava feliz ele também estaria.

— Mas cuida bem dela senão quiser conhecer o meu lado fera.

— Pode ter certeza de que não vou conhecer o seu lado fera.

— Por este motivo, muito bem!! e quando pretendem casar? Perguntou o pai da jovem. Ela respondeu:

— Após a minha formatura, no curso de Inspetor de Polícia. Isto será daqui a quatro ou cinco meses.

— Está bem disse o sogro do rapaz mas até lá se comportem, não quero ser avô antes do tempo.

— Não se preocupe com isto papai, diz Helena, nós sabemos nos cuidar e não vamos dar-lhe um neto tão cedo, pelo menos este ano.

— É mas este ano já está quase no fim, e em tom de brincadeira pegou a filha pelo braço e a fez levantar-se olhando para a barriga dela e disse:

— Não estás usando cinta, não é?

— Não papai, mas por que está falando isto?

— Por nada, mas quando a intimidade de um casal chega ao ponto de a namorada tirar o namorado de cuecas da cama, dá o que pensar.

— Era o Sr. que estava espiando na porta hoje pela manhã.

— Não, mas deve ser verdade o que fiquei sabendo.

— Era sim, respondeu a moça, mas quem foi que viu?

— Isto não faz mal, mas da próxima vez que for acordar o Oscar, fecha a porta .

Helena foi chamada para fazer o curso, que deverá durar cinco meses. Meses que deveria morar em Porto Alegre, período em que provavelmente se veriam muito pouco.

Com Helena na capital fazendo o curso para a Polícia, Oscar ficou só, e Ivone passou procurar Oscar para conversar. Almoçavam juntos, tomavam café juntos e ainda saíam juntos para o trabalho. Os dias foram passando e quando estava para terminar o curso de Helena, Ivone que estava apaixonada por Oscar, resolveu declarar-se ao jovem, na manhã do dia em que Helena chegaria na cidade, quando estavam caminhando para o trabalho, a bela professorinha, convidou o jovem policial a sentar-se um pouco no banco da pracinha para conversarem um pouco, e foi logo dizendo.

— Oscar, eu vou te dizer uma coisa que se passa comigo desde o dia em que te conheci na casa de Dolores. Acho que tu não reparaste, mas vou falar agora, daquele dia em diante eu não pude passar um dia sequer sem pensar em ti, e agora tenho certeza de que o amo. O jovem quis falar alguma coisa mais a professorinha disse, pondo a mão na boca do rapaz:

— Deixa eu terminar depois pode dizer o que tu achas. Sei que está noivo da Helena que é uma boa amiga, mas também sei que gostas de mim. Resolvi te falar para mais tarde não me arrepender de não ter falado, para ti o que sinto, mas se realmente amas a Helena, vou desejar que sejas muito feliz com ela, e sairei do caminho, porque para mim o amor é ver a pessoa amada feliz. Oscar ficou olhando a jovem que estava com os olhos molhados de lágrimas, e abraçou-a com carinho de um irmão mais velho, e foi dizendo, olha Ivone eu tenho um carinho muito grande por ti mas como tu mesmo dissestes eu amo Helena desde o dia em que a vi, e não gostaria de te enganar, por ti eu tenho um amor de irmão, e com este amor podes contar para sempre. E vou te dar um conselho de uma olhadinha para o outro lado que vais ver que existe alguém, que está arrastando uns dois bondes por ti, e esta pessoa é uma ótima pessoa. Procura me olhar apenas como um irmão, ou um amigo, porque é somente este amor que posso te dar, és uma gatinha muito linda, e qualquer homem responsável, gostaria de ter ao seu lado como companheira. O jovem parou de falar por alguns segundos e depois disse:

— Olha, moça, se eu não tivesse amando de verdade a Helena, certamente me apaixonaria por ti, mas digo mais uma vez olhe para os lados que tem alguns rapazes desta cidade de olho em ti, é só olhares para eles, e ver pois estão sempre a tua volta. Após estas palavras o policial deu um beijo na testa da moça, e tirou o braço de ombro, dizendo até mais tarde, e olhe para os lados que não vais te arrepender. Esta conversa estava sendo observada de longe por alguém que tinha uma máquina fotográfica, e fotografou os jovens abraçados no banco da pracinha, tirando várias fotos.

Helena chega à estação rodoviária no dia seguinte aquela conversa de Oscar com Ivone por volta das 19 horas, vai direto para o hotel, encontra seu pai, que como sempre está muito atarefado com os afazeres do hotel, e logo pergunta pelo noivo, e seu pai diz:

— Ainda não chegou, mas deve estar chegando por aí, ele esperava que tu voltasse apenas amanhã.

— É, disse a moça, quis fazer uma surpresa para vocês, mas vou aproveitar que ele ainda não chegou e vou tomar um banho, deu um beijo no pai e foi para seu quarto. Por volta de 20 horas chega Oscar, que vai para seu quarto após cumprimentar o sogro que a pedido da filha não comentou sobre a chegada dela. Subiu a escadaria que leva ao piso superior abriu a porta do quarto que estava chaveada, e entrou, e preparou-se para tomar banho. Entrou no banheiro, que estava repleto de vapor de água, e ao olhar para a banheira viu que tinha alguém dentro, chegou mais perto para reconhecer a bela Helena, deitada na banheira, dormindo. O rapaz ficou um tempo olhando aquela bela mulher nua, dentro daquela banheira, resolveu entrar também na água, e com um beijo acordou a bela que, estava apenas fingindo dormir e abraçou o rapaz correspondendo ao beijo. Ali ficaram trocando juras de amor e carícias, até que a moça disse:

— Agora temos que descer, ou vamos ver um pai fera. Mais tarde continuaremos matando a saudades com mais tempo, como merecemos. Desceram para o restaurante, onde jantaram em companhia de Ivone o do Dr. Julio, o jovem médico da cidade e primo de Helena. O jantar ocorreu tranqüilo, com a filha do dono do hotel contando sobre a sua estada na capital, durante o curso, em que formou-se como inspetora de Polícia. Apenas Ivone parecia um pouco preocupada, o que chamou a atenção da amiga Helena, que lhe perguntou:

— O que se passa contigo Ivone, que estás tão quieta?

— Nada, respondeu a moça, apenas com sono e um pouco de dor de cabeça. Acho que vou dormir que passa, boa noite para vocês! E foi para seu quarto, deixando os dois namorados e o médico, no restaurante. Helena estranhando a atitude da moça perguntou para os rapazes:

— O que é que tem esta guria? Ela é sempre tão disposta, e hoje parece que está fugindo de nós. Os rapazes sacudiram os ombros dizendo:

— Não sei o que há com ela, mas está um pouco esquisita hoje, disse Julio. Bem, não vou ficar aqui segurando vela para vocês, boa noite porque eu também já vou! Foi saindo deixando apenas os namorados a mesa. Nesta ocasião veio o Sr Francisco, pai de Helena, dizendo:

— Vocês não estão com sono, já passa da meia noite e, amanhã é dia de trabalho, boa noite! Ah já fechei as portas, dito isso foi para seu quarto, deixando no salão apenas os dois pombinhos namorando. Ao ficarem a sós resolveram subir para dormir, quando estavam em frente a porta do quarto de Oscar, a jovem abriu a porta e entrou puxando o rapaz pelo braço para dentro do quarto, empurrou-o até a cama onde com mais um empurrãozinho o derrubou em cima da cama, e foi em direção da porta fechando a com a chave. Parou ao lado da cama e começou a dançar e aos poucos ia tirando a roupa. Começou tirando os sapatos, soltou os cabelos que estavam presos, tirou blusa, tirou a saia, e somente de roupas de baixo, puxou o rapaz, pelas pernas, começando a tirar-lhe a roupa, sapatos, calça, camisa, perguntando ao jovem que a olhava apaixonado. Posso dormir aqui contigo, meu amor. Se for só para dormir podes ir para o teu quarto, disse Oscar, com ar de deboche.

— Vais arriscar ver a fera amanhã se alguém me ver aqui.

— Por ti eu enfrento qualquer fera, sentando-se na cama e puxando a garota para a cama, onde amaram-se a noite toda. Pela manhã, Helena antes que os hóspedes e seu pai levantassem, foi para o seu quarto, deitou na cama e adormeceu, acordando somente ao meio dia com a batida na porta. Era seu pai chamando-a para ajudar no restaurante, pois um dos garçons havia falhado ao trabalho. A moça respondeu:

— Já vou. Vou tomar uma ducha rápida e logo estarei lá. Francisco, foi cuidar do seu trabalho e logo a jovem chegava ao restaurante, para ajudar seu pai. Encontrou o noivo com um avental servindo aos cliente, ambos se olharam e trocaram um breve beijo, e a moça disse:

— Agora podes deixar comigo que eu faço este trabalho.

— Tudo bem disse o rapaz, porque eu tenho, que chegar no trabalho mais cedo hoje, então vou almoçar na cozinha porque as mesas estão todas ocupadas e, eu tenho pressa.

13h o policial já estava em frente a Delegacia, bateu na porta para o seu chefe abri-la, pois tinha um encontro, com dois policiais de outra cidade, que estavam fazendo a investigação sobre a morte de Inácio. Era o comissário Rocha e o Inspetor Acosta, que para não levantarem suspeita, chegaram na cidade e foram almoçar com o Delegado na casa dele, que era no prédio da Delegacia. Entrou no gabinete do Delegado cumprimentou os dois policiais, sentando-se em uma cadeira, em frente aos colegas mais antigos, e que segundo o seu chefe eram de toda a confiança e competência, para trabalharem nesta investigação.

O inspetor Acosta logo foi perguntando ao jovem policial sobre a carta que Inácio havia deixado, Senhores, esta quadrilha já matou várias pessoas por vingança e por queima de arquivo, e a família de Inácio corre grave risco

de vida se eles ficarem sabendo da existência desta carta, o delegado Pedro, diz para Oscar:

— Já coloquei a par das nossas suspeitas, e preocupações sobre a família de Inácio e de você e Helena, sem falar da minha também. Muito bem senhores, vou pegar a carta original para lhes entregar. O comissário Rocha pegou a carta, leu, passou para o inspetor Acosta, para que este lesse. Enquanto Acosta lia a carta, Oscar perguntou a Rocha o que achava, este respondeu que achava que tinha muita fantasia naquela carta, mas que merecia ser investigada. Acosta após ler a carta comentou:

— Eu já ouvi falar desta tal seita do diabo, até andei investigando, a respeito mas não levou a nada. As pessoas que falaram a respeito, falaram por ouvir outros falar, e estes que falaram primeiro, não existem ou sumiram. Oscar, o delegado me disse que você andou investigando a respeito das pessoas citadas na carta, conseguiu alguma coisa?

— Sim, o filho do padre e Martin da Silva Hás, que é o atual prefeito da cidade de Dois Pinheiros, Paulo Ferreira Schmidt é Deputado Federal, Clovis Pereira é vereador na cidade de Dois Pinheiros, todos os políticos são do partido do governo. E os outros dois são Paulo Carneiro Lacerda, proprietário do supermercado Lacerda de Dois Pinheiros e Adão dos Santos Silva, é contador e Secretário da Administração da Prefeitura de Dois pinheiros. Aparentemente pessoas honestas e trabalhadoras. Andei fazendo umas investigações sobre eles, e vou lhes por a par deste trabalho. Começando pelo caso Inácio. No dia da morte de Inácio, o carro de Clóvis estava em frente ao galpão desativado do porto em Porto Alegre, mais ou menos na hora do crime.

— Podes provar isto? perguntou o Inspetor Acosta.

— Sim, tem uma multa de trânsito por estar mal estacionado em frente ao portão B daquele galpão, e foi neste galpão que foi encontrado o corpo de Inácio, e hora presumida do homicídio foi 23horas e o carro foi multado 22h45minutos. O dono do carro não foi encontrado para retirar o carro do local, por volta das 0.30 horas do dia seguinte chegou o guincho para retirar o veículo dali, este já não mais se encontrava no local. Rocha comenta se ele estava naquele local na hora do crime.

— Tem que explicar o que estava fazendo ali naquela hora da noite. Acosta pergunta:

— Sabes se Clóvis sabe sobre esta multa? Segundo o guarda que o multou, não, pois deixou a primeira via da notificação com o condutor do guincho para achar o carro. Contra Clóvis temos ainda a acusação de roubo do banco de Sabiá, em setembro do ano passado, como o assaltante que fugiu do local levando o dinheiro. Acosta pergunta:

— Tem provas?

O jovem responde:

— Indícios. No roubo ao banco rendeu aos ladrões 2.500.000,00 cruzeiros e Clóvis uma semana após, comprou uma fazenda por 2.600.000,00 cruzeiros, dinheiro este que ele não tinha, no banco não vendeu bem nenhum e, fez ainda um empréstimo no banco do Brasil de Dois Pinheiros no valor de 100.000,00 cruzeiros, a fazenda foi paga a vista. Acosta pergunta:

— Como conseguiu estes dados?

— Com o contador do vendedor da fazenda, no banco e no cartório de registros de imóveis. Mas o começo foi com um irmão de Inácio, que mora na cidade e está me ajudando dando as informações de que preciso. Ele mora na cidade de Dois pinheiros. As pessoas que conhecem Clóvis sabem que ele não tem capital para comprar uma fazenda, até pensam que o dinheiro sai dos cofres públicos.

— Rapaz, comentou Acosta, você fez uma bela investigação, tem mais alguma coisa?

— Sim, respondeu Oscar, na noite da morte de Inácio, os cinco líderes da seita estiveram na boate gruta vermelha onde foram fotografados por um fotógrafo da ZH, na fotografia consta dia e hora da foto, que não foi publicada, porque segundo o fotógrafo o deputado mexeu os pauzinhos, e o redator não a publicou, mas eu tenho aqui uma destas fotografias, e está aqui. Parece que não foi publicada porque o único solteiro da turma é o Clóvis, e certamente causaria problemas com as esposas dos malandros.

— Mais alguma coisa? pergunta Rocha.

— Ah!, esqueci que no dia do roubo ao banco, o assaltante que fugiu com o dinheiro, era um sujeito do porte físico do Clóvis, cabeludo e tinha uma tatuagem de diabinho vermelho no braço esquerdo.

— Quem viu? pergunta A costa.

— Eu, respondeu Oscar, e o Delegado fez constar na ocorrência. E ainda temos um depoimento de um vigia do galpão do porto de que na noite da morte de Inácio, chegaram naquele carro que estava em frente ao portão B cinco homens bem vestidos, retiraram do porta malas uma pessoa, morta ou desmaiada, que eles carregaram para dentro do galpão.

— E ele reconheceu alguém? Perguntou Acosta.

— Sim, o deputado, porque ele votou no homem e o conheceu durante a campanha. Ele esteve em uma festa patrocinada pelo dito político.

— Esta testemunha disse quanto tempo eles ficaram dentro do galpão?

— Das 21 horas até as 24 horas, disse também ter ouvido alguns gritos de dor de um homem.

— Por que não falou na ocasião para a polícia? perguntou Rocha.

— Por medo, pois se tratava de um deputado federal, Oscar comenta, foi muito difícil convencê-lo dar este depoimento, ele somente falou quando foi intimado no foro pelo promotor que garantiu sigilo até termos provas suficientes para prender todos os culpados. Temos ainda mais algumas gravações feitas nos telefones deles onde, comentam o crime da morte de Inácio e de Paulo e sua família, mulher e dois filhos. Acosta pergunta:

— Quem está falando nestas gravações?

— O Deputado e o Prefeito, que comentam as atrocidades que cometeram com as vítimas. Acosta pergunta:

— Podemos ver estas provas?

— Claro, responde o Delegado, mas aqui conosco temos apenas as cópias, os originais, estão em um cofre bem guardados.

Oscar levanta-se e diz:

— Vou buscar as cópias para vocês verem. Volta com uma caixa de papelão, e entrega-a para Acosta.

— Delegado, o Sr. pode nos ceder uma sala para podermos examinar estes documentos?

— Claro, podem ficar na sala de investigação que é a última. Lá, vocês não serão perturbados. Rocha e Acosta entram na sala destinada para eles, e Oscar vai abrir a repartição, mas não tinha ninguém esperando na frente. A tarde transcorreu tranquila como era normal na cidade. No fim do expediente Oscar fechou a porta e foi ver o que os dois veteranos policiais e o Delegado tinham achado daquela documentação. Entrando na sala onde se encontravam o Delegado, Acosta e Rocha, este último olhou para o jovem e disse:

— Rapaz fizeste um trabalho de profissional, meus parabéns, comentou Acosta e dirigindo-se ao Delegado perguntou:

— Não quer cedê-lo para a minha equipe, disse Acosta. O que o Delegado respondeu:

— De maneira nenhuma, é o único funcionário que tenho. Rocha propõem:

— Daremos-lhe dois por este, se ele quiser é claro. Olham para Oscar:

— Não gostaria de sair daqui esta cidade e muito boa, eu e o chefe nos damos muito bem.

— Bem, a proposta esta de pé quando quiseres, nos procura. cada um de nós chefia uma equipe de investigação e, poderá trabalhar com qualquer uma das duas, diz Acosta. Rocha concorda.

— Podes escolher! Oscar diz:

— Fico feliz com o convite dos senhores, mas por enquanto pretendo ficar por aqui. Acosta pergunta:

— Podemos levar cópias destes documentos?

— Podem levar estes porque temos cópias guardadas, de tudo que tem aí. Eu só gostaria de pedir que, tomem cuidado para por em segurança as testemunhas destes crimes, antes que os bandidos saibam deles. Com certeza eles tem alguém dentro da Secretaria de Segurança.

Era noite quando Rocha e Acosta saíram em direção a capital, levando a caixa de documentos. Logo após a saída dos policiais da capital, Oscar chega ao hotel, e encontra sua amada a sua espera na porta, com jeito de braba vai perguntado:

— Isto é hora de chegar em casa? O rapaz olha para ela com jeito humilde.

— Meu bem, eu sou apenas um pobre barnabé que não tem hora para sair do trabalho, mas te prometo que amanhã chegarei mais tarde, dito isto abraça a moça e aplica-lhe um ardente beijo, no que é correspondido. Após o jantar e terminado os trabalhos do restaurante, os jovens foram sentar no banco em frente ao hotel, para conversarem, sobre coisas sérias, como: data do casamento, formatura de Helena, nomeação...

— A data do casamento nós já tínhamos concordado que poderia ser vinte de abril, disse a moça. O rapaz concordou e sorrindo Helena disse:

— Fui hoje na igreja e marquei com o padre Antônio, ele vai providenciar os trâmites legais da igreja, e no cartório também, Oscar olha para a moça rindo e comenta:

— Está com pressa hem, meu amor.

— Claro depois do que andamos fazendo, é melhor prevenir do que depois remediar, não acha.

— É, tem razão, mas me diz quando vai ser a formatura, e a nomeação.

— As duas coisas no mesmo dia, disse a jovem, será no dia 21 de abril, as 20 horas.

— Então a nossa lua de mel, será em Porto Alegre.

— Sim, meu amor, tua lua de mel vai ser igual a minha com uma policial ao teu lado. Sendo carinhosa contigo, certamente estaremos felizes. Após alguns acertos sobre o casamento e viagem de lua de mel, subiram para o quarto do rapaz. Onde passaram a noite juntos. No dia seguinte, o casal de namorados vai junto a Delegacia. Chegando lá aguardam o chefe abrir a porta, entram e Oscar diz ao chefe:

— Dr Pedro, trouxe uma estagiária, para ajudar no serviço. O Delegado cumprimentou a moça dando-lhe as boas vindas, e perguntou:

— Vai querer trabalhar aqui na cidade ou tem outros planos? A jovem estagiária respondeu:

— Pretendo ficar aqui, porque tenho que ficar de olho neste guri, para que faça muita arte. O Delegado pergunta para a moça:

— Já fizeste a escolha da cidade que pretende trabalhar?

— Sim, respondeu a jovem, consegui uma das vagas aqui de Sabiá.

— Você tem o ofício de apresentação?

— Sim, e retira um envelope e o entrega ao Delegado, e em tom de brincadeira Pedro diz a moça.

— Vou deixar você aos cuidados do Inspetor Oscar, para lhe mostrar as dependências da DP, mas tome cuidado com ele, pois tem fama de ser namorador, mas está de casamento marcado com a filha do dono do hotel.

— É, eu a conheço, e coitado dele se ela o pegar com outra. Pedro deu uma risadinha e foi para o gabinete, ligou para a Secretária de Segurança, para falar com o seu amigo, e xará chefe de polícia. A secretária passou o telefone ao chefe que atendeu dizendo;

— Como vai tocaio? O que manda? O Delegado responde:

— Eu não mando nada apenas peço ao chefe, espero que tenha ainda um prestígio com o amigo, primo e tocaio. Conversaram ainda coisas referente a família deles para depois, o Delegado Pedro chegar ao assunto do telefonema.

— Chefe, diz o Delegado, eu tenho aqui o meu único funcionário que vai casar no dia vinte de abril, e a noiva se formará na Escola de Polícia no dia 21 de abril, será que poderia dar uma forcinha para que Helena venha trabalhar aqui comigo.

— Tem vaga aí?

— Sim, tem. Faltam quatro funcionários e, a moça escolheu trabalhar aqui.

— Tudo bem, se tem vaga e ela escolheu trabalhar aí, ela vai namorar aí, disse estas últimas palavras rindo. Comentou ainda, estes dois vão te dar trabalho.

— Por quê? pergunta o delegado.

— Para apartá-los, diz o secretário.

— É! responde o Delegado, mas vale a pena correr o risco, pois o rapaz é um ótimo policial e a moça eu conheço e acho que não vou me arrepender. Passou-se uma semana, Helena e Oscar, após o jantar vão dar uma voltinha, para namorar na pracinha da cidade, lá chegando sentam-se em um banco, e Oscar resolve contar a ela a conversa, que teve com Ivone um dia antes dela voltar de Porto Alegre, conta o ocorrido sem nada omitir, nem o abraço nem o beijo na testa, a moça ouve a história em silêncio e depois comenta, eu já estava esperando que você me contasse algo parecido.

— Por quê? pergunta o rapaz.

— A Ivone estava dando muita bandeira e eu já tinha reparado na maneira dela para contigo, é jeito de mulher apaixonada, não vai me dizer que não tinha notado?

— Sim, tinha mas esperava que não fosse me falar nada mas foi melhor assim, pois foi resolvido o problema. Acho que ela não mais vai tocar no assunto.

— É, diz Helena, parece que seguiu o teu conselho e, esta aceitando a corte do Júlio.

— Qual dos dois Júlio? Pergunta Oscar, Helena responde.

— Não notaste o meu primo médico, que esta caidinho por ela?

— Ele eu já sabia, diz Oscar, por isto a aconselhei, a olhar para os lados. Neste momento os namorados escutam um ronco de motor e cantar de pneus. Olham para trás e veem uma camioneta que vem em alta velocidade na direção deles. Os jovens levantam-se do banco e Oscar empurra a moça para um lado e tenta sacar sua arma, mas não dá tempo, apenas consegue pular para o lado em que está Helena evitando assim de ser atropelado. O veículo segue em alta velocidade pelo interior da pracinha até, bater violentamente no tronco de um pinheiro de 80 centímetros de diâmetro. O jovem policial olhou a jovem próxima e perguntou:

— Está bem?

— Sim!

— Mas e este doido deve estar machucado, espera aqui diz Oscar para Helena, que vou ver. Com a sua pistola calibre 45 na mão foi até o veículo,

onde viu uma pessoa, encima do capô da camioneta e com a cabeça encostada no tronco da árvore. Helena chegou perto.

— Como ele está?

— Morto, disse o jovem policial, olha a cabeça dele. Conferiram a pulsação do ferido e notaram que ele realmente estava morto. Na pracinha tinham várias pessoas, que começaram a se aproximar do local e Helena com educação pediu para ficarem longe do local porque teriam que fazer, a perícia e fotografar o local. Logo a pracinha ficou cheia de curiosos, além do Delegado e o PM. Machado que estava de plantão, o delegado chamou Oscar para um lado, onde Helena não ouviu, perguntou:

— É verdade o que me disseram que o morto tentou matar vocês?

— Acho que sim. Mas parece que se deu mal. Por que não tiraram o motorista do carro para socorrê-lo?

— Porque pelo jeito teve morte instantânea, respondeu Oscar. Examinamos logo em seguida, mas já estava morto. Com a cabeça quebrada contra o troco do pinheiro.

— Testemunhas? Perguntou o delegado e Oscar respondeu:

— Helena já anotou o nome de cinco. Feito os tramites legais sobre o trágico acidente, e quando estavam os dois jovens namorados e o Delegado na repartição este comentou com os dois:

— Tomem muito cuidado porque isto pode voltar a ocorrer, e talvez vocês não tenham tanta sorte.

— É provavelmente os diabinhos já sabem do nosso trabalho. Alguém deixou vaziar informação do que estamos fazendo, e o resultado já apareceu.

— Delegado, vou precisar falar com o Inspetor Acosta, sobre o ocorrido, e pedir para que dê segurança a Dolores, a viúva de Inácio.

— É, comentou Helena, ela é o ponto mais fraco desta guerra, e para nos atingir podem pegar ela e a criança.

— Sim, faça isto Oscar, mas de um telefone público, porque o nosso pode estar grampeado. Com esta turma não dá para facilitar. Os jovens policiais saíram em direção ao hotel, e Helena sugeriu que telefonassem do telefone do hotel.

— Não, disse Oscar, se podem grampear o telefona da DP. Mais facilmente podem fazer o mesmo no do hotel. E dando um beijo na moça Oscar disse a ela que fosse para casa tranquilizar seu pai que ele falaria com o Inspetor Acosta. Leva isto contigo, deu-lhe um revólver trinta e oito, cano curto, dizendo:

— Se for preciso use, mas acho que hoje terminou a seção caça ratinhos. A moça pôs o revólver na cintura por baixo da blusa e foi em direção ao hotel. Oscar ligou para a casa de Acosta, Expôs a ele o ocorrido e pediu que colocassem a viúva Dolores sob severa vigilância, no que Acosta concordou e disse que iria providenciar isto imediatamente. Porém, não soube dizer como poderia ter vazado informações, mas que iria investigar, logo após cuidar de Dolores. Chegando ao hotel o rapaz encontrou o sogro a noiva, e Clóvis conversando. O policial pára ao lado da noiva e olha bem nos olhos de Clóvis e diz para o sogro:

— Não foi nada acho que era mais um infeliz, que teve talvez um ataque ou coisa parecida, ou algum inimigo da Helena que queria elimina-la, e por sorte errou o alvo, o tiro saiu pela culatra, não é Clovis, Clovis ficou vermelho como uma pimenta, e disse não sei de nada não estava no local, portanto não posso opinar, e os policiais são vocês. Tem razão, mas em breve isto estará esclarecido e se houver culpado estes vão parar na cadeia, que é o lugar de criminosos. Dizendo isto Clovis despediu-se do tio e da prima e saiu sem olhar para traz, Francisco olhou bem firme para o futuro genro e perguntou; o que á entre você e o Clovis. Em tom de brincadeira Oscar respondeu com outra pergunta, o Sr não sabe, não respondeu o sogro, sua filha respondeu o policial, ele é apaixonado por Helena, e eu tirei as esperanças dele. Sr. Francisco comentou que tinha desconfiança, mas ele nunca me falou nada. Após como já era tarde foram todos para seus quarto para dormir. Helena entrou no quarto e logo foi tomar um banho pois estava precisando após rolar no chão da pracinha. Oscar toma rapidamente um banho e como tinha resolvido contar para a noiva, sobre a participação de seu primo nos crimes, não esperou para o outro dia. Foi até o quarto dela , abriu a porta com a chave que ela lhe dera e entrou sem fazer ruído, foi até o banheiro e encontrou a deitada na banheira, entrou e ficou a olhar aquela bela mulher nua com os olhos fechados, como se estivesse dormindo. Passou a mão no rosto da moça e esta deu um pulo seguido de um grito, com o susto, o jovem pôs a mão na boca da moça e fez sinal para ficar quieta, mas não resolveu o pai dela bateu na porta perguntado o que houve, e rindo a moça respondeu nada eu que quase cai na banheira, mas esta tudo bem, ta bem disse o pai da moça boa noite, boa noite papai responde Helena.Toma cuidado ao querer me assustar, porque vai me morde pergunta irônico o rapas, olha o que tem aqui na cadeira em baixo da toalha, ele levantou a toalha e ali estava o 38 que ele havia emprestado a ela. Olhou para ele em tom de debocho é vou me cuidar mais pois mulher não sabe usar arma e isto fica mais perigos, vou te mostrar quem não sabe usar arma e puxou o rapas para dentro da banheira. Oscar contendo o riso diz sua louca agora como vou sair do teu quarto com o pijama molhado. A garota olha o moço e diz; não sai fica aqui até secar o pijama, e abraça o rapas dando lhe um longo beijo. Muito bem então, então é assim, é assim mesmo diz a moça tirando a roupa do

moço, que comenta custo a acreditar que tudo isto que eu vejo é para mim, e ela eu também te olho e custo a acreditar que você foi feito para mim. Amaram longamente e na madrugada Oscar saiu do quarto da moça com um roupão dela, e foi para seu quarto. Pela manhã quase chegam atrasados no trabalho. No caminho para a Delegacia, o rapas comenta com a moças. Ontem a noite eu fui falar contigo coisa séria mas você não me deixou falar então agora teremos que ter aquela conversinha que não houve na madrugada. Fale diz a moça, na DP, responde o moço, mas é uma conversa de trabalho e sobre o que ocorreu ontem na praça. Esta conversa vai ter que ser na DP. para que somente nossos ouvidos escutem. Chegamos diz a moça então, antes me diga o que o Clovis estava fazendo no hotel na hora em que tu chegaste. Falando com papai, mas o assunto não sei, porque acho que eles mudaram de assunto quando eu cheguei, bem então mais tarde pergunte a teu pai, mais tarde. Porque pergunta Helena, o delegado escutando a conversa aconselhou, vão ter esta conversa na sala de investigação onde outros ouvidos não ouçam. Certo chefe, diz Oscar e pegando a moça pela mão conduziu-a, até a ultima sala da DP. Entraram na sala e fecharam a porta e Oscar passou a relatar sua investigações. Começando por contar o que tinha contra Clóvis.

— O que vou te dizer certamente tu não vai querer ouvir, mas para a tua segurança agora é bom que saibas. Sabe o teu priminho Clóvis?

— Sim, diz a moça preocupada, o que há com ele?

— Ele é um dos cabeças da seita do diabo, o assaltante do banco que fugiu levando o dinheiro, e um dos autores da morte de Inácio e da família de Paulo, e provavelmente o mandante da tentativa de homicídio contra mim.

-- Como podes afirmar isto?

-- Já temos provas suficiente para prendê-lo, mas como tem peixes maiores do que ele, estamos completando o trabalho de juntar provas contra os maiores que são um deputado federal do partido do governo, um prefeito, um dono de supermercado, e um secretário da prefeitura.

— Como ficaram sabendo disto?

— Modestamente eu fiz um trabalho de gente grande, com o maior sigilo, mas pelo que parece alguém deixou escapar alguma coisa, e provavelmente ontem a noite o atentado que sofremos é por este motivo, porque estamos lidando com criminosos sem o menor escrúpulo. Pessoas que tem capacidade de torturar os próprios pais até a morte são capazes de qualquer barbaridade. Ficaram naquela sala por mais ou nomes uma hora, quando saíram o delegado com cara de brabo disse:

— Ali não é alugar de namorar, e perguntou a Oscar:

— Colocou esta moça a par dos acontecimentos?

— Sim todos, sem omitir nada. Ela é agora a sétima pessoa que sabe do caso na íntegra.

— Muito bem, minha jovem, diz o delegado, pensamos em deixá-la fora desta história mas com a atentado de ontem, não nos deixaram alternativa. Para que andes prevenida, é melhor saber o risco que está correndo.

— Agradeço a preocupação comigo, mas se estou aqui então tenho que entrar na luta, diz a moça.

— Tens uma arma? pergunta o Delegado.

— Ontem Oscar me emprestou um revólver 38 que está na minha bolsa.

— Então devolva este para Oscar que vou lhe emprestar outro. Sei que Oscar é metido a pistoleiro e não conheço nem um pistoleiro que se manteve vivo com apenas uma arma, disse o delegado brincando, passe aqui no gabinete. Pedro abriu um armário e de lá tirou três revólveres taurus 38 e uma pistola. Uma pistola calibre 9mm, colocou em cima da mesa e perguntou a moça qual delas queria. Helena olhou as armas e pegou um revólver cano médio e, disse:

— Este serve.

— Boa escolha, comenta o delegado, mas tu vais ter que comprar munição, porque a que esta nele provavelmente é bastante velha.

— Esta bem, obrigada! Mas na Escola de Polícia me disseram que nos não poderíamos usar armas antes da nomeação.

— Eu sei, vou providenciar um porte de arma provisório para ti. Digas para o Oscar preencher um formulário de porte e traz aqui para eu assinar.

— Com licença, diz a moça e sai com o revólver na mão. Encontrando Oscar examinando as fotografias do motorista que morreu no acidente da pracinha. O rapaz mostra a ela uma fotografia do morto e pergunta:

— Conheces esta pessoa?

— Não, responde a moça, provavelmente não é da cidade. Enquanto Helena vai comprar munição para sua arma, Oscar aproveita para pedir ao chefe a viatura discreta para ir a cidade de Dois Pinheiros, para saber quem é o morto.

— Tudo bem, vai depois do almoço, mas toma cuidado.

Ao chegar na delegacia a tarde o delegado chama Oscar no gabinete e como já tinham combinado manda Oscar fazer um trabalho na rua. O rapaz pega uma sacola na sala de investigação dizendo:

— Já volto. Sai com um fusquinha branco. Uma hora mais ou menos depois de sair de Sabiá do Sul o fusquinha entra na cidade de Dois Pinheiros, com homem de meia idade cabeludo e barbudo, o carrinho trafega pelas ruas da cidade, calmamente, e pára na frente do escritório de contabilidade do irmão do Inspetor Inácio, que foi assassinado em Porto Alegre.

O motorista dá uma olhadinha para os lados e, desce do carro. Entra no escritório do contador Fininho, e pergunta a secretária se Fininho está.

— Sim. A quem devo apresentar?

— Diga a ele que é o gadeiúdo, que ele sabe quem é.

— Entre Sr. Gadeiúdo, diz a secretária. Gadeiúdo entra e fecha a porta. Cumprimenta Fininho e pergunta:

— Podemos conversar sem sermos ouvidos?

— Sim, a secretária é de confiança, e nada sabe do assunto.

— O que o trouxe aqui, pergunta Fininho?

— Ontem a noite eu a uma colega de Sábina sofremos um atentado contra nossas vidas, este sujeito da fotografia, ele era o motorista de uma f-100 sem placas de cor vermelha e branca, você conhece a figura.

— A cara está meio amassada mas acho que é um cabo eleitoral do deputado.

— Sabes o nome dele?

— É José dos Santos Ferreira, muito conhecido na nossa Delegacia de Polícia, como ladrão.

— Sabe onde ele mora?

— Não, mas me dá um minutinho que eu descubro. Após um telefonema Fininho tem o endereço do morto.

— Sabes se ele morava só nesta casa?

— Sim, é uma casa do deputado e ele fica lá para cuidar dela.

— Tu sabes onde é esta casa?

— Sim, dando o endereço da casa para Gadeiúdo. Este agradece e sai em direção ao endereço da casa. Chegando lá, o policial bate na porta e como ninguém atende, vai entrando no pátio tentando uma maneira de entrar na casa, até que acha uma porta mal fechada e entra por esta porta. Dentro da casa procura o quarto do morto onde revista tudo e acha uma sacola cheia de papéis, recortes de jornais, alguns mapas e uma agenda com várias anotações. Guarda o achado dentro da camisa. Ao escutar o barulho de uma porta sendo aberta e

a conversa de dois homens, que entram na casa, não podendo sair sem ser visto o policial esconde-se atrás da porta do banheiro. De onde está o policial não pôde ver as pessoas mas reconhece a voz e Clóvis. Pela conversa vieram procurar documentos, nas coisa de José. Uma das frases que o policial escuta e grava com um pequeno gravador que sempre leva no bolso: “-Onde será que o incompetente do Zé botou a agenda dele? Este desgraçado tem aí documentos que podem ligar ele ao deputado e temos que achar isto e queimar, antes que aquele intrometido do ratinho de Sábria ache. O acompanhante de Clóvis pergunta:

— Mas ele já não está condenado pelo deputado?

— Sim, diz Clóvis e os homens do prefeito já estão se aprontado para ir buscá-lo, porque o deputado e o prefeito fazem questão de darem cabo deste intrometido.

— Mas quem vai buscar o homem?

— Eu e mais cinco homens do prefeito?

— Sabes quem são?

— Apenas sei que o quebra ossos é um deles.

— Pobre ratinho! Diz o companheiro de Clóvis o quebra ossos é um cara muito forte e malvado. Vai judiar muito deste ratinho até matá-lo. E soltou uma gostosa risada após este comentário. Os bandidos procuraram por toda a casa e nada acharam, entraram até no banheiro mas não viram Gadeiúdo que tinha conseguido subir para o sótão da casa. Sem nada achar os bandidos foram embora. No final do expediente o jovem policial chega à delegacia, onde encontra a noiva preocupada com sua demora. Olha a moça e pergunta:

— Tudo bem por aqui?

— Sim, responde o Delegado, e o teu trabalho como foi?

— Melhor do que a encomenda.

— Helena, faz um favor e feche a porta da DP. Já está na hora de encerrar o expediente, se quiseres ir para casa podes ir.

— Está me correndo chefe? Pergunta a moça.

— Não, mas aqui acho que vai demorar um pouco, pelo jeito do moço aqui.

— Se não for atrapalhar gostaria de ficar.

— Muito bem! Então vamos para a sala dos fundos.

Na sala, a primeira coisa que Oscar fez foi ligar o gravador para seus colegas escutarem a conversa dos marginais na casa de Zé. Começa a rodar a fita e Helena diz:

— Mas esta é a voz de Clóvis, no que o Oscar, faz sinal de positivo. Quando termina a gravação, o delegado comenta:

— Querem a tua cabeça rapaz. E mas vão ter que fazer muita força para isto, já que eles não sabem que eu sei os planos deles, apenas não sei como pretendem me pegar vivo para o deputado e o prefeito saciarem suas maldades satânicas comigo.

— É seu moço, diz o chefe, daqui para frente não vais mais andar sozinho por aí , vou falar com o Secretário , e arrumar um jeito para fazer a tua proteção.

— Delegado, isto vai afastar os criminosos, acho que posso me cuidar, o problema são as pessoas que estão a minha volta que podem ser atingidas.

— Como quem? Pergunta Helena.

— Tu, seu pai, Ivone, que é irmã de Dolores, pegam um de vocês para me obrigarem a ir ao encontro deles.

— O chefe do grupo é Clóvis? Perguntou Helena.

— Sim, responde Oscar.

— Então o risco de papai, não existe, Clóvis o quer muito bem. Mas Ivone sim, corre um grande risco.

— E tu? pergunta o Delegado.

— Agora não sei. Bem eles disseram que ocorreria o sequestro sábado, então temos três dias para nos organizar.

— Tudo bem, o que o Sr. acha de falar com o Inspetor. Acosta?

— Ia sugerir isto, mas somente o Acosta, diz o delegado. O Rocha é bom policial mas acho que foi ele que deixou vazas informações que chegaram aos criminosos.

— Certo, então vamos meu docinho, que no caminho eu ligo para Acosta do orelhão. Próximo à rodoviária, Oscar parou ao lado do telefone público e ligou para Acosta, pondo-o a par dos acontecimentos, e depois para o promotor Rui, com o mesmo motivo, perguntando se poderia conversar com ele e o juiz Marcos.

— Quer que eu e o juiz Marcos, vá até a delegacia? Pergunta o promotor.

— Não seria seguro, daria na vista porque estamos sendo vigiados, e amanhã na hora do expediente eu ou o Delegado chegaremos aí no foro. Não levantará muitas suspeitas.

— Tudo bem, até amanhã. No dia seguinte como já era costume nas quartas-feiras Oscar ia mais cedo para a delegacia, só que desta vez Helena estava pronta para ir junto. Oscar olha para a moça e pergunta:

— Caiu da cama, meu amor?

— Não, mas agora vou ir contigo neste horário também.

— Então vamos. Chegando na repartição, o Delegado já estava esperando por Oscar, mas não se surpreende ao ver a moça junto.

— Vamos a academia da DP, diz o chefe. E vai perguntando a Helena o que sabe de caratê.

— Sou faixa rocha, diz a moça, mas tinha parado um bom tempo até começar o curso para a polícia, e o Sr.?

— Sou faixa preta e olhando para Oscar, a moça pergunta:

— E você? Não sabia que treinava caratê.

— Eu sou faixa branca, responde com um sorriso irônico nos lábios. E olhou para o chefe.

Foram para uma garagem que tinha no porão da DP ali alguns aparelhos simples mas eficazes e um tatame. Fizeram um aquecimento e depois passaram a treinar lutas. Oscar dá uma piscada para o chefe e sugeri que Helena que é faixa rocha e o Delegado que é faixa preta, comecem os treinos de luta enquanto ele que é faixa branca olhe para aprender.

Tudo bem diz a garota. Durante a luta treino deu para ver que Helena lutava bem para uma faixa rocha, mas chegou a vez de Oscar, o Delegado disse:

— Agora vocês dois, eu vou olhar para depois explicar alguns detalhes para vocês. Começaram a luta, o casal, com a moça no ataque e o rapaz somente na defesa mas ela não conseguia acertá-lo, e quanto mais ela tentava acertá-lo mais ele mostrava facilidade nas defesas, até que viu que ela estava ficando braba, aí mostrou como deveria ser os ataques com variados golpes, de encostar o pé e a mão na moça sem que ela pudesse defender os golpes, Helena atônita com a rapidez do namorado parou reclamando:

— Tu me enganaste, não é faixa branca coisa nenhuma.

— Não te enganei, eu apenas nunca fiz teste para trocar de faixa, e meu instrutor nunca me pediu para fazer testes para trocar de faixa. Pedro pergunta:

— Oscar, quem foi o teu mestre? Nunca me disseste, quem é esta pessoa.

— Tu nunca me perguntaste mas posso dizer, meu mestre é meu pai, vocês vão conhecê-lo no dia vinte quando ele vier para o casamento.

— Muito bem seu espertinho, quero ver agora tu e o seu Pedro.

— Muito bem, disse Pedro. Os dois homens cumprimentaram-se no meio do tatame. Começaram uma luta frenética onde desferiram vários golpes que quase sempre eram defendidos pelo adversário, apenas Oscar conseguia encostar em Pedro, porém o delegado não conseguiu acertar o jovem inspetor. Durante o treino, enquanto os homens treinavam entra na garagem Luciana, a esposa de Pedro, com um quimono de faixa rocha, e começa a fazer aquecimento após cumprimentar Helena, disse:

— Agora acho que vou ter com quem treinar, porque com estes dois não dá. O treino dos homens durou meia hora sem intervalos, e após deixaram as mulheres treinarem e iam corrigindo algumas falhas, como: postura, ataque e defesa. Explicando maneiras mais fáceis de praticar os movimentos que a luta requer. Antes que as mulheres acabassem o treino delas os homens foram tomar banho para depois iniciar o expediente da DP. Enquanto as mulheres tomavam banho os homens já na Delegacia combinavam quem iria ao foro falar com o Juiz e o Promotor a respeito dos últimos acontecimentos a respeito da seita do diabo. Pedro resolveu que iria ele. Oscar e Helena ficariam na DP, onde agora, também ficava um PM, durante o expediente. A tarde deste mesmo dia chega a cidade o Inspetor Acosta, com uma equipe de oito policiais de sua confiança, e em carros discretos, indo apenas Acosta a DP, falar com o delegado e Oscar. Acosta entrou na delegacia e foi atendido por Helena que perguntou o que desejava.

— Quero falar com o Delegado ou com o Inspetor Oscar, quem devo apresentar pergunta a moça, diga que é um amigo dos dois, um momento Senhor. Saiu e voltou com Oscar que o cumprimentou e convidou a passar no gabinete que o Delegado o estava esperando. Ao entrarem na sala Acosta fechou a porta. Mais tarde quando saíram Oscar pediu a Helena que fosse com Acosta na escola que a irmã de Dolores, Ivone, lecionava e apresentasse Acosta a Ivone, como se ele fossem um tio de Inácio, que estava de passagem pela cidade e, queria conhecer a irmã de Dolores. Helena fez isto deixando o policial conversando com a professorinha foi para casa, pois já era meio dia. Quando estava chegando o seu amado também chegava ao hotel, entraram abraçados, e foram direto para a cozinha ver se precisavam de ajuda, mas já

estava tudo certinho. O Senhor Francisco já tinha contratado mais uma funcionária para trabalhar no lugar de Helena.

Chega o sábado. Como normalmente fazia Oscar por volta das 05h30 min, saiu para fazer a sua corrida a pé de mais ou menos 1 hora, com a diferença que desta vez vai levando uma pequena bolsa tipo mochila, dentro da qual ia suas armas e munições. Mudou também o itinerário, foi para a estrada e não em volta da pracinha da cidade, porque se houvesse um tiroteio, seria mais difícil um inocente ser ferido. Cinco km. da cidade uma camioneta passa por ele e logo adiante pára. O policial olha para atrás e vê um carro parando, também. Da camioneta desce Clóvis e mais dois indivíduos, dentre eles um grandão de mais ou menos 2 metros de altura, forte como um touro. Do outro carro saem outros três, que correm em direção ao jovem policial, que passa para outro lado da rodovia e continua na sua corrida como se nada estivesse acontecendo. Clóvis e sua turma passam para o outro lado da estrada e atacam o rapaz que corria. Este parou perguntando.

— O que quer priminho?

— Quero acabar com esta tua cara debochada, responde Clovis. Oscar responde com mais um deboche para Clóvis:

— Tem tanta coragem, que precisa trazer estas meninas, para te ajudarem, ou vai ser só entre nos dois, e elas são platéia?

— Não, quem vai te quebrar um pouquinho é o nosso amigo quebra ossos, o que responde o policial.

— Este é o famoso quebra ossos do deputado, segundo fiquei sabendo às vezes vira mulherzinha do deputado ladrão. Ouvindo estas palavras quebra ossos avançou contra Oscar, este esperando e se aproveitando que o adversário estava louco de raiva com a gozação atacou-o como um touro brabo e levou um violento golpe na cabeça com os dois pés de Oscar, e caiu desmaiado. O policial olhou os outros e perguntou:

— Quem é o próximo? Ou vão ser todos juntos? Clóvis grita para os companheiros:

— Peguem ele de qualquer maneira. Todos atacaram de uma só vez e desta vez mais um foi a nocaute. Outro. E mais outro. Quando sobraram em pé somente dois, Clóvis e um rapaz moreno, que tratou de pegar uma corrente para agredir o policial, tentou várias vezes porém não acertou o alvo porque o jovem policial, conseguia esquivar-se de todos os golpes até que em um contragolpe nocauteou este também. Clóvis, como todo o covarde já estava com uma pistola na mão, mas não teve tempo de usá-la, porque com um certo chute na mão de Clóvis, ficou desarmado, e aí apanhou como boi roceiro. Para desmoralizar mais o bandido, Oscar o virou de bunda para cima

tirou o sapato dele e deu-lhe várias sapatadas na bunda, parando apenas quando escutou o barulho de um carro parando. Soltou Clóvis e virou-se vendo que no outro carro estavam o Delegado Pedro, Acosta e outros policiais, que já foram revistando e algemando os desacordados. Acosta e o delegado chegaram perto de Oscar perguntando:

— Tudo bem rapaz?

— Sim, respondeu Oscar, mas é bom levar o grandão para o hospital, porque acho que bati muito forte nele. E esta menina aqui, somente apanhou como criança, sapatada na bunda. Clóvis com o descuido dos policiais conseguiu pegar outra arma que tinha na perna e encostando-a nas costas do delegado gritou:

— Para atrás ou mato este delegado bundão. Mal terminou a frase e Clóvis já estava desarmado dando um grito de dor. Deu para ver, que o braço direito do marginal estava quebrado com fratura exposta com o golpe recebido por Pedro, que perguntou:

— O que foi que tu disseste? Mas o malfeitor só gritava ai, ai, ai... O delegado olhou bem para Clóvis e disse:

— Este braço é pelo dia do banco, e o delegado bundão tu vai ver no inquérito que vais responder. E vocês estão todos presos em flagrante por tentativa de sequestro, porte ilegal de armas e tentativa de homicídio. Após conduziram os seis marginais para o hospital, pois todos estavam lesionados. Uma hora depois saíram do hospital os policiais, levando quatro dos bandidos, ficando em observação Quebra ossos e Clóvis. Este último seria operado para arrumar o braço quebrado. Na Delegacia quando os policiais interrogavam os marginais um deles pediu para falar em particular com Oscar. Acosta disse:

— Vamos lá para os fundos que quero ver o que tu queres falar.

— Não, disse o preso, primeiro quero falar a sós com este moço, Acosta concordou e Oscar conduziu o preso a sala de investigações, onde poderia conversar tranquilamente. Este preso chamava-se, Mario dos Santos, era um rapaz de vinte e seis anos de idade. Fechada a porta Oscar perguntou:

— O que tens para me falar?

— Quero te fazer uma proposta.

— Qual? Pergunta o policial.

— Entrego todos os crimes que sei da turma do diabo, em troca de livrar a minha cara.

— Quais os crimes que sabes? Do teu colega em Porto Alegre é um deles da chacina do Paulo e a família dele, do padre, do pastor, do deputado

Larri de Freitas, para que Carlos na última eleição ficasse como primeiro suplente, e com a morte do outro assumiu a cadeira de deputado federal. Oscar olhou para o rapaz e perguntou:

— Tens como provar?

— Sim, diz o preso.

— Como? Pergunta Oscar. Com um filme, tenho tudo gravado, eles gostam de assistir suas maldades e gravam tudo, e para uma eventualidade fiz umas cópias para mim.

— Onde estão estas cópias?

— Bem guardadas, mas quero negociar com vocês.

— O que queres para entregá-las a mim?

— Minha liberdade, diz e rapaz.

— Aguarda aqui que vou ver o que posso fazer. Oscar entra no gabinete do Delegado onde está Pedro, o promotor, e Acosta.

— Senhores, tenho duas notícias. Uma ótima e outra ruim, o Delegado olha rindo e diz:

— Fale primeiro a ruim depois a outra. Muito bem a ruim é que Mário quer que o soltemos. Todos riram.

— E a boa? Pergunta o promotor.

— É que Mário disse que tem todos os crimes gravados em filme, que os sádicos, Carlos e Martim, costumam gravar seus crimes para depois assistir, e ele tem cópias de todos, mas que somente dirá onde estão com um acordo, em que ele seja solto. Não precisa inocentá-lo mas apenas deixar ele fugir e dar um tempinho de dianteira para ele. Após alguns minutos de silêncio o Promotor quebra o silêncio, dizendo:

— Concordo, mas primeiro temos que ver as fitas, o delegado também, Acosta e Oscar também. Oscar volta a sala de investigações, acompanhado pelos outros três. O Delegado diz:

— Mário nós concordamos com a tua proposta, onde estão estas fitas?

— Calma, seu moço, mas eu quero negociar é com este moço, e apontou para Oscar. Só vou negociar com este moço, porque sei que ele quando promete alguma coisa não deixa de cumprir o acordo. Mário diz:

— Mário aqui quem manda são estes senhores que estão aqui conosco, e eles é quem resolvem se fazem acordo contigo ou não.

— Mas uns amigos meus disseram que, tu és um homem de palavra e que dá para confiar. O Delegado e os outros saíram da sala e disseram para Oscar:

— O que tu resolveres com ele está bem. O jovem policial, então pergunta:

— Onde estão as provas? Mario pergunta:

— Temos um acordo?

— Sim, depois que eu ver as fitas te darei 2 horas de vantagem para tu fugires, e não irei atrás de ti, mas depois desta 2 horas avisarei os outros para irem a tua caça. Oscar entra novamente na sala do Delegado e Pede a chave do carro de Acosta, que estava na garagem da Delegacia, e diz:

— Esse é um carro estranho e não vai ter problema de ser seguido, e olhando para o delegado diz:

— Vai sair o Gadeiúdo sozinho dirigindo o carro.

— E o preso? Pergunta o Promotor.

— Só tem um jeito, responde o policial, no porta-malas. Eu já tenho o endereço, é aqui na cidade na Rua Borges de Medeiros número 47, na cozinha da casa em baixo de uma lajota, que está embaixo do refrigerador. Eu prometi, a ele duas horas de vantagem até dar a alerta da fuga. Oscar sai e põem o preso no porta-malas do carro e vai em direção ao endereço da casa de Mário, que mora só. Chegando lá põem o carro na garagem e fecha o portão, tira Mário do porta-malas e vão em direção da cozinha, onde realmente estava uma caixa de papelão, com várias fitas. Usando aparelhagem que Mário tinha em casa assistiu, algumas fitas. Ficou chocado com as barbaridades que revelavam aquelas fitas. Torturas, estupros, assassinatos, e de todos, os sádicos piores, eram o Deputado e o Prefeito. Os outros eram coadjuvantes.

— Muito bem, disse Oscar a Mário, temos um trato, tu cumpriste a tua parte, agora vou cumprir a minha, e tirando as algemas do preso disse:

— Podes ir embora.

— Preciso pegar algumas coisas disse Mário.

— Teu tempo já está correndo, diz o policial. Mário vai para o quarto com a desculpa de pegar uma sacola para por roupas, e volta com uma pistola na mão, atirando contra o policial que segundo o entendimento de Mário estava sentado em uma cadeira de costas para ele. Deu seis tiros quase a queima roupa. Quando parou de atirar sentiu uma mão no seu ombro e levou violento golpe no pescoço caindo ao chão já sem a arma na mão. Quando pensou em levantar já estava novamente algemado, ouvindo o policial dizendo:

— Acabou o acordo, por quebra de contrato. Dito isto a porta da casa caiu para dentro e entra o Delegado, Acosta, promotor e alguns outros policiais. Que vendo o preso sendo novamente algemado, perguntou:

— O que houve? Perguntou o promotor.

— Quebra de contrato, Doutor, respondeu Oscar. O espertinho me deu seis tiros pelas costas, mas furou apenas a minha jaqueta. E as provas? Pergunta Acosta:

— Estão nesta caixa. É filme de terror mesmo.

Voltam para a Delegacia levando os aparelhos de Mário para poder assistir as fitas. O promotor ligou para o Juiz e convidou-o para assistir as fitas o que o magistrado aceitou indo também a DP. As filmagens deixaram a todos sem saber o que dizer sobre o que viram e ouviram. Se fosse filme já seria bárbaro, mas isto é a realidade do que certas pessoas fazem com seus semelhantes. O Juiz que, durante o filme ficara calado assistindo a fita, perguntou no final:

— Será que isto não é montagem?

— Creio que não Senhor, respondeu Oscar.

— Segundo o laudo da morte de Inácio e de Paulo e a família deste último os laudos médicos, confirmam que as vítimas foram torturadas, e as mulheres antes de serem mortas foram estupradas. E no caso de Paulo, a família foi seviciadas, antes de matarem o pai as crianças e esposa.

— Estes bandidos são mesmo cruéis, torturaram até o deputado, que mataram para que Carlos Schmidt, assumisse a vaga dele. O Juiz olha para o delegado dirigindo-se a ele:

— Peça a prisão preventiva de todos, e encaminhe ao foro. O promotor disse ao Delegado:

— Posso ficar junto com vocês, neste trabalho, já fui delegado e posso ajudar. Se quiserem posso redigir o pedido de prisão preventiva, destes animais.

— Dr., toda ajuda é bem vinda, porque temos tempo para entrega no foro, pouca gente para o trabalho. E assim foi improvisado quatro cartórios. Um para o delegado, outro para Acosta, outro para o Promotor, que pediu um escrivão para ser mais rápido, tendo Helena como escrivã, e outro cartório para Oscar, sendo que os dois Inspetores ficam encarregados de tomar depoimentos dos presos. As 15 horas era entregue no foro o auto de prisão em flagrante e o de prisão preventiva dos criminosos. Os presos com exceção de Clóvis que estava hospitalizado, foram encaminhados ao presídio. Por volta das 16 horas chegavam ao restaurante do hotel os policiais para almoçar. Ao entrar

no salão do restaurante, foram recebidos pelo dono Senhor Francisco, que brincando, comentou com o Delegado:

— O Senhor está judiando muito da minha garotinha Delegado, olha só a pobrezinha está de olhos azuis de fome. Também brincando o delegado responde:

— Se o problema é este, ele já nasceu com fome, e foram sentar à mesa para comerem pois estavam todos com fome.

Ainda teriam que cumprir um mandato de busca e apreensão na casa do prefeito e dos principais, envolvidos no caso, menos é claro na do Deputado, porque este tem uma tal de imunidade parlamentar.

Para cumprir os mandatos já estavam na cidade as equipes do inspetor Acosta, do Comissário Rocha, e mais um pelotão da BM. Para dar segurança e ajuda aos policiais civis. Na casa do prefeito, que segundo informações era uma fortaleza muito bem guardada por vários capangas dele, foi encontrado pela equipe de Oscar que se fez acompanhar pelos policiais da BM. Um arsenal de armas e munições, os originais das fitas gravadas nos crimes da seita, vasta documentação comprovando desfalques nos cofres da Prefeitura de Dois Pinheiros, e falcruas do Deputado, pois ali eles tinham um tipo de escritório de contabilidade do crime, onde estava tudo anotado até quanto cada um recebia, pelos crimes. Como; assassinatos por encomenda, quem matava, quem mandava, quanto recebiam pelos crimes, assalto a bancos. Tudo isto estava em um salão no porão da casa do prefeito, atrás de uma porta secreta, que foi achado pelo Soldado Machado após arrombada, para poder entrar.

Tinha ainda uma mini gráfica para fazer documentos frios e dinheiro. Foi preciso pegar um caminhão para carregar todo o material apreendido: Máquinas gráfica, Vinte e seis fuzis Aro 15, vinte mil cartuchos para esta arma, quinze pistolas calibre 45, trinta e um revólveres calibre 38, cinco mil cartuchos calibre 38 e dois mil cartuchos calibre 45, as fitas originais sobre os crimes da quadrilha, várias fotografias da tortura do padre e do pastor, pais dos chefes da quadrilha, documentos vários comprovando, os crimes de roubos e saques aos cofres públicos. O Prefeito escapou, dos policiais, sobre tiroteio serrado contra os policiais, que resultou na morte de cinco capangas do prefeito e dois policiais feridos, sendo um com gravidade. Eles foram encaminhados ao hospital, já os criminosos todos os mortos tiveram morte instantânea, com um tiro mortal, apenas um tiro em cada um deles. Oscar por sua vez, levou um susto sendo ferido de raspão em uma orelha. As outras equipes também apreenderam várias provas e armas, e sete capangas dos criminosos que se renderam. Quando chegaram na Delegacia de Sabiá, encontraram o Secretário de Segurança, policiais federais, pois tinha um deputado envolvido, provas de vários crimes da seara da PF.. Os trabalhos foram noite adentro, e por volta

das, 23 horas Helena traz a mando de seu pai, um lanche para o pessoal que trabalhava na DP. Os policiais deram por encerrado os trabalhos, por volta das 09 horas de domingo, hora em que foram descansar. A semana seguinte, policiais de todo o estado, estavam mobilizados na captura do prefeito Martins da Silva Hás. Mas ninguém tinha pistas do seu paradeiro. O Deputado Federal Carlos Fontana Schmidt, também encontrava-se foragido, pois foi decretada sua prisão preventiva, com base nas vastas provas existentes contra ele, e a Polícia não tinha nenhuma pista de seu paradeiro. Na manhã de vinte de abril, os jovens noivos; levantam cedo, porque tem muitos preparativos para festa do casamento, como enfeitar a Igreja, o salão do clube, onde seria a festa, para duzentos convidados. Helena foi arrumar a igreja, e Oscar foi arrumar o clube, acompanhado por Ivone e Marilda, enquanto, Luciana, a esposa do delegado, foi ajudar Helena na arrumação da igreja. Ao meio dia a igreja já estava pronta, a noiva e Luciana, vão até o clube, que fica ao lado do hotel. Os trabalhos já estavam sendo terminados, pois estavam ajudando, na arrumação o PM. Machado, o Delegado Pedro, e o Dr. Julio, mais dois funcionários do clube. O salão estava enfeitado com vários arranjos de flores, sessenta mesas, todas com quatro cadeira e uma toalha branca, e no centro de cada mesma um vaso com dois botões de rosa vermelha, e um cartão de cor azul, com o seguinte dizer; Amamo-nos ao primeiro olhar, e assim pretendemos nos amar até o derradeiro momento da separação, ordenado pelo Criador. Ao lado tinha ainda uma pista de dança, e palco para uma orquestra. Helena olhou e aprovou a arrumação e foi felicitar as moças que estavam ajudando na arrumação do salão. Estas lhe disseram:

— A ideia não foi nossa e sim de Oscar. A moça chegou perto do noivo e disse:

— Meu amor, eu não conhecia estes teus dotes de decorador, o salão esta lindo!!

— É, meu amor, diz o rapaz. Tem muita coisa que, temos que conhecer um do outro, para isso temos, a vida toda.

O casamento: Às 19 horas do dia vinte de abril de 1971. A igreja de Sábina do Sul, está repleta de fieis, quando entra de braço com sua mãe o noivo Oscar. Vestindo um terno azul, camisa branca, sapatos pretos, e uma gravata listrada de azul e branco. O par segue a passos lentos até o local, onde estava esperando Julio, pai de Oscar. Juntamente com este os padrinhos, Pedro e Luciana, e os padrinhos da noiva Dr. Julio e Marilda. Alguns minutos depois começa a tocar a marcha nupcial e entra a noiva apoiada no braço de seu pai. Ela trajando um vestido branco, longo deixando aparecer apenas os sapatos também brancos, e na cabeça uma coroa de flores, maquiagem leve, deixando transparecer sua incrível beleza. Caminhava segura, como disse no início desta narrativa, andava como uma onça, a caça da sua presa. Seu pai caminhava a

seu lado orgulhoso de sua obra de arte, trajando um terno preto, camisa branca e gravata vermelha, com pequenas listras pretas e brancas. Chegando ao altar, cumprimentou o genro. Apertou bem forte a mão, e disse:

— Cuida bem da minha guria, ou vou pegá-la de volta. Oscar também apertando bem a mão do sogro, disse:

— Esta eu não devolvo mais, mas pode ficar tranquilo que cuidarei bem dela. Dizendo estas palavras, pegou a mão da moça levou-a aos lábios beijando, e viraram-se para o lado do padre ajoelharam-se no banco que estava a sua frente. A cerimônia continuou, tranqüila, houve os sim, a troca de alianças, e um ardente beijo, que o padre teve que dizer:

— Filhos, estamos na igreja, tenham calma. A noiva separa os lábios do noivo e diz ao padre:

— Padre este e o primeiro beijo que dou no meu marido. O padre Antonio entrando no clima de festa respondeu:

— É tu estás certa, os outros ele ainda era teu noivo, mas passem na sacristia para assinar os livros. O que foi feito.

Após saíram de braços dados da igreja ao som de uma bela música, cantada por um pequeno coral. Como era tradição na cidade, os noivos que festejavam sua festa no clube iam a pé até o clube que ficava meia quadra da Igreja, mas, neste dia como estivesse chovendo, o Dr. Julio colocou seu corcel amarelo, com listras pretas a disposição dos noivos para que não se molhassem. Helena olhou para o dono do carro agradeceu dizendo:

— Marilda já nos emprestou o guarda-chuva, priminho, e dando um beijo no rosto de Julio, abriu o guarda-chuva e saiu abraçada com Oscar em direção do clube. Durante o trajeto até o clube foram fotografados pelo fotógrafo, Hugo, e no salão de festas seguiram-se os fleches do fotógrafo.

Após os cumprimentos dos convidados, foi servido suculento churrasco, que foi saboreado com muita conversa, brincadeiras, e sorrisos, entre todos os participantes.

Durante o jantar uma orquestra tocava músicas suaves, após jantar a sobremesa era o tradicional bolo, que foi cortado pelos noivos, e distribuído aos convidados. Dentre eles, o Padre Antônio que comeu várias fatias de bolo, e ainda com um pratinho na mão, foi ao microfone dos músicos, perguntando:

— Quando é que vamos poder dançar. E olhando para os músicos, vamos meninos toquem a valsa para os noivos, que o pessoal quer dançar. Mas estão esperando pelos donos da festa. Pois parece que eles querem saber se estes dois sabem dançar, eu acho que não, porque estão demorando muito para começarem o arrasta pé? Os músicos não se fizeram de rogados e

tocaram uma bela valsa, que os noivos dançaram com maestria, rodopiando pelo salão. Ao terminar a música, padre Antônio que estava no palco aplaudiu dizendo>

— Me desculpe, achei alguém que, dança como eu nesta cidade, me desculpe a modéstia, mas aqui eu sou o melhor dançarino, disse o padre rindo e descendo do palco indo cumprimentar os noivos, pela habilidade na dança. A orquestra continuou a tocar vários ritmos de música, e o padre Antônio, mostrou que realmente era um ótimo dançarino, dançava com meninas, moças e senhoras, porém com todo o respeito que seu cargo de pároco requeria. Era a alegria em pessoa. Meia noite, a noiva sobe no palco, chamando as moças. Ei, meninas, vou jogar o buquê. As moças solteiras da festa vieram para frente do palco tentar pegar o buquê, que segundo tradicionalmente se diz: quem o pega, arruma casamento. A noiva vira-se de costas para a platéia, e joga o objeto do desejo daquelas moças que estavam em frente ao palco, ele foi cair nas mãos de Ivone, a bela morena namorada do Dr Júlio. Foi uma festa, a moça não parava de pular e sorrir, indo abraçar o namorado. Enquanto os convidados prestavam atenção em Ivone, Oscar e Helena fugiam, pelos fundos do palco, indo onde estava o corcel amarelo do Dr. Júlio, que estava estacionado, ao lado do clube, e prontinho para viajar. Entraram no carro, o noivo, deu a partida saindo fazendo a volta na quadra passando buzinando em frente ao clube indo em direção ao hotel para trocaram de roupas pois a noiva ainda estava com o vestido branco do casamento. Queria por algo mais confortável para viajar, Oscar aproveita e também troca de roupas e saem para a estrada rumo a capital do estado. No pára-choque do carro estava amarrado uma cordinha, com várias latas, que faziam muito barulho, e foram retiradas logo após saírem da cidade, o que mais tarde os jovens ficaram sabendo é que quem as tinha colocado ali fora o padre Antônio. A viagem a capital foi tranquila. Helena logo após a saída da cidade adormeceu, acordando com as luzes da cidade. Dirigiram-se ao hotel, em que já estiveram uma vez e tinham reservado o mesmo quarto da outra vez o nº 171. Mas a canseira era tanta que foram direto, deitar-se adormecendo abraçadinhos, pois a jovem teria que estar cedo no palácio da Polícia para sua nomeação como policial civil.

No momento da nomeação, os dirigentes, começaram a chamar, os alunos com melhores notas, por matérias, quando chegou a matéria de defesa pessoal, chamaram Helena para ir receber, uma portaria de louvor, por ser a melhor classificada, entre todos os alunos do curso. Foi muito aplaudida, e logo em seguida foi novamente chamada como a melhor aluna de tiro, sendo igualmente aplaudida. E no geral foi classificada em segundo lugar. Terminados os atos de formatura e nomeação, o secretário de segurança, chamou Helena no gabinete, para perguntar se não gostaria de ficar trabalhando na capital, pois tinham alguns Delegados querendo que ela ficasse trabalhando em suas delegacias. A moça foi categórica;

— Sr. Secretário, não posso pois casei-me ontem com Oscar que o Sr. Conhece lá de Sabiá e ele não gosta da capital, e eu também não, sabe |Sr. Somos bicho do mato e gostamos de cidades pequenas.

— Tudo bem moça, eu já sabia a tua resposta, o Pedro me ligou a pouco, mas para dar satisfação aos colegas daqui, perguntei a ti. Meus parabéns pela formatura e pelo casamento, os delegados daqui estão querendo vocês dois, se algum dia mudarem de idéia, é só me procurar. A moça despediu-se do Secretário, e encontrou o marido da sala de espera. Saíram sem trocar palavras apenas um olhar, abraçaram-se e saíram assim do palácio, indo a pé na direção ao centro da cidade, conversando animadamente. A moça falando da proposta do Secretário, e o rapaz, ouvindo. Chegaram ao centro na rua da praia, entraram em um bar para tomar um café, sentaram-se à mesa de frente para a porta de entrada do bar, e ali ficaram conversando, enquanto tomavam o café. Neste momento entram no bar dois casais, sentam-se a mesa ao lado dos policiais, e também pedem um café. E ficam a observar o interior do bar e o casal a seu lado, Oscar põem a mão sobre a da esposa e esta olha para ele, e ele pisca o olho e olha para os dois casais na mesa do lado da deles. A moça faz leve sinal com a cabeça que entendera, que provavelmente, eram malfeitores, porque a atitude deles era muito suspeita. Para não saírem do bar antes daquelas pessoas, pediram ao garçom, uma garrafa de água mineral com dois copos, e ali ficaram. Os suspeitos terminaram o café, e os dois homens, foram em direção ao balcão do caixa, nesta ocasião Oscar como se fosse pagar a conta também foi, em direção ao balcão chegando junto com os suspeitos, e Helena ficou de olho nas mulheres, que por sua vez foram em sua direção, dizendo:

— Ei bonequinha, gostamos da tua bolsa, e vamos ficar com ela. A policial olhou para ambas e disse:

— Então venham pegar. Uma das mulheres pegou uma faquinha que estava na bolsa e foi em direção de Helena, mas não pode fazer uso da faca pois a jovem policial, com um golpe de judô, imobilizou-a fazendo a meliante soltar um grito de dor, soltando a faca. A outra, que veio em socorro da companheira, levou a pior, pois foi atingida com um golpe de caratê com o pé direito da moça deixando-a sem fôlego. Após esta pequena luta, Helena soltou a que estava com o braço preso e apontou para ambas seu revólver 38, mandando que ficassem quietas. Próximo ao balcão acontecia também uma contenta entre Oscar e os homens, quando um deles, apontou uma arma para o caixa do bar e o outro tentou apontar uma para Oscar. Porque quando fez menção de pegar a arma já estava caído no chão com um violento soco no queixo, e o outro ao se virar para o policial, foi desarmado com um chute na mão armada e imobilizado, enquanto Helena, por sua vez desarmara a mulher que estava com uma faca não dando tempo a esta de fazer uso de sua arma e

estavam sob a mira de um trinta e oito da policial. Oscar olhou para a esposa e perguntou:

— Tudo bem ai meu amor?

— Aqui tranqüilo meu bem, e aí?

— Calmo, estes pés de chinelo se deram mal. Após olhou para o caixa que estava todo assustado e disse:

— Liga para a polícia, para virem buscar estes malandros. E olhando para os ladrões, disse:

— Vocês estão presos em flagrante, por roubo, algemando os dois homens um ao outro, Helena fez o mesmo com as mulheres. Quando chegaram os policiais que vinham buscar os presos, a porta do bar estava congestionada de curiosos, jornalistas, fotógrafos, querendo ver os assaltantes, foi necessário fazer um cordão de isolamento, para retirar os malfeitores do bar. No plantão da polícia foi constatado, que um casal, José e Pedrita Pedreira da Rosa, eram casados e já haviam praticado vários assaltos na grande Porto Alegre, e os outros dois eram namorados e vizinhos do casal da Rosa e se chamavam Paulo Ferreira Nonato e Noemi Silveira Brizola, este último casal sem antecedentes policiais. O delegado de plantão era o delegado Alberi Ferronato, que chamou os dois policiais, no gabinete e perguntou-lhes:

— Vocês conhecem os suspeitos que prenderam?

— Não, respondeu Oscar. Só sei que dois deles estavam sendo procurados pela polícia por vários delitos.

— É, disse o delegado, a um ano que tentamos pegá-los, pois sempre que nós os encontramos há enfrentamento e eles tem a sorte de fugir. E já mataram três policiais e feriram dois, em tiroteios.

— Então foi uma boa pesca, disse Helena ao delegado.

— É, responde o delegado, mas vocês tiveram sorte, porque com estes dois não dá para facilitar. Oscar por sua vez respondeu:

— É, delegado sorte ou talvez competência. Porque estávamos atentos e pressentimos o que eles pretendiam fazer, e nos antecipamos, não permitindo que usassem suas armas. Durante a burocracia do ato de prisão em flagrante, José e Pedrita não tiravam os olhos dos policiais que os haviam prendido, como quem quer gravar a fisionomia, das pessoas observadas. Helena percebendo, perguntou a Pedrita:

— Queres me dizer alguma coisa?

— Não ficaremos muito tempo na cadeia e quando sairmos nós conversaremos lá fora. Diante desta ameaça direta aos seus colegas o escrivão

que estava tomando o depoimento de Pedrita, levantou-se e tentou dar uma bofetada na bandida, mas Helena parou na frente e disse:

— Ela não merece nem isto porque é uma pobre infeliz, mas quando sair se quiser me procurar estaremos às ordens. Nesta ocasião José também aproveitou achando que não seria agredido e também fez sua cota de ameaça. Oscar que se mantivera fora da conversa, resolveu dar uma contribuição no assunto, dizendo:

— É, provavelmente vão tentar como todos os covardes, fazer uma tocaia.

— Não sou homem de tocaias seu moço eu mato é de frente mesmo, e já sei que não podemos chegar perto de vocês, portando será de longe, mas vou avisar antes, porque sei que são um casal de coragem e não vão vir me enfrentar com a quadrilha toda.

— Realmente tu és um homem de coragem ou muito burro, porque fazer ameaça a dois policiais dentro de uma delegacia geralmente não é muito saudável para ninguém. Terminando por ali o bate boca, e a papelada assinada, Oscar e Helena, despediram-se do delegado e colegas e foram embora. Mais tarde ficaram sabendo que os bandidos tinham levado uma bela surra por fazer novas ameaças aos policiais que estavam na delegacia. Após saírem do plantão policial, Oscar e a esposa, foram almoçar no restaurante da estação rodoviária, onde comeram suculento churrasco, regado a suco de pêssego. Após foram visitar Dolores viúva de Inácio. Chegando na casa desta, a encontraram chegando do mercado com algumas sacolas. Encontraram-se na porta da casa, onde cumprimentaram-se com abraços e beijos. Foram convidados a entrar. Entraram, foram convidados a sentar-se em um sofá de cor azul, bastante confortável, a sala da casa estava diferente e Helena comentou com Dolores:

— Como está bonita esta tua sala, tudo combina, sofá, cortina, paredes, flores, meus parabéns Dolores, da outra vez que aqui estivemos, era diferente.

— Sim, diz Dolores, eram móveis mais velhos, nós os tínhamos comprado em uma loja de móveis usados, porque o soldo de Inácio não dava para comprar coisas novas, mas agora recebi o seguro que ele havia feito, e comprei a casa que era alugada, troquei os móveis velhos por novos.

A conversa seguiu animada, até que Dolores perguntou sobre o crime que Inácio tinha sido vítima. Dolores disse:

— Oscar, já está esclarecido?

— Alguns dos culpados já estão presos, mas ainda tem os mais perigosos deles que estão foragidos, por isto não gostaria de citar nomes por

enquanto, mas eram todos antigos amigos de Inácio, mas estes que estão soltos, é questão de tempo para pegá-los também.

— Alguma coisa eu já sei, foi publicado nos jornais, não deram muitos detalhes, mas parece ter a ver com uma tal seita do diabo.

— Sim, respondeu Oscar, e os chefes são; um prefeito que este foragido, e um deputado federal, que tem imunidades, depende do supremo tribunal federal para ser preso, e no Brasil estas coisas demoram. Mas serão resolvidas. Ele também irá para o lugar dos criminosos como ele. Conversaram mais algum tempo onde Dolores perguntou pela irmã Ivone, se o namoro dela com o Dr. Júlio era sério mesmo, o que recebeu como resposta de Helena que Júlio estava encantado por Ivone e achava que ela também.

— Acho que vai dar casamento, comentou Oscar.

— Como é este Júlio? Perguntou Dolores.

— É uma ótima pessoa, respondeu Helena, não por ser meu primo, mas é um amor de pessoa.

O tempo foi passando e o casal perdeu a noção do tempo, com passeios, namoro, boates e cinemas, passeio na serra, Gramado, Canela, e de volta para casa.

Dia 28, domingo, chegam em casa por volta das 10 horas e vão direto ao hotel onde são recebidos pelo pai da moça, que os recebe com carinho e um certo ar de mistério. Depois dos abraços para matar a saudades eles começam a retirar do bagageiro do carro as malas, porém o Sr. Francisco pai de Helena, chega na porta e diz:

— Podem parar, o hotel está lotado e não temos vaga. Os jovens param e olham para o homem de meia idade que os olha sério na porta do hotel. Helena olha para o pai e pergunta:

— O que está acontecendo? Acho que ainda tenho um quarto por aqui, não? Ou será que agora que casei perdi o meu cantinho.

— Sim, o daqui só de visita. Pois como dizem, quem casa quer casa. Agora vocês terão a casa de vocês para morar, e vou levar vocês até lá. Descendo a escadaria da entrada do hotel Francisco, mandou o genro por de volta as malas no carro, e dirigir, em direção a delegacia, o que foi feito. Andaram algumas quadras, pela rua principal até chegarem em uma casinha nova feita em um terreno a duas quadras da delegacia. Francisco disse ao genro:

— Pára aqui nesta casinha azul e branca. O que foi feito. A moça perguntou ao pai:

— Construístes uma casa no meu terreno e não me dissestes nada.

— Não gostaste posso mandar derrubar, disse sorrindo.

— Claro que gostei. Mas porque não me dissestes?

— E iria perder a oportunidade de ver esta tua carinha de surpresa. Toma a chave vamos olhar. A moça abriu a porta e entraram, a casa já tinha alguns móveis como o quarto de solteira da moça, e uma geladeira nova cheia, e uma fruteira no chão com as frutas que Francisco, tinha colocado. Os presentes, recebidos no dia do casamento também estavam em uma peça. O casal olhou a casa e Francisco perguntou:

— Gostaram?

— Sim!!! É muito boa! Disse Oscar e a moça concordou.

— Pois bem este é o meu presente de casamento para vocês.

— É, disse a moça, eu não lembro de ter recebido um presente seu mas este é o melhor que poderia nos dar. Obrigada pai. E Oscar também endossou as palavras da esposa. Francisco abraçou os dois e disse:

— Não precisa me agradecer, apenas sejam felizes, que também serei. Mas ainda falta o presente do Júlio e da dona Tereza, que vocês vão ter que escolher na loja do João Grande, onde eles deixaram autorizada. A compra da cozinha, sala, quarto, cortinas, pratos, panelas, em fim tudo o que estiver faltando, e eles já pagaram adiantado, uma boa parte do que vocês vão gastar.

— Vocês nos surpreenderam com estes presentes, nós estávamos pensando nas contas de alugar uma casa e comprar móveis, mas assim fica mais fácil brincar de casinha, diz Helena.

— Bom, vocês descarreguem o carro, e vamos almoçar no hotel, e na passada passamos pela casa do João Grande que ele já está esperando vocês para escolherem os móveis da casa.

— Hoje é domingo, diz Oscar.

— É, mas para vender o JG, não tem feriado.

Olharam bem, novamente, a casa para ter uma idéia do que iriam comprar, e foram almoçar, pois já era 12 horas, passando antes na casa do dono da loja. Júlio, o dono do corcel, já estava almoçando quando chegaram, o casal de pombinhos e Francisco. Os jovens sentaram-se à mesa onde estavam Júlio e Ivone, que os convidaram a sentar. Francisco olhando para um dos garçons disse em voz alta em tom de brincadeira:

— Bota mais bóia nesta mesa que tem mais dois aqui, e pelo que parece não comem há uma semana, e saiu rindo, em direção da cozinha. Oscar

aproveitou a ocasião depois dos cumprimentos, e entregando a chave do carro para Júlio, disse:

— Está de tanque cheio e limpinho, como você gosta. Muito obrigado.

— Que achou do carro? Perguntou Júlio.

— Muito bom, disse Helena antecipando-se a resposta do marido, tem um motor muito bom, para chegar a 180 por hora é um pulinho. E rindo disse:

— Não é, meu amor?!

— Você é muito fofoqueira, disse Oscar não era para contar, sabes que Júlio não gosta que o carro dele ande mais de 80 por hora.

— É, disse novamente Helena, mas a diferença e apenas um algarismo e, achei que ele não iria se incomodar. Os três jovens que estavam com Júlio à mesa olharam para ele e soltaram gostosa risada, pois ele estava sério, como se não tivesse entendido a brincadeira. Júlio por sua vez entrou na brincadeira dizendo, não empresto mais meu carrinho para vocês, seus esmeriladores de carro, e riram-se os quatro. O almoço transcorreu num clima de alegria. Por volta de 4 horas os pombinhos, mais Júlio e Ivone, chegam à loja de JG para comprar os móveis. Passaram três horas escolhendo os móveis, cortinas, louças, tapetes etc... Após as compras os quatro foram para a casa dos policiais esperar a entrega dos móveis que seria feita ainda no domingo. Receberam a compra e com a ajuda dos entregadores deixaram os móveis pesados já nos seus devidos lugares. Antes dos carregadores saírem, Júlio olha para a prima e pergunta:

— Esta tudo no lugar certo prima, ou amanhã já vai começar a mandar o coitado do teu marido trocar tudo do lugar?

— Por hoje sim, amanhã é outro dia diz a moça rindo e, olhando para o marido, que estava dando uma gorjeta para os carregadores. Foram até a noite colocando cortinas, quadros nas paredes, lavando as louças compradas e guardando nos armários. Nove horas da noite e Oscar disse:

— Estou com fome, meu amor, e nossos ajudantes também devem estar,

— É, eu já estou providenciando alguma coisa, tem carvão na churrasqueira, e carne que eu dei uma fugidinha e fui ao mercadinho aqui ao lado de casa e a dona, ficou com pena dos vizinhos imprevidentes e me vendeu uma picanha e um pedaço de costela.

— Agora quero ver se o meu maridinho não me enganou, quando disse que sabia fazer churrasco.

Na casa tinha uma área de serviços nos fundo com quarenta metros quadrados, onde tinha tanque de lavar roupas e uma churrasqueira, nesta área os jovens tinham posto uma mesa de quatro metros com dez cadeiras.

— Muito bem e tu vais fazer o quê? Perguntou Oscar.

— Vou fazer pão e salada diz a moça sorrindo.

— Tá bem, disse Oscar, saindo em direção a área de serviço para fazer fogo na churrasqueira.

— Comprou alguma bebida, meu amor? Pergunta Oscar.

— Sim, uma garrafa de vinho e duas de refrigerante.

— Muito bem, então me empresta a garrafa de vinho, que preciso acender o fogo.

Helena ficou olhando para ele e disse:

— Estás louco? o fogo se acende com álcool.

— Então vais aprender a fazer fogo com garrafa de vinho, e pegando a garrafa foi em direção a churrasqueira onde estava um monte de papel de embrulho, os quais estavam enrolando as loucas, começou a dobrar os papéis e amarrar em volta da garrafa de vinho, até quase cobrir a garrafa, depois colocou-a dentro da churrasqueira e o carvão ao redor da garrafa, pegou os fósforos e acendeu um fósforo e levou este em direção ao papel, mas Helena que estava a seu lado assoprou, apagando o palito de fósforo.

— Oscar olhou para ela; porque fizeste isso?

— Está querendo brincar comigo ou quer estragar o vinho?

— Eu me esqueci de tirar a garrafa do meio do carvão, tirou a garrafa e deixou o papel com um buraco da largura da garrafa onde colocou fogo, e rindo disse:

— Ficou com medo de não ter vinho para tomar, pinguçã. Todos riram da brincadeira, e assim foram, até o churrasco ficar pronto e ser servido. Ocasão em que ficaram em silêncio pois estavam mortos de fome, Após o jantar Júlio saiu com Ivone para levar a namorada ao hotel, onde a moça mora. No caminho Júlio parou o carro, em frente da pracinha, comentando com a namorada:

— A noite está linda para namorar, o que tu achas? Ivone olhou para o namorado, dizendo:

— É, não tem lua nem estrelas, mas tem a minha estrela preferida que és tu, e abraçou o jovem médico dando-lhe vários beijos apaixonados. Por alguns instantes esqueceram de que estavam na via pública, até que alguém

bateu no vidro da porta do carro, trazendo-os a realidade. Olharam assustados, e viram uma freira, funcionária do hospital, que disse meio sem jeito:

— Doutor, estamos precisando do senhor no hospital, porque temos um problema, com uma senhora, que está em trabalho de parto, mas parece que o nenê esta sentado, e talvez precise fazer uma cesariana.

— Já estou indo, pode ir que dentro de poucos minutos estarei lá, disse o médico à freira. Ligou o motor do carro e levou a namorada para casa, dando-lhe mais alguns beijinhos. Foi direto ao hospital. No hospital examinou a parturiente, e concluiu que realmente deveria ser feita a cesariana, o que foi feito.

Enquanto isto na casa dos dois policiais Oscar, depois de um bom banho, foi ajudar Helena no serviço da cozinha, secando as louças, enquanto a moça foi tomar seu banho. Terminado os trabalhos, o rapaz foi deitar-se entrando no quarto viu que a mulher já estava deitada, apenas de roupas íntimas. O jovem olhou dizendo:

— Acho que vamos ter serão hoje, e tirando o pijama, apagou a luz e foi para junto de sua amada, e amaram-se como se fosse a primeira vez. No dia seguinte a folga acabara, e Oscar teria que retornar ao trabalho e, Helena teria o seu primeiro dia, e não queriam chegar atrasados. Levantaram-se em cima da hora e não deu tempo para nada, Oscar que acordara primeiro, acordou a mulher, com um carinhoso beijo na testa, dizendo:

— Meu amor, estamos quase atrasados para o teu primeiro dia de trabalho. E ainda temos que tomar banho. E foram os dois juntos ao banheiro, onde tomaram o banho entre beijos e caricias, tiveram que ter muita força de vontade para resistirem a tentação de voltarem a cama, mas como eram pessoas responsáveis e cumpridora dos seus deveres, vestiram-se rapidamente, comeram uma fruta e saíram de mãos dadas até a delegacia que era pouco mais de 200 metros de distância de sua casa. Chegaram no trabalho e a porta da delegacia já estava aberta, do interior da mesma vinha um cheirinho que café recém feito. Entraram e do gabinete ouviram a voz de Luciana dizendo:

— Fechem a porta da frente um pouquinho e venham até aqui, tomar um cafezinho conosco; O pedido foi atendido e quando entraram no gabinete de Pedro, lá estava o casal, esperando o jovem casal de funcionários da DP Com a mesa do delegado cheia com apetitoso café colonial. Luciana e Pedro abraçaram os amigos e após Luciana disse:

— Achamos que vocês hoje não teriam tempo para tomar café, e por isto para festejar o retorno de nossos amigos resolvemos fazer uma surpresinha.

— É, mas não fiquem mal acostumados, porque esta mordomia será apenas hoje, está bem.

— Obrigado, mas como souberam que nós não teríamos tempo para tomar café? Perguntou Helena, e Luciana respondeu:

— Nós também já tivemos um primeiro dia de trabalho após o casamento, e este dia é difícil de sair da cama cedo. Os dois casais riram bastante, e enquanto tomavam o saboroso café, conversavam animadamente, sobre vários assuntos: trabalho, lua de mel, formatura de Helena, assédio de alguns delegados da capital sobre o casal para transferirem-se para Porto Alegre. Durante o dia o assunto foi para por as fofocas em dia, apenas duas pessoas entraram na repartição, e os trabalhos não estavam muito acumulados, porque na ausência de Oscar, Luciana dera uma ajudazinha ao marido para por a documentação em dia e não atrasar nada. E assim transcorreram os dias, uma semana, um mês, e a tranquilidade, na cidade e na vida dos policiais. Oscar e Helena em permanente lua de mel. Dia 29 de maio estavam trabalhando na delegacia, os policiais quando ouviram um barulho vindo do gabinete do delegado e foram olhar encontrando-o com a mão na cabeça e suja de sangue. Helena que fora a primeira pessoa a entrar na sala ao ver o chefe ferido, chamou Oscar, que rapidamente acudiu, mas Pedro os tranqüilizou dizendo:

— Foi um tiro de raspão, nesta ocasião Oscar prevendo a repetição do atentado, puxou o chefe pelo braço, para tirá-lo da frente da janela, enquanto Helena que tinha saído da sala vinha com as armas dele e dela. Em vão tentaram localizar o atirador, levaram Pedro ao hospital, mas por sorte foi apenas um arranhão na nuca, que apenas retirou um pouco de cabelos e couro cabeludo. Levaram Pedro ao Hospital e o deixaram aos cuidados de Dr. Júlio.

Enquanto o Dr. Julio tratava do curativo em Pedro, Oscar saiu a procura do atirador. Helena queria ir junto mas o marido com a desculpa que ele poderia estar por perto convenceu-a de ficar no hospital para dar segurança a Pedro, que estava um pouco tonto, com o tiro. Voltou a delegacia. Da sala de Pedro, começou a observar pela janela, sentado na cadeira onde estava o delegado na ocasião do tiro. Chegando a conclusão que tal disparo provavelmente teria sido feito da torre da igreja. Resolveu sair, e ir até lá ver se achava o atirador. Mas antes resolveu avisar Luciana do ocorrido, antes que algum fofoqueiro de plantão viesse contar a história diferente do que realmente era. Bateu na porta da casa e como ninguém atendesse, entrou e foi chamando por Luciana, e como esta não respondesse bateu na porta do quarto, por duas vezes e como não obtivesse resposta abriu a porta. Viu na penumbra, que Luciana estava dormindo, chamou mais duas vezes, como não tivesse resposta chegou perto e cutucou o braço da mulher que diante do toque acordou dizendo:

— Meu amor, que horas são, e ao olhar para quem a tinha acordado deu um pulo e procurou cobrir-se, pois estava nua, como gostava de dormir. Quase gritando perguntou:

— O que está fazendo em meu quarto?

— Cansei de te chamar e tu não atendeste, então o único meio de acordar-te foi cutucando teu braço.

— Mas por que não veio Pedro me chamar?

— Fique calma, Pedro está no hospital, mas foi apenas um susto.

— Mas o que houve? Pergunta Luciana preocupada.

— Ele sofreu um atentado, diz Oscar, mas já está sendo medicado.

— Onde ele está? Pergunta a mulher preocupada.

— No hospital, responde o policial, a Helena está com ele para dar segurança enquanto, ele estiver tonto, e para ti eu pedi ao sargento Garcia que mandasse um PM, para lhe dar segurança, porque agora eu estou indo atrás de quem tentou matar o nosso chefe. Antes de sair ainda recomendou a Luciana, procure não sair sozinha pra rua porque o atirador pode tentar contra ti também. Após as recomendações Oscar saiu, a procura do atirador, mas não pode deixar de pensar de como era linda a mulher do chefe, pois não pode deixar de olhar aquela bela mulher dormindo nua, e sem coberta por cima, não pode deixar de fazer uma comparação, sorrindo pensou: - A minha é mais bonita.

Chegando a igreja, estava fechada, então foi a porta da sacristia e esta também estava fechada, então chamou o Padre Antônio pelo nome; Bateu na porta, até que chegou uma senhora que faz a limpeza da igreja, dizendo:

— O padre está aí dentro conversando com um homem estranho, que carregava uma maleta esquisita.

— Tu tens uma chave da porta? Pergunta o policial para a servente, e esta confirma.

— Então abra a porta, por favor. Após a porta aberta o policial disse a serviçal, da igreja.

— Aguarde aqui fora que vou ver o que está acontecendo aí dentro. Com sua pistola na mão Oscar vai caminhando com muita atenção ao menor barulho. Em dado momento ouviu um gemido e foi em direção do ruído, encontrando atrás da mesa o padre Antônio, caído e ferido com uma poça de sangue, ao lado de sua cabeça. Abaixou-se rapidamente para examinar o sacerdote ferido, chamando-o pelo nome, este moveu a mão botando-a na cabeça, dizendo:

— O que é que houve?

— Como está? Perguntou o policial ao ferido. Este respondeu com uma enorme dor de cabeça:

— E como aconteceu isto? Pergunta o policial. O padre diz:

— Não lembro, mas está doendo muito.

— Espere um pouquinho que vou buscar socorro, diz Oscar, Saindo para fora. Pediu a serviçal, que chamasse um táxi, para levar o padre ao hospital, pois ele estava ferido. A Serviçal da igreja, tenta perguntar o que aconteceu, mas o rapaz insiste:

— Rápido que ele está perdendo muito sangue, depois vamos saber o que aconteceu. A mulher saiu correndo e logo o padre foi conduzido ao hospital, no táxi acompanhado por sua secretária. Após isto Oscar começou a vistoriar a igreja, subindo até a torre, onde após minuciosa revista, achou um cartucho de fuzil, caído ao chão, e ao lado da janela achou ainda um toco de charuto, sujo de batom bem vermelho. Deixou tudo como estava quando ali entrou, e saiu para pegar uma máquina fotográfica, e fotografar o local, onde provavelmente, foi o local do disparo contra o delegado. Nesta ocasião já estavam chegando a igreja o sargento Garcia e seus comandados, e que a pedido de Oscar, isolaram a igreja não deixando ninguém entrar. Após minucioso levantamento do local do tiro e da agressão ao padre, foram colhidos, objetos como o cartucho, o toco de charuto, e um vaso de bronze, que provavelmente fora usado para bater no padre pois, estava sujo de sangue e com alguns fios de cabelos. Estes objetos foram pegos com cuidado para evitar estragar possíveis impressões digitais. Após terminar este trabalho dentro da igreja, Oscar foi interpelado pelo taxista José Coelho que tinha levado o padre ao hospital, que contou, que a mais ou menos uma hora tinha visto um homem, de estatura média, aparentado uns trinta anos de idade, gordo, e levando uma maleta, do tipo destas que os caçadores usam para levar suas armas. Não estranhou porque o padre gosta muito de caçar, e poderia estar negociando uma arma. Oscar pergunta ao taxista, se te mostrasse uma fotografia desta pessoa se poderia reconhecê-lo.

— Acho que sim, pois ele parou o carro dele ao lado do meu, e pude olhar bem para ele, embora ele tentasse esconder o rosto.

— Que carro ele tinha? Pergunta o policial.

— Um cinca, vermelho e branco, igual ao meu, só mais novo.

— Anotaste a placa?

— Não tinha placas, responde José.

— Muito bem, responde Oscar, e olhando para o Sargento Garcia, diz:

— O senhor pode dar um alerta para policia da região, sobre este carro e seu ocupante, enquanto eu vou tentar ver se o padre Antônio, pode me dizer mais alguma coisa?

De acordo com o sargento, o jovem policial civil, vai em direção ao hospital, ver como estão o padre e o Delegado Pedro. Chegando lá encontra Helena e Luciana, conversando com o Dr. Julio, que já tinha atendido aos dois feridos, e tranquilizava Luciana sobre o estado de saúde do marido. Quando viram Oscar entrando na porta do hospital, vieram em sua direção, perguntado:

— Alguma novidade sobre o bandido, ou os bandidos?

— Sim, alguma coisa. O José do táxi, viu o camarada bem de perto, mas é bom não comentarmos sobre isto, ou ele poderá estar correndo risco de sofrer também um atentado. As características são do Martin, o prefeito de Dois Pinheiros, que está foragido. Parece que está querendo se vingar. E olhando para Júlio, Oscar pergunta:

— Como está o padre Antônio?

— Mais ou menos, responde o médico, ele tem a cabeça dura, e muita sorte, porque uma pancada daquelas poderia telo matado. Ele teve fratura na nuca, o que quer dizer que foi agredido por trás, e vamos providenciar para mandar o nosso vigário para a capital, para fazer uma cirurgia, no local do ferimento, porque aqui não temos meios para tal operação.

— Ele está podendo falar? Pergunta Oscar.

— Não, responde o médico, está sedado, porque as dores são muito grandes, mas acho que desta, ele escapa.

— E o nosso delegado?

— Este está bem, mas está dormindo também, mas dentro de umas duas horas, deverá ir para casa.

— Muito bem doutor, então, vamos trabalhar para achar quem fez estes estragos nos nossos amigos. Helena diz:

— Espera um pouquinho, que vou ao banheiro, e Júlio foi chamado para ir ver uma paciente sua, ficando apenas Oscar e Luciana. Ela olha para o rapaz e pergunta:

— Tu bateste mesma na minha porta hoje de manhã?

— Sim. Bati e chamei várias vezes. Como não atendeste entrei, e da porta tornei a chamá-la mas como tu não respondeste, resolvi ver se estavas bem.

— É, diz Luciana, eu tenho o costume de tapar os ouvidos para não acordar, com o barulho dos galos do vizinho cantando, e não ouvi tu me chamar. E olhando nos olhos do policial Luciana disse:

— Vamos esquecer este incidente. Oscar responde:

— É melhor mesmo, isso só traria um mal estar em outras pessoas, e para nós também. Então estamos combinados, tu bateste na porta e eu já estava na cozinha preparando o café, diz Luciana.

— Certo, concorda Oscar.

Helena chega junto a eles, e os dois policiais, saem para fazer o seu trabalho, deixando Luciana, no hospital, para cuidar do marido. Os jovens policiais chegam a DP, abrem a porta, e enquanto Oscar vai ligar para a central de policia na capital, para avisar sobre o atentado, contra seu chefe, Helena vai atendendo uma pessoa que veio registrar uma ocorrência, de furto de galinhas. Na secretaria de segurança Oscar consegue falar com o secretário, e disse:

— Sr. Secretário, e seu primo o delegado Pedro, sofreu um atentado a bala hoje por volta das nove horas. Mas o ferimento foi de raspão na cabeça.

— Como aconteceu isto? Pergunta o secretário.

— Ele estava sentado na sua sala, quando recebeu um tiro. A bala passou pela janela, que estava aberta, atingindo-o na cabeça, por sorte foi de raspão. O atirador deve ser muito bom atirador porque segundo descobrimos, dele atirou a torre da igreja, que deve dar uns duzentos metros da delegacia.

— Sim, como esta o Pedro?

— Está em observação no hospital da cidade, mas passa bem.

— Sabem quem foi que atentou contra o Pedro?

— Acho que sim, mas não temos certeza. Pelas características foi o ex-prefeito de Dois Pinheiros que está foragido, e parece querer se vingar. Ele ainda agrediu o padre para entrar na igreja, mas foi visto pelo padre, que está em coma, e por outra pessoa, que me forneceu as características do atirador.

— Tens alguma pista deste criminoso?

— Apenas que ele fugiu em carro cinza, vermelho e branco, sem placas. Ele também carregava uma maleta daquelas que se usa para espingardas, a pessoa que o viu disse apenas que ele saiu calmamente para não chamar atenção.

— Já avisaram a policia da região de vocês sobre o fato?

— Foi feito este aviso pela BM. Porque nós saímos em socorro das vítimas, e agora estamos ligando para o Sr. Passando todos os fatos que temos até o momento.

— Muito bem rapaz, diz o secretário, vou mandar um rádio circular para todas as repartições policiais, do estado, dando os dados que me passaste, temos que pegar esta gente, antes que eles consigam o que querem, mas tomem cuidado, tu também, que foste pivô da falência da quadrilha deles. Ah!, antes que desligues, vou mandar para aí agora, o Inspetor Acosta com a equipe dele, para ajudar vocês. Como estão de armamento nesta DP?

— Além dos revólveres, que recebemos no ato da nomeação. Apenas estes, e pouca munição, se o Senhor puder nos mandar uma arma melhor seria ótimo.

— O Acosta vai levar duas Pumas que eu tenho aqui no gabinete para emergências, e alguma munição para vocês, certo e antes da noite ele devera estar ai com vocês.

O dia transcorreu normal, apenas com o registro de um roubo de galinhas, ocorrido no distrito de Figueira velha, onde seguidamente os moradores davam falta de galinhas, e alimentos como arroz, feijão, banha etc. Na parte da tarde o casal de policiais, após o almoço, vão ao hospital saber como estavam as vítimas do atentado. Encontrou seu chefe já querendo ir para casa. Conversaram um pouco. Oscar colocou o delegado a par da situação e das atitudes tomadas.

— Quando chega a turma do Acosta? Pergunta o delegado.

— Daqui a pouco, segundo o seu primo, responde Helena, que estava ao lado de Luciana, mas não perdia a conversa dos homens.

— Ah, pergunta o delegado, quem de vocês deu uma arma para minha mulher? Oscar olha para o chefe e diz:

— Não sei. Mas Helena diz:

— Fui eu, mas eu não dei para ela, apenas emprestei a sua arma, para que ela não ficasse aqui sem nada para se defender de uma eventual, investida de algum atirador covarde.

— E por acaso ela sabe usar uma arma? Pergunta Pedro. Luciana que estava ao lado do marido, olha para ele e diz:

— Quando sair daqui, vamos fazer um concurso de tiro, lá na beira do rio que vais saber se eu sei ou não atirar com este negócio, que tu não me deixas pegar. Os dois policiais subalternos, durante esta conversa de marido e mulher, foram saindo do quarto, mas Pedro notando que Helena puxava o marido pela mão para sair, disse:

— Helena, vem cá, o que tens a ver com esta história?

Luciana responde por Helena, e diz:

— Quando fomos tomar banho no rio ela me ensinou e sabe que aprendi muito bem.

— É verdade, diz Helena, mas foi ela que me obrigou a ensiná-la, diz sorrindo. Eu não queria mas, ela insistiu tanto que eu fiz o que pude para ela aprender. Olhe, cuidado com ela, se for fazer o concurso de tiro, porque o senhor pode perder.

— Vamos ver, diz o delegado, e caíram na risada.

Oscar e Helena, voltam à delegacia e logo chega Acosta com sua equipe, e sem rodeios vai direto ao assunto, após amigável cumprimento.

— Meninos, diz Acosta, o que está acontecendo por aqui? O chefe nos falou rapidamente sobre o atentado ao delegado. Como foi isto? Oscar convida os colegas a entrarem e pede a Helena que providencie um chimarrão, para os colegas que deveriam estar com sede. A moça vai providenciar chimarrão, enquanto o marido põem Acosta a par da situação. Após as explicações, Acosta comenta:

— Tenho uma ideia de como pegar estes criminosos, mas é muito perigoso.

— Fale, disse o delegado Pedro entrando na sala com uma touca branca na cabeça, para segurar o curativo, feito no ferimento que sofrera no atentado contra sua vida. Acosta olha para o Delegado e comenta:

— Chefe, escapaste de boa, mas vamos dar um jeito de pegar estes camaradinhas.

— Qual é a ideia? Pergunta Pedro.

— Podemos fazer uma armadilha para eles responde Acosta.

— E como poderá ser esta armadilha para pegar raposas tão esperta e sem escrúpulos?

— O que se usa para pescar? Fala Acosta.

— Isca, responde Helena, entrando na sala com a cuia e a chaleira de água quente para o mate.

— Resposta exata, responde Acosta. Pedro toma a palavra e diz para os colegas:

— Vamos tomar este mate lá em casa, onde podemos ficar mais tranquilos, já pedi para Luciana fazer alguma coisa para gente ir beliscando enquanto conversamos.

— Que bom! Diz Acosta, estou com uma baita fome. E foram para a casa do Delegado, onde se sentaram na sala os três homens e Helena foi para a cozinha ajudar Luciana, nos preparativos, para um jantar. A Sala e a cozinha da casa eram quase uma peça só, separada apenas por uma bela cortina de conchinhas do mar, e continhas de madeira enfiadas em uma linha de pescar. Quando chegaram, Luciana já tinha feito um picadinho de salame, queijo e pepino, para aperitivo. Bem após tomar um mate Acosta disse vamos ao serviço, a idéia é alguém servir de isca, para estes elementos. E deu uma paradinha e Pedro disse:

— Siga como alguém pode servir de isca se a ideia é boa acharemos esta isca, talvez eu que é quem eles querem eliminar.

— Ou eu que eles também devem estar querendo, fala Oscar.

— É isca temos bastante, diz Acosta, mas os riscos são muito grandes. E por isto temos que fazer uma coisa que os atrapalhe um pouco e tomar todos os cuidados, para que o peixe não leve vantagens. Bem vou procurar expor a minha ideia e se depois alguém tiver alguma coisa melhor poderá falar ou dar ideias modificando a minha. Acosta então começou a falar:

— A isca, creio que para funcionar, deveria ser entre quatro pessoas, que seriam o Delegado e sua esposa, e Oscar e Helena, ou apenas uma das meninas que é policial diz Acosta em tom de brincadeira. E Helena da cozinha diz:

— Acho que uma de nós chamaria mais atenção para eles, pois se pudessem pegar as duas, a vingança seria mais gloriosa pra eles, porque seríamos atingidos, com mais força.

— Tu tens razão só que é perigoso demais e não podemos arriscar a vida de vocês. Este serviço tem que ser para pessoas de mais experiência na profissão e dona Luciana nem é policial.

— Mas eu sou, diz Helena e não tenho medo destes bandidos.

— Sim, mas vamos esperar o Acosta terminar suas ideias, diz Pedro.

— Bem, vamos simular uma pescaria em algum lugar ermo onde se houver um tiroteio não ficarão inocentes feridos. O problema é fazer chegar até eles esta história. Oscar comenta:

— Para isto eu sei onde plantar a notícia, e acho que tenho até o local da pescaria, que é um lugarzinho que seguidamente vamos eu e o Chefe, com as famílias, mas desta vez poderemos ir só os dois.

— Não mesmo, diz Luciana, eu vou junto porque se forem somente vocês dois eles não morderão a isca.

— Bem mas como plantar esta armadilha na quadrilha? Tem alguns dos componentes que ainda estão soltos por falta de provas e a gente pode pedir para um amigo nosso soltar para eles sem querer esta historinha.

— E este amigo é de confiança, pergunta Acosta?

— De toda, responde Oscar. Pode até saber do que se trata, mas para a segurança dele é melhor não saber, apenas soltar no grupinho deles que tal dia nos iremos pescar em sua propriedade.

— Muito bem, diz Acosta, mas temos que antes ir até lá preparar o terreno.

— Sim, acho que eu já sei como, diz Pedro. Acosta, quantos homens estão sobre o teu comando?

— Nove, diz Acosta. E todos de confiança, creio eu.

— Claro, confiança neste caso é fundamental, comenta Pedro.

— Então nós podemos arrumar uma pescaria para nós, e vocês vão lá e preparem o terreno, para fazer a tocaia para os malandros e quando eles aparecerem, nós os pegaremos.

— Sim, mas podem ficar certos de que eles antes de irem vão se certificar de que nós estaremos sozinhos lá.

— Mas de quem são estas terras? Pergunta Acosta.

— São do Martim, o filho do padre, e como tem uma barragem muito grande, e dá peixe dos grandes.

— Mas como entrar lá? Esta fazenda está interditada e tem um, digamos assim, interventor do governo tomando conta, já há algum tempo, e é gente de nossa amizade.

— Não é totalmente de confiança, é por isto que talvez funcione.

— Quem pediria a pescaria para eu entrar lá?

— O Doutor Júlio, que é muito amigo do J. Vasconcellos, que é o interventor que cuida da fazenda. Vasconcellos não nega pescaria para o Júlio.

— Muito bem! E quando poderemos fazer a nossa pescaria?

— Pode ser esta semana. E vamos ver com o Júlio, se ele pode arrumar isto para sábado.

— Mas como entrarmos lá com tanta gente?

— Vamos de caminhão fechado.

— E onde arrumar um caminhão assim? Pergunta Acosta.

— Com o Júlio, ele gosta tanto de pescar que comprou um caminhãozinho baú, só para pescarias. E vocês podem esconder alguns dos homens dentro do caminhão.

— O doutor nos emprestaria este caminhão?

— Ele não empresta aquele caminhão para ninguém além de mim e o Delegado.

— Assim, como vocês vão fechados no baú do caminhão, não haverá risco nenhum de vocês serem vistos por pessoas que possam avisar aos malandros.

— O Doutor vai querer ir junto?

— Sim, enquanto vocês trabalham, nós pescamos, assim não levantaremos suspeitas. Neste local tem uma casinha de campo feita de pedra, onde alguns homens podem dormir a noite, enquanto esperam para ajudar a pegar os bandidos.

— Acho que eles acharão um desaforo nós irmos lá pescar.

Da cozinha Luciana bate na panela do carreteiro que fez as pressas e convida os homens para jantarem, no que foi prontamente atendida, mas a conversa continuou animada, combinando o trabalho, enquanto jantavam.

Sábado, pela parte da manhã, por volta das sete horas, chegam à fazenda Pedro, Oscar, Helena e Luciana. Com o carro do delegado, e o doutor Júlio no caminhão, recheado de policiais, entram na fazenda onde já eram esperados por J. Vasconcelos.

— Bom dia seu Vasco, como era conhecido por todos. Diz Oscar e os outros.

— Bom dia, responde Vasco, chegaram cedo, comenta Vasconcelos.

— Sim, meu amigo, responde Pedro, temos somente três dias para pescar. Mas na terça-feira, teremos que voltar ao trabalho. E estamos todos bastante cansados e nada melhor que três dias a beira da água para descansar um pouco.

— Bem... precisam de alguma coisa? Pergunta gentilmente Vasco.

— Não, amigo, já nos deste tudo o que precisamos. Só precisamos do sossego do campo para descansar.

— Então, fiquem a vontade!

— Tem mais alguém por lá? Pergunta Helena, com um sorriso malicioso nos lábios. Vasco com uma risadinha também de quem estivesse entendendo, que eles queriam ficar só, disse:

— Não e vou dizer para os peões não irem para aquele lado por estes três dias.

— Que bom! Responde Luciana, assim poderemos ficar mais a vontade, também com um sorrisinho malicioso.

Chegando ao local, este estava parecendo deserto, apenas alguns ovinos e bovinos pastando, na volta da barragem, onde não tinha mato cerrado. Entraram no mato por uma estradinha, e foram até a beira da barragem onde tinha a casinha, para acampamento. Desceram do carro deram uma boa olhada na volta para saber se estavam realmente sozinhos, e abriram a porta do baú do caminhão para Acosta e seus homens saírem. E começaram a retirar as tralhas de pescaria, e de luta. Neste momento aparece Acosta na janela da casa e diz:

— Parece que estamos só nós por aqui.

— Sim, responde Pedro, acho que os empregados da fazenda não virão por aqui por estes dois dias. E fez as contas que Acosta tinha em seu grupo nove homens, mais ele, ao todo eram 10. Mais os dois policiais da cidade e Helena seriam treze policiais ao todo. Após a contagem de suas forças disse:

— Bem, amigos, a sorte esta lançada, espero que as forças inimigas não sejam maiores do as nossas. No que Acosta respondeu:

— E se forem temos que segurar o rojão, porque não teremos ajuda de fora.

— Mas estamos bem preparados, temos aqui a nata da Polícia Civil diz Acosta.

— Eu acredito, responde Pedro, já os vi em ação, e sei do que eles são capazes.

— Bem amigos, espero que até amanhã tenhamos terminado esta caçada.

Uma hora mais tarde seguindo o combinado, Oscar e Helena pegam seu material de pescaria e vão pescar, para o caso de haver algum olheiro, e Pedro e Luciana também, porém sem sair muito longe do mato. O sol estava alto, quando longe na estrada que ficava mais ou menos um quilômetro da barragem passava um carro bem devagarzinho, como que estivesse olhando alguma coisa no campo. O Inspetor Gilberto, que estava em cima de uma árvore com uma luneta observando aquele lado da barragem, informou que era

um cinca e que tinha quatro passageiros no carro e que estavam olhando de binóculo para o mato.

— Dá para conhecer as pessoas que estão no carro?

— Não as conheço, mas um é loiro e esta dirigindo o carro o que está no banco de trás do lado do motorista é uma mulher morena e bonita de cabelos curtos.

— Esta tem as características da pessoa à qual deixamos, a informação de que estaríamos aqui pescando.

— Então deve ser da turminha deles, diz Acosta.

— É, e provavelmente estão tentando identificar vocês, é melhor vocês se movimentarem um pouco para facilitar a identificação deles, responde Gilberto, de cima da árvore.

— Oscar e Helena, então resolvem brincar na beira da água, correndo uma carreira, até uma parte mais limpa da água para banharem-se. E rindo Helena chega a um pequeno porto de madeira e pula na água, enquanto o marido que vem atrás atira-se na grama a beira da barragem como se estivesse tropeçado, e olha o carro, que chega a parar para olhar a cena. Logo levanta e imita a mulher, saindo ambos nadando. Pedro e Luciana fazem o mesmo e vão nadar também com os amigos que já estão na água, e o carro segue seu caminho lentamente, até sumir atrás de um mato que tinha naquele local. As observações se seguiram durante o dia inteirinho, e os pescadores procuravam deixar serem vistos, quando não era hora de almoço ou supostamente de descanso, mas o homem da árvore já tinha contado quinze passagem dos olheiros dos criminosos. A tardinha os pescadores ainda colocaram algumas redes e espinheis com um barquinho que tinha no porto. E isto ainda foi visto por um homem a cavalo e também com binóculo.

Chegando a noite... foi combinado que teriam que ficar todos colocados em posição de luta acertada anteriormente, pelos homens de Acosta, que era um estrategista neste tipo de trabalho. E as iscas continuaram apenas como pescadores mas com suas armas sempre bem próximas.

Por volta das quatro horas da madrugada. Preparam-se para o seu servicinho macabro, Martim, o ex-prefeito, e Carlos, o ex-Deputado e filho do pastor. Conversam na entrada do mato. E diz Martim:

— Vamos apenas ferir os homens e depois vamos nos aproveitar das mulheres deles enquanto eles assistem, depois matamos elas aos pouquinhos e depois eles também com a nossa marca registrada.

— É, diz Carlos, eles vão se arrepender de se meterem com a seita do diabo, diz rindo baixinho, Martins. E vão colocando os seus doze capangas a

par da operação, e dizendo que queriam todos vivos, e que já sabiam que eles estavam apenas em quatro, dois casais, e estavam dormindo a beira da fogueira, fora da barraca. Um dos bandidos, conhecido por Saci , pergunta:

— Chefes, nós também podemos dar uma namoradina com as mulheres deles depois de vocês.

— Claro, todos que quiserem, e como quiserem.

— Beleza, diz outro, aquelas mulheres devem ser muito gostosas, porque bonitas elas são. E saíram em silêncio em direção ao acampamento dos pescadores. Chegando no acampamento, cercam os dois casais que dormem abraçadinhos, tapados com um cobertor. Os marginais com todo o cuidado para não fazer ruídos cercam os policiais, e a um sinal de Martin, pulam em cima das vítimas gritando:

— Agora!! E agarram as vítimas. Nesta ocasião acendem-se várias luzes clareando, a clareira onde supostamente dormiam os policiais, e os bandidos tem a surpresa de estarem no claro e seus inimigos, no escuro, e várias vozes, mandando-os largarem as armas.

— Martin e Carlos gritam ao mesmo tempo para seus capangas:

— Atirem neles!!! Coram para o escuro! Mas do outro lado certos tiros, vão derrubando os bandidos como moscas, com tiros certos nas pernas e alguns fatais. Não dando chance para os marginais, que após cerrado tiroteio, ficaram todos caídos ao chão. Martins e Carlos ainda feridos continuavam a gritar, para seus homens:

— Atirem!! Não se rendam, covardes! Mas os coitados não tinham mais condições de reagir. Pedro de seu esconderijo grita para eles:

— Soltem as armas!!! Ou vão todos morrer. Os próximos tiros serão fatais para vocês.

Os bandidos soltaram as armas, menos Martin, que ficou com uma pistola escondida. Carlos que tinha levado um tiro na cabeça, este estava imóvel. Oscar o Pedro foram chegando para conferir se os criminosos estavam realmente entregues e revistá-los, enquanto os outros policiais ficavam dando cobertura. Acosta, nesta ocasião, gritou para os marginais:

— Vocês estão cercados e quem fizer qualquer movimento em falso será alvejado.

Chegaram junto para revistar os bandidos ainda mais dois policiais da equipe de Acosta. Oscar vai direto em Martin que fingindo estar muito ferido procura usar sua arma que estava escondida, contra o policial, mas este, como já estava bem próximo do bandido dá um chute na arma arrancando-a da mão de Martin, que fica gritando e ameaçando o policial:

— Se não me matares ainda vou te pegar, seu policinha de merda. Tu ainda não acabaste comigo, e para isto terás que me matar. Eu já acabei com gente muito mais esperta do que tu, e ainda vou fazer isto.

Gilberto chega perto com a arma engatilhada, e encosta na cabeça de Martin dizendo:

— Tu não vais ameaçar mais ninguém seu verme, mataste o meu amigo a algum tempo e agora vou acabar contigo.

Martins olhou para Gilberto e provocando mais a sua raiva disse:

— Atira, seu policinha de merda, tu não és homem para matar um cara como eu. Oscar pondo a mão na arma de Gilberto, disse:

— Não colega, ele não merece a tua bala, nem a tua carreira cometendo um homicídio a sangue frio. Neste momento escuta-se uma rajada de metralhadora atrás dos policiais, e eles olham para atrás. Helena e Luciana, estão agarradas em duas mulheres que estavam atrás dos policiais. Uma com uma metralhadora, Iná e outra armada de pistola.

As mulheres dos policiais que por precaução estavam ainda escondidas, viram as duas quando chegavam e pegaram, as duas com golpes de caratê, imobilizando-as. Acosta olhando para elas comenta:

— Viram como nós não estávamos protegendo vocês. É, comenta Helena, se não estivéssemos ainda escondidas teríamos alguns de nós feridos ou mortos por estas duas cobras.

— Bem, pessoal, e os nossos como estão?

— Vamos ver, responde Acosta fazendo um tipo de chamada que todos responderam. Não tinha nenhum ferido.

— Então, se todos os nossos estão bem, vamos socorrer, os capetinhas do Martin e do Carlos. Pelo rádio portátil, que tinham, chamaram os outros policiais das redondezas, para ajudar no transporte dos feridos e quatro mortos, sendo um deles, Carlos, o filho do Pastor.

Martin ao saber que Carlos estava morto, teve um surto de choro e lamentação, gritando:

— Seus merdas!!! Vocês mataram a única pessoa que amei na vida. Era meu homem, minha mulher, meu amor de muito tempo. Podem ficar certos de que vou vingar-me de todos, matando um por um e seus filhos e mulheres. Ou então me matem agora, para eu ir com ele. Acosta olha na cara do bandido e diz:

— Ainda além de tudo, é veado. Pedro comenta com Acosta:

— É colega, estes veados, quando caem para o crime são mais perigosos do que os machões.

Duas horas depois estava o hospital de Sabiá do Sul, em tremendo alvoroço, com vários feridos, e quatro mortos, pois dois dos bandidos feridos, morreram antes de serem socorridos. Júlio correndo, para tentar salvar-lhes as vidas estava operando um deles, o mais gravemente ferido dos sete homens ali entregues aos seus cuidados.

Helena, que tinha conhecimentos de enfermagem, estava ajudando a cuidar também dos feridos, porque faltava enfermeiras para tantos feridos. Aguardavam, ainda a presença de um médico da cidade vizinha que estava a caminho para ajudar. Luciana, por sua vez também com poucos conhecimentos de enfermagem, estava ajudando os feridos, e por obra do destino caiu para ela, cuidar de Martin o chefe dos diabinhos, que ainda estava vivo, mas com um ferimento grave no braço direito que estava praticamente, arrancado com um tiro de espingarda calibre doze.

O bandido que estava ainda chorando de dor e pela perda do amante e companheiro de crimes, ao conhecer Luciana pergunta:

— Tu és a mulher daquele delegadinho intrometido que pensa que acabou comigo, pois fiques sabendo que eu vou sair daqui, e vou pegar todos os que se meteram em meu caminho, e tu serás uma das minhas futuras vítimas. Luciana calma olha para ele e responde:

— Primeiro vai ter que arrumar outro braço, e depois fugir da cadeia, e aí nos procurar. Se isto acontecer, nós estaremos te esperando. Mas agora cala esta boca, se quiser ser ajudado.

Chegou o médico Dr. Afonso, da cidade vizinha, para ajudar aos feridos. Até o final do dia todos já haviam sido medicados e estavam fora de perigo. Os policiais reuniram-se na delegacia, para avaliar o trabalho pronto e os atos de prisão em flagrante dos marginais que estavam vivos. Foi entregue os autos no foro. E foram descansar o merecido descanso.

No dia seguinte a delegacia de Sabiá do Sul não abriu suas portas, porque seus funcionários dormiram o dia todo de tão cansados que estavam.

Cinco meses após estes fatos foram a julgamento os malfeitores deste episódio, sendo todos condenados. Martin foi quem maior pena pegou, cento e trinta anos de cadeia. E os policiais que trabalhavam na pequena cidade de Sabiá do Sul festejaram o termino de um grande trabalho, reunindo-se na casa do delegado e sua mulher. Fizeram um suculento churrasco, onde foram convidados Acosta, O dr. Júlio e Ivone, agora sua esposa; Oscar e Helena; e o Juiz sozinho e o promotor que, se fazia acompanhar pela bela loira Marilda, que estava namorando, com sérias ideias de casamento.

O assunto dos participantes era a Seita do Diabo. O Juiz comentando o começo dos crimes de Martin e Carlos e seus parceiros. Falando da maneira como Martin confessara que matara o pai, o Padre, e o Pai de Carlos, o pastor da cidade de Dois Pinheiros, porque o pastor descobriu que o filho era amante de Martin, que era filho do padre da cidade. E que todos os envolvidos sabiam da paternidade de Martin. O pastor falou para o padre dos filhos e estes resolveram mandá-los para longe um do outro. E por isto prepararam uma cilada para os dois, ajudados pelos comparsas já conhecidos do começo da seita. Eles atraíram os pais para o porão da igreja, onde o padre era o pároco, e os prenderam, torturaram, e os mataram da mesma maneira que mataram todos os outros companheiros que discordaram deles, torturados, seviciados por eles mesmos e alguns companheiros de crimes. Para lembrar suas barbaridades gravavam tudo em fitas de vídeo, inclusive o som dos lamentos das suas vítimas.

Acosta que era o mais velho do grupo na sala fez ainda um comentário:

— Nunca vi gente mais endiabrada que este grupo. E olhem que tenho quase trinta anos de polícia, e já vi muita coisa, mas estes extrapolaram todos os códigos da decência. Parecem indivíduos sem alma. Realmente demônios encarnados. E podemos nos preparar para quando este grupo sair da cadeia, porque virão certamente atrás de nós. Temos que ficar muito atentos para ficar sabendo seus movimentos na cadeia, se fugirem, ou forem soltos. Vai ser bom ficarmos sabendo logo, para prepararmos nossa defesa porque sabemos o potencial de cada um deles. Principalmente o cabeça atual do grupo. Oscar ainda comenta:

— Não nos surpreendamos se eles escaparem ajudados por outros capangas que ainda estão soltos, e ficaram quietos. E nós ainda sabemos, mas não podemos provar. Tem ainda mais três deputados, que fazem parte da quadrilha, e dois senadores. Todos estes com mais poder do que Carlos tinha, pois são umas raposas velhas, estão no congresso a muitos anos, somente mandando os Martins da vida executar os crimes que eles não querem aparecer. E como os senhores sabem, nós temos os nomes deles. Mas com toda a imunidade que eles tem, fica fácil, cometer crimes e ficar impune. Segundo um dos diabinhos fundadores, que não vamos dar o nome, Carlos e Martin, receberam alguns milhões para matar um senador para ele assumir o cargo. Infelizmente a Polícia e a justiça ficam de mãos algemadas, para investigar estes criminosos de colarinho branco. Ainda bem que parece que lá tem alguns honestos, que tentam pautar suas atitudes dentro de uma heróica moralidade.

— Tomara que este grupo de parlamentares honestos, façam uma coisa, diz Ivone, a esposa do médico Julio e dá um tempinho para alguém

perguntar o quê. Como ela ficasse esperando alguém perguntar, seu marido pergunta.

— O que eles devem fazer? E ela responde:

— Acabar com esta imunidade vergonhosa, que somente eles tem. Porque o cidadão de bem não tem imunidade, não tem direitos, não tem! E não tem! E os parlamentares tem tudo, além de quinze salários por ano, e o povo tem treze. Tem duas férias por ano. O povo tem uma. Tem cem secretários, não se sabe para quê. O povo que se dane.

Todos concordaram com a Professorinha e o Juiz ainda faz um comentário.

— E o Salário das professoras, é uma vergonha, e eles querem achatar para desmotivar os professores. Porque povo ignorante é melhor para eles, pois é mais fácil convencer a votar neles. Todos aplaudiram a professorinha e o Juiz.

Como era domingo, após o almoço de comemoração por um trabalho bem feito, a turma toda foi para o salão paroquial, onde todas as tardes de domingo, tinha baile.

Chegando lá a festa estava muito animada com uma bandinha de quatro figuras, mas muito bem afinados, mas faltava um cantor. Padre Antônio era o mais animado e ao ver Marilda entrando de braços com o promotor, chegou perto e pegando a moça pelo braço, disse ao seu namorado:

— Empresta-me esta mocinha um pouquinho, e o namorado concordou, pois era o padre. E ele levando-a pelo braço, conduziu-a ao palco e disse:

— Canta um pouco para nós, o que a moça não se fez de rogada. Começou a cantar uma sambinha muito conhecido, deixando seu namorado surpreso. E como ele também gostava de cantar subiu ao palco e acompanhou a namorada no samba do Ernesto. Todos aplaudiram porque sabiam do potencial de Marilda como cantora, mas não sabiam do promotor, que tinha uma bela voz e era bem afinado. Padre Antônio que tinha feito uma boa amizade com Acosta apresenta para ele uma senhorita, dizendo:

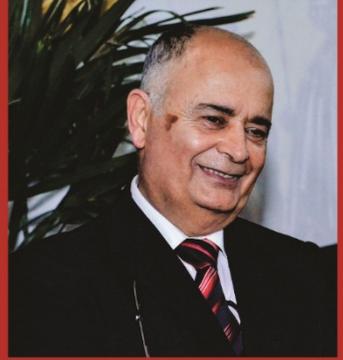
— Esta moça é bem dançadeira, e ela quer dançar com você. Era o Único dos policiais que estava sem par, e todos riram e saíram dançando, até que tocou um tango, que o promotor cantou. Padre Antônio, como sabia que o Delegado não gostava de dançar tango, e sua esposa era uma eximia dançarina, pediu emprestado o par de Pedro. Deram um Show de tango, o padre dançarino e Luciana a mulher do Delegado. Durante a Apresentação de tango muito bem cantado pelo promotor, e o casal de dançarinos, que ficaram

sozinhos no salão, no meio de um círculo formado pelos amigos que olhavam e aplaudiam.





[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Odilon, nascido em 25 de dezembro de 1947, em Bagé, RS, é inspetor de polícia aposentado. Exerceu o cargo nas cidades de Arroio do Meio, Encantado, Santana do Livramento, Bagé, Santa Bárbara do sul e Cruz Alta. Desde o ano 2000 reside em Passo Fundo. Filho de policial civil, terceiro filho de uma família de 12 irmãos. Atualmente é acadêmico do curso de Geografia na Anhanguera de Passo Fundo. Casado com Julia Helena há 44 anos, seu primeiro amor. Deste amor resultaram três belos filhos: Maurício, Gisele e Aline. Este é seu primeiro livro.

Nesta obra temos muita ação, uma mostra de como pode ser feito um trabalho com amor pela profissão, com policiais honestos e comprometidos com seu trabalho, com a polícia e o judiciário trabalhando em conjunto, Polícia Civil e Brigada Militar também trabalhando juntos, amizade e respeito entre colegas e respeito entre funcionários públicos e usuários destas instituições. O livro proporciona cenas com vários enfrentamentos entre policiais e malfeitores, além de muito romance.

